



**CENTRO DE PESQUISAS
e Desenvolvimento Histórico**

**Evolução e transformação
em uma trajetória de sucesso e
importantes conquistas**

INSTITUTO HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE PIRACICABA
DIRETORIA
(2002 a 2004)

Presidente
HALDUMONT NOBRE FERRAZ
Vice-Presidente
MOACYR DE OLIVEIRA
CAMPONEZ DO BRASIL
SOBRINHO
1º Secretário
FRANCISCO DE ASSIS FERRAZ
DE MELLO
2º Secretário
THIMOTÉO JARDIM
1º Tesoureiro
FLÁVIO RIZOLO
2º Tesoureiro
OSWALDO CAMBIAGHI
Orador
ANTÔNIO HENRIQUE DE
CARVALHO COCENZA
Bibliotecária
MARLY THEREZINHA GERMANO
PERECIN

IHGP
Revista do Instituto Histórico e
Geográfico de Piracicaba
Ano X - 2003 - Número 10

Coordenador da Revista
FREDERICO PIMENTEL-GOMES

O IHGP é uma publicação do
Instituto Histórico e Geográfico de
Piracicaba

INSTITUTO HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
CNPJ 50.853.878.0001-48
Rua do Rosário, 781
13400-180 Piracicaba-SP - Brasil
Telefone: (19) 3434-8811
E-mail: ihgp@ig.com.br

EDITORAÇÃO E IMPRESSÃO
Gráfica e Editora Degaspari
R. Barão de Piracicamirim, 1926
Fone/Fax: (19) 3433-6748
13416-150- Piracicaba-SP
E-mail: graficadegaspari@bol.com.br

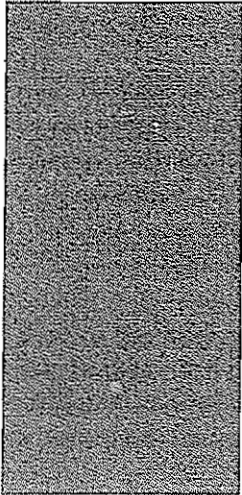


INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA

Índice

| | |
|--|----|
| * A Família Thomazi | 3 |
| <i>Francisco de Assis Ferraz de Mello</i> | |
| * O Romance Histórico nas Preocupações do Historiador | 8 |
| <i>Marly Therezinha Germano Perecin</i> | |
| * Duas Falhas de Floriano? | 23 |
| <i>F. Pimentel-Gomes</i> | |
| * O Intelectual na Afirmação e Declínio do Brasil Império: Breve Reflexão | 25 |
| <i>Vitor André de Souza</i> | |
| * Construindo para o Futuro: Os primeiros Tempos do Colégio Piracicabano | 29 |
| <i>Marcelo Cachioni</i> | |
| * Contexto Cultural e Desenvolvimento Conceitual | 44 |
| <i>Maria Dulce Bandiera Bergamin</i> | |
| * O Real Velho e Algumas Outras Unidades Antigas - Usadas no Brasil | 52 |
| <i>F. Pimentel-Gomes</i> | |
| * Constituição (Piracicaba) e o Processo de Urbanização (1767 - 1822) | 55 |
| <i>Ligia Nerina Rocha Duarte</i> | |
| * Poesia Piracicabana é Destaque na Itália | 69 |
| <i>Elias Salun</i> | |
| * Piracicaba nos Anais da Ciência | 73 |
| <i>Theo Germano Perecin</i> | |
| * Rua do Porto ou da Praia - A Grande Batalha | 75 |
| <i>Hugo Pedro Carradore</i> | |
| * Memórias da Escravidão o Poder Patriarcal | 81 |
| <i>Hugo Pedro Carradore</i> | |
| * Meu Tempo em Piracicaba | 85 |
| <i>Jayme Rosenthal</i> | |
| * Os Monges e os Manuscritos do Mar Morto | 90 |
| <i>Fernando Ferraz de Arruda</i> | |
| * Peregrinações e Lugares Sagrados | 92 |
| <i>João Luís Franchi</i> | |

Capa: Studio D Propaganda e Marketing. Fone: (19) 3411-3851.



A FAMÍLIA THOMAZI

Francisco de Assis Ferraz de Mello¹

Duas famílias de artistas plásticos se destacaram em Piracicaba devido ao gênio dos seus filhos: Dutra, comentada em artigo anterior (Mello, 1999) e Thomazi. Desta família serão feitas referências neste artigo.

ERNESTO THOMAZI

Nascido em Veneza, Itália, em 1889, veio ele para o Brasil ainda criança e viveu muitos anos em Piracicaba. Foi pintor e decorador.

EUGÊNIO THOMAZI E JOÃO THOMAZI

Nascidos em Piracicaba, foram pintores e decoradores, com muitos trabalhos em igrejas do Estado de São Paulo (Iguape, Piraçununga, Botucatu).

Em Piracicaba, João decorou as capelas da Santa Casa de Misericórdia e da Igreja do São Benedito, bem como várias capelas na zona rural.

MÁRIO THOMAZI

Mário Thomazi nasceu em Piracicaba em 07/02/1895 e faleceu na mesma cidade em 22/07/1974.

O gosto pela pintura se revelou cedo em Mário Thomazi, de modo que, aos 14 anos de idade, se transferiu para São Paulo, com o fim de auxiliar o irmão Ernesto, na decoração de igrejas, sobretudo. Conviveu com artistas italianos lá radicados e aprendeu a técnica de fazer vitrais.

Aos 22 anos começou o seu trabalho de decoração de ambientes em Descalvado e depois em Piracicaba. A seguir, algumas vezes com o irmão, mas geralmente só, deco-

1. Sócio Titular do IHGP. Professor Titular (aposentado) da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (USP).

3

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

rou igrejas e capelas em Piracicaba, Botucatu, São Manuel, Piraçununga, Rio das Pedras, Iguape, Tatuí, Itapetininga, Angatuba, São Pedro, Sorocaba, Lindóia, Amparo, Conchal, São Simão e outras cidades. Exerceu a sua profissão, ainda, no Paraná e em Minas Gerais, numa faina intensa até 1970.

Em Piracicaba, Mário Thoamazi decorou os seguintes locais: Salão de Festas do Asilo Imaculada Conceição, Teatro Íris, Capela Mor da antiga Matriz de Santo Antônio, Teatro Santo Estevão (pano de boca), Igreja Bom Jesus (forro), Sociedade Italiana de Mútuo Socorro, Igreja Imaculada Conceição, Capela da Igreja de Santa Terezinha e Igreja de Nossa Senhora da Assunção (retábulo).

Mário deixou valiosa documentação em aquarela, cópias de desenhos, paisagens e aspectos da cidade natal no final do século passado que hoje constitui valioso patrimônio, uma vez que os originais se perderam.

A esse respeito Chiarini (data não anotada) diz: Fixou os seus (de Piracicaba) aspectos em aquarela, não se lhe escapando a Matriz Velha (1892), o lado esquerdo do Jardim Público, visto dessa Igreja, em 1890; o muro do Cemitério da Boa Morte (o de Miguelzinho); o Largo (atual Bom Jesus), repleto de árvores, principalmente palmeiras; a Rua do Rosário, apanhada de onde esteve a Chácara Nazareth; a velha Estação da Sorocabana, que esteve até 1941 no lugar do atual prédio, etc.

Em 1952 eu tornei-as públicas, expondo-as e obtendo a única e principal medalha (ouro) do Departamento de Cultura...

É possível analisar Piracicaba da época e ter-se um painel de sua arquitetura, as vivências e revivências daqueles anos.

Mário fez, também, inúmeros quadros a óleo, que hoje são importantes documentos de Piracicaba do seu tempo.

Consta que, em 1939, a Condessa Edda Ciano, em visita ao Brasil, adquiriu um retrato do seu pai, Benito Mussolini, e várias paisagens, pintados por Mário Thomazi.

O XXII Salão de Belas Artes de Piracicaba homenageou o pintor (Catálogo, 1974) dizendo, entre outras coisas:

De uma autoridade eclesiástica, D. Aguirre, então bispo de Sorocaba, recebeu o elogio que se encontra no livro do Tombo de uma Igreja de Tatuí: *Mário Thomazi transforma-se num verdadeiro anjo quando pinta assuntos religiosos.*

Dignificou o nome da nossa terra em todos os lugares em que exerceu sua arte. Fez parte do Júri de Seleção e Premiação do V Salão de Belas Artes de Piracicaba, em 1957.

ALBERTO THOMAZI

Alberto Thomazi, que, durante toda a vida manteve um amor sagrado por Piracicaba, nasceu nesta cidade, mas foi registrado em São Manuel, SP. Foi o artista mais notável da família. Em 1968 a Câmara Municipal de Piracicaba outorgou-lhe o título de Cidadão Piracicabano, em reconhecimento aos valiosos serviços prestados à comunidade. Foi-lhe uma dádiva do céu, a ele que era piracicabano de nascimento e de alma.

Expôs mais de cem vezes em salões oficiais, alguns de relevância nacional, como Salão Nacional de Belas Artes, Salão Paulista de Belas Artes, Salão Baiano de Belas Artes e outros, conquistando inúmeras medalhas de ouro entre tantos lauréis de sua vasta e rara premiação. Participou, também, de muitas mostras, coletivas e individuais.

Foi diversas vezes presidente de salões e, por mais de trinta vezes, membro de júris de seleção e premiação.

Exerceu atividade imensa. Eis algumas delas:

- Desenhista concursado na Cadeira de Citologia e Genética, da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, de 1944 a 1948;
- Professor na zona rural, em Piracicaba;
- Sócio-fundador do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba;
- Membro do Conselho de Defesa do Patrimônio Artístico e Cultural de Piracicaba;
- Sócio-fundador da Associação Piracicabana de Artistas Plásticos;
- Membro do Conselho Técnico e Consultivo da Casa de Artes Plásticas de Piracicaba;
- Membro Consultivo da Academia Paulista de Belas Artes;
- Membro Diretor do Museu Histórico e Pedagógico Prudente de Moraes;
- Diretor da Casa de Artes Plásticas de Piracicaba;
- Membro da Sociedade Amigos do Museu Prudente de Moraes;
- Professor de pintura, de 1973 a 1986, na Casa de Artes Plásticas de Piracicaba;
- Publicou vários artigos em jornais locais sobre a história da cidade em relação à imigração.

5

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

- Um artigo de sua autoria: **Piracicaba Setecentista - Baluarte de Defesa do Centro Sul do Brasil**, em que defendia a construção imediata da Rodovia do Açúcar, foi lido na Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo.

Trabalhos do artista se encontram em edifícios públicos, galerias e coleções particulares no Brasil, China, Estados Unidos, Itália, Argentina, Museu do Vaticano, Coréia, Áustria, Japão, Alemanha, França, Panamá, Costa Rica, Colômbia, etc.

Seu nome integra diversos registros artísticos, tais como o Arquivo Histórico da Bienal de Veneza, Itália; Pintores Contemporâneos do Brasil; Dicionário Brasileiro de Artistas Plásticos, do Ministério de Educação e Cultura (MEC); Guia Internacional das Artes; Memórias de um Viajante Antiquário.

Entre o grande número de prêmios obtidos constam:

- Salão Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro - Menção Honrosa (1951);
- Salão Paulista de Belas Artes - Menção Honrosa (1956), Pequena Medalha de Prata (1957), Prêmio **Palácio das Tintas** (1961), Prêmio **Aquisição do Governo Estadual** (1969), Prêmio **Casa Miguelângelo** (1972).

E as medalhas de ouro nos seguintes salões:

- Salão de Belas Artes de Piracicaba (1977);
- Salão de Belas Artes de Itu (1982);
- Salão Ararense de Belas Artes (1983);
- Salão Limeirense de Arte Contemporânea (1983);
- Exposição de Artes Plásticas **Guimar Novaes**, São João da Boa Vista.

Alberto Thomazi foi homenageado, em vida, pelo Lar dos Velinhos de Piracicaba (Diploma de Benemérito) e pelo III Salão de Artes Plásticas Ermelinda Otoni de Souza Queiroz, da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Diploma de Benemérito do Acervo Ermelinda Otoni de Souza Queiroz, 1986). Entretanto, o que mais o agradou foi, sem dúvida, a sua cidadania piracicabana reconhecida.

Postumamente, recebeu muitas homenagens, sendo as seguintes mais significativas:

- A Prefeitura do Município de Piracicaba denominou a Galeria de Artes da Casa do Povoador Ga-



leria Alberto Thomazi e perpetuou a memória do artista dando o seu nome a uma rua do Bairro Glebas Califórnia.

- A Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo denominou uma Escola do Bairro Cruz Caiada, em Piracicaba, **E. E. P. G. Prof. Alberto Thomazi**.

Além de professor e pintor, Alberto Thomazi foi decorador, museólogo, antiquário, restaurador e historiador de fatos ligados a Piracicaba.

Garboggini (1986), velho amigo do artista, dedicou-lhe um artigo póstumo cheio de emoção que diz, entre outras coisas: *Era pessoa pacífica, alegre e comunicativa... Desapegado das ambições comuns, jamais soube cobrar realmente pelos seus quadros... Teve a sorte de viver rodeado pela compreensão e carinho da família e orbitou livremente pelo universo da Arte. Tenho a impressão de que todos os que o conheceram bem consideram-no uma pessoa feliz.*

E eu, que tive a ventura de conviver com ele, de conhecer-lhe os pais e irmãs, de contar com amizade da esposa e dos filhos, me atrevo a afirmar: - *Bertico² foi um homem feliz.*

Alberto Thomazi era filho de Mário Thomazi. Nasceu em 14/01/1922 e faleceu em 01/11/1986, em Piracicaba.

DIVA MARIA THOMAZI DE CASTRO

Nascida em Piracicaba em 08/09/1923, continua em atividade. Artista sensível, de linha acadêmica.

Além de excelente artista plástica é musicista de rara inspiração e membro da Escola de Música de Piracicaba.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

CATÁLOGO, 1974 - Homenagem a Mário Thomazi. Catálogo do XXII Salão de Belas Artes de Piracicaba.

CHIARINI, J., data não anotada - Memórias. *Jornal de Piracicaba*.

GARBOGGINI, A., 1986 - Alberto Thomazi, velho amigo, pintor e muito mais. *Jornal de Piracicaba*, 06/11/1986.

MELLO, F. A. F., 1999 - A Família Dutra. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba*, pp. 19-29.

MELLO, F. A. F., 1999 - *Dicionário Piracicabano de Artistas Plásticos*. Piracicaba.

2. Bertico - Cognome afetivo de Alberto Thomazi

7

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

**O Romance Histórico nas
Preocupações do Historiador:
Considerações a propósito do
trabalho apresentado em 30 de
setembro de 1994 no Congres-
so Literatura e História, realiza-
do na UNICAMP, sob o título:
*A Trama do Romance Histórico:
uma Perspectiva Metodológica***

Marly Therezinha Germano Perecin¹

1. Doutora em História,
Ex-Presidente do IHGP.

RESUMO: Este trabalho é fruto do interesse sobre o tema, da pesquisa documental e do exercício sobre a Memória, construído na prática solitária e artesanal, de quem se atropelou na perplexidade da História, e, havendo da infância o dom do narrador, busca o Passado sem outro comprometimento que não seja explicá-lo em narrativa de tempo Presente. As teorizações implícitas adequam-se à prática do Romance Histórico, a minha opção preferencial na composição de *O Encontro das Águas*, trilogia onde busco dar a conhecer a antiga civilização paulista.

PALAVRAS-CHAVE: Romance Histórico, Memória, Processo criativo, Trama, Estrutura narrativa, Textualização, Real e Ficcional, Desafio epistemológico, Literatura, Trilogia.

Em nossa proposta sobre o novo modo de rescrever a História aceitamos o desafio de que produzir é lançar tiros ao futuro. Neste sentido passamos a tecer algumas considerações sobre a experiência histórica do homem quanto:

1. Aos modos de dizer:

Buscar o passado para explicá-lo em tempo Presente é verdade epistêmica da História, intimamente relacionada às virtudes do pesquisador e às potencialidades do narrador. Pré-existe à tarefa organizacional do Romance Histórico.

Entendido este como um produto cultural definitivo, o seu futuro e a sua sobrevivência, colocam-se na dependência e na empatia de um parceiro fortuito, o leitor, suspenso num

8

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

estado de solidão equivalente, para efeito de intercambiar as experiências do narrador, fisicamente ausente.

Na solidão opera-se o circuito do saber compartilhado. O leitor não está só. Pressente algo tensionante no diálogo silencioso, que o envolve num mistério intrigante. Outro algo, semelhante a uma chama, conquanto dotado de certo componente de sedução, garante o nível de interesse. Ambos fazem com que o leitor se renda à emoção, passando a querer descobrir os segredos do texto, apoderar-se dos personagens, conhecer o fim da narrativa sem se aperceber de que fora submetido a uma bateria de informações científicas, que participara de uma aula silenciosa, que o amigo invisível com quem partilhara a reflexão e a companhia solidária não era outro, senão o mestre historiador, figura em simbiose com a Literatura.

O Romance Histórico adquiriu expressividade na Literatura do século XIX, assegurando os seus direitos no interior da produção cultural do Ocidente, longe de ser um entretenimento burguês. Victor Hugo dele serviu-se para as suas aulas magistrais sobre a História da França, pós-revolucionária. Contemporaneamente, o medievalista Umberto Eco, logrou unânime aceitação com o célebre *policia* *das trevas*, *O Nome da Rosa*. Pouco cultivado no Brasil, passou a despertar, recentemente, a curiosidade dos intelectuais (mais por modismo do que por seu valor intrínseco), gerando certa polêmica entre os produtores de literatura; até mesmo, despertando a simpatia e a compreensão daqueles que cultivam os cânones da ortodoxia científica no campo da História.

No primeiro momento, eu o conceituaria como um produto teórico da consciência, enquanto se virtualiza no interior de uma construção narrativa. O campo da elaboração mental circunscreve a sua evolução processual, da gênese ao discurso, e, deste, ao momento prático em que adquire explícita manifestação literária².

Esse produto conserva a marca da sua singularidade. Busca sempre realizar uma *performance* numa categoria de tempo passado, conquanto a intenção seja comunicar o saber em tempo presente com visitas ao futuro. Simultaneamente, desenvolve estratégias de seduzir (cativar) o leitor e enseja questionamentos que o levam à reflexão

2. Adam SCHAFF. *História e Verdade*, p. 97.

9

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

3. Exemplo clássico é o célebre romance de Victor Hugo *Les Misérables*. Sob a trama passional de Jean Valjean, faz desfilar 1/2 século de História da França, desde a Revolução de 1789 até a 2ª República.

4. Walter BENJAMIN. *O Narrador*, p. 209.

5. Antonio CÂNDIDO. *Literatura e Sociedade*, p. 179.

dos modos de ser, pensar, sentir, dizer, fazer e agir de um período da história de uma sociedade. Mas, o que o torna, verdadeiramente, original entre tantas formas literárias é o fundamento científico, epistemológico das suas verdades, manifesto na intimidade da trama narrativa³. Exige quase tanta pesquisa quanto uma monografia, revelando-se exaustivamente artesanal e minucioso.

Este mesmo fundamento científico da trama responde, no presente, pela polêmica e incompreensão armadas contra o que se tem considerado visão deformada (ficcional) da História. Sabemos que as injustiças ao Romance Histórico serão mais comedidas num tempo futuro. Presentemente, o que podemos fazer por ele é divulgá-lo e defendê-lo por sua conveniência e utilidade.

Quando se projetam os focos de interesse sobre o processo de elaboração do Romance Histórico ou sobre os seus graus de organização, a questão da trama adquire maior destaque, rouba o espetáculo. Assim, em função do nosso interesse e envolvimento buscamos lançar uma perspectiva metodológica sobre essa questão, tratando-a quanto:

2. Aos Graus de Organização do Romance Histórico

2.1. A Estrutura Narrativa e a Globalidade da Construção

Benjamin (1986) prospectou arqueologicamente a origem e a natureza das estruturas narrativas do Romance literário (ficcional), da Historiografia (científica) e do Romance Histórico com muita propriedade e rara beleza, criando-lhe a metáfora da luz indiferenciada no espectro solar a zona neutra em que as três formas se confundem, havendo por concluir que a estrutura narrativa, que nelas se consubstancia, na globalidade das construções, constitui uma verdade axiomática⁴.

As *nuances* de grau no enfoque da parte do narrador (que detém o processo criativo específico) e na ótica do leitor (que detém o poder recreativo e de representação da obra) respondem pelas diferenças, cada vez mais aproximativas, entre uma e outra. Os fundamentos destas semelhanças situam-se em nível dos princípios estruturais ativos⁵ – agentes cognitivos



específicos, que se manifestam em atividade durante todo o processo da construção narrativa, desde a sua gênese embrionária até a formalização do discurso. Portanto, a ordem cognitiva que atribui especificidade relativa a cada uma daquelas formas narrativas remonta as suas raízes epistêmicas.

Hayden White (1992) completa a linha de raciocínio com admirável clareza e praticidade⁶. Uma estrutura narrativa, na globalidade da sua construção, implícita diversos graus de organização; ou melhor, *os passos do arranjo* (as fases da narrativa) ficam demonstrados mediante formas explícitas (arranjos menores). Vejamos:

2.2. Os Passos do Arranjo

Quanto ao conteúdo podem revelar-se em:

Crônica. Um repertório de eventos de procedência (origem) diferenciada, históricos, ficcionais ou combinados (histórico-ficcionais) constitui-se em elemento interior. Nas três formas a crônica é o elemento pré-figurativo, comum e básico ao processo de construção narrativa.

Estória. Da crônica à estória a evolução é natural, pois ela aparece no momento em que se opera, no campo interior da consciência, um arranjo explicativo preliminar sobre o repertório de eventos. O princípio organizador (a Inteligência) decide o arranjo no sentido de atribuir-lhe maior clareza, impondo-lhe uma certa hierarquização de propósitos (um princípio, um meio e um fim conclusivo).

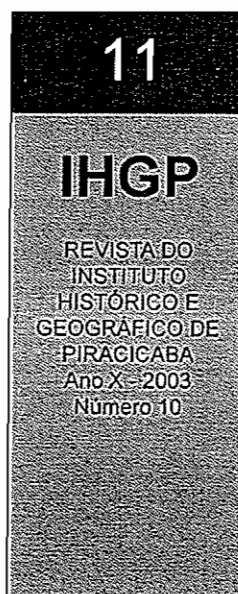
Trama. Pôr enredo na estória é construir uma trama particular, é recriar (no sentido de explicar)⁷. Portanto, a trama é uma construção mais dinâmica, mais complexa do que as anteriores, a parte substancial do processo criativo. É no interior da trama ou discurso que se definem as especificidades de cada uma das formas narrativas, o Romance Literário, o Romance Histórico e a Historiografia. Portanto, nesta configuração deixa de existir a luz indiferenciada e metafórica de Benjamin para decodificar-se a especialidade reveladora de cada produto.

Quanto à Forma

A Formalização propriamente dita. O processo de amadurecimento da trama (enquanto conteúdo) leva à

6. Hayden WHITE. *Meta-História*, p. 21.

7. *IBIDEM.*, p. 23.



8. Soares AMORA. *Teoria da Literatura*, p. 35.

9. Hayden WHITTE, *op. cit.*, p. 23.

formalização da linguagem, à textualização em todas as suas implicações lingüísticas e semânticas. A prosa terá o seu encadeamento lógico e seqüencial, distribuindo-se ao longo das Partes e dos Capítulos; terá o seu ritmo, intercalando períodos de tensionamento e relaxamento, pausas para a reflexão das propostas implícitas e assimilação das informações; será o veículo da emoção e depositária de um pequeno tesouro – refiro-me à pesquisa particular sobre a linguagem de época (os falares do caboclo, do negro ou da classe dominante), que deve ser acompanhada do respectivo glossário. Eu o tenho oferecido nos meus romances históricos integrantes da trilogia **Encontro das Águas**.

A Síntese. Da concomitância e indissolubilidade entre o conteúdo e a forma atinge-se a plenitude da manifestação literária ou síntese, que é oferecida como produto final⁸. Acham-se lançadas as coordenadas para a crítica da estrutura narrativa das referidas formas literárias.

2.3. A Trama do Romance Histórico

A convergência dos princípios estruturais ativos, históricos, ficcionais ou combinados na estória predispõe ao vazamento do enredo e à reelaboração ou recriação que se conclui na trama ou discurso⁹. No enredo estão definidas as principais linhas de ação que operam na trama, pois ele é uma dimensão do poder criativo em área da mais pura intimidade da estrutura narrativa de um romance histórico. Ao vazai na estória atribui especificidades à trama, fica responsável em grande parte pela natureza polêmica daquele.

Na virtualização da trama, existe, portanto, um princípio organizador agindo sobre o enredo e a estória, ao qual cabe, em última estância, o arranjo dos elementos estruturais (personagens e episódios) construídos dentro da metodologia do trabalho científico, ou seja, **históricos**; dos elementos estruturais (personagens e episódios) construídos no campo da ficção, ou seja **ficcionais**; dos elementos estruturais combinados, **histórico-ficcionais**. No meu trabalho particular, enquanto o fator histórico define o enredo e sustenta a trama em **Candeias em Espelho D' Água**, em **Ypié (Maria dos Anjos)** e em **As Águas do Adeus**, o ficcional atua com muita força definindo as aptidões dos personagens sintéticos, aflorando emoções e manifestações

12

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

artísticas, preenchendo os tempos vazios (não documentados); responsabilizando-se, em grande parte, pela força direcional da trama ao comunicar-lhe um certo ar de drama ou aventura romanesca, de comédia ou de tragédia.

Portanto, é nesta fase operacional de recriação que se reforça a natureza narrativa do processo construtivo da trama. Se o campo for propiciatório (a estória) e o enredo interessante, o novo campo das operações cognitivas, a trama, se oferecerá como um processo revelador. A metáfora do filme negativo que se revela no papel fotográfico é o que me ocorre, embora Benjamin prefira a da imagem finalizada pela superposição de lâminas transparentes¹⁰.

A trama ou discurso constitui a parte mais substancial do processo criativo, é o cerne da estrutura narrativa do Romance Histórico - a medida da concepção de realidade do autor¹¹. Como é fruto de um processo cognitivo dialético, as suas especificidades não podem ser desestruturadas (decompostas para efeito de análise crítica) à moda do biscoito que se esfarela para efeito de conhecer-lhe os componentes químicos e os ingredientes. Mas, podem se dar a conhecer ao observador crítico, mediante a aplicação de alguns critérios autenticadores: como por exemplo, a temporalidade, a espacialidade, a ação implícita (pela conjugação dos personagens e dos episódios no campo de ação da trama), a expressão artística, etc.¹².

2.4. Os Critérios de Análise

Toda e qualquer trama de romance histórico se revela:

Na Temporalidade. A desenvoltura da trama se opera no interior de um corte cronológico pré-existente (repertório de eventos-estória). A preocupação com o tempo de longa duração e o de curta duração, próprios da *Nouvelle École*, está associada à estrutura narrativa da minha trilogia: **O Encontro das Águas (1723-1902)**, da qual participam **Ypié (Maria dos Anjos 1723-1767)**, **As Águas do Adeus (1767-1777)** e **Candeias em Espelho D'Água (1777-1845)**. Fora da trilogia, **Rosarinho (1845-1900)**, provavelmente encerrará o ciclo dos romances paulistas no Oeste Antigo.

Na Espacialidade. Na globalidade destaca-se uma espacialidade predominante. Em *Les Misérables*, de Victor Hugo, Paris predomina na geografia da França. Os meus

10. Walter BENJAMIN. *O Narrador*, p. 206.

11. Douglas TUFANO. *Estudos de Literatura Brasileira*, p. 14.

12. Maria Tereza de FREITAS. *Literatura e História*, p. 14-15.

13

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

romances se circunscrevem à geografia do Vale Médio do Tietê e ao processo ocupacional do antigo Oeste Paulista, com as suas bocas de sertão e fronteiras agrícolas. A sociedade regional paulista dos séculos XVIII e XIX gravitou em torno dos seus centros locais de poder, notadamente a Vila de Itu, tida por sua capital histórica, além de Sorocaba, São Paulo e Santos.

Na Ação. Na conjugação dos personagens e dos episódios, no interior da estrutura narrativa, se manifesta a ação com o seu elenco de valores éticos, estéticos, os seus picos emocionais e o clamor das perturbações políticas vivenciadas. Neste campo se levantam as questões da fronteira ambígua entre o verídico e o inverídico, o real e o fictício, e do personagem sintético que se funde a par do personagem histórico.

2.5. As Linhas de Ação

Algumas questões devem ser consideradas como estratégicas, ao se delinearem as linhas de ação na trama do Romance Histórico.

Advertimos que os personagens históricos e aqueles de existência comprovada permanecem dentro da sua singularidade específica. O mesmo ocorre com os fatos episódicos ou as implicações do processo histórico. A trama construída na Histórica, através da metodologia do trabalho científico, entra por inteiro.

A questão controvertida diz respeito ao ficcional. Como ele se processa, quais as suas variáveis?

Uma condição se impõe, de absoluta prioridade – a da fidelidade à História, enquanto norteadora da produção. Esta é o destino de todos os personagens extraídos do ficcional e, ainda, a delimitadora dos próprios acontecimentos ficcionais. A segunda condição é concernente a um dos postulados da criação literária: a recriação (da realidade) tem forte componente de expressão artística, vazada na concepção de realidade do autor e sua mundividência. A terceira condição diz respeito à construção do personagem sintético, elemento-chave do enredo ficcional.

2.6. O Personagem Sintético e o Ficcional

Um personagem sintético não nasce pronto e acabado, ele se constrói no campo da criação (a consciência) e

14

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X – 2003
Número 10

na ação desenvolvida ao longo do discurso (trama). É sintetizado a partir dos modelos sociais ou históricos, e, apesar da singularidade do seu perfil, mantém sempre um significativo coletivo. O personagem sintético (de ficção), se processa no interior do Romance Histórico.

Enquanto se pode dizer que *dar à luz* personagens sintéticos é liberar o poder criador do homem, é participar de um mistério que traz gratificações e alegria¹³, também se adverte que o personagem sintético não tem vida própria, não interfere no processo histórico, está sob controle e submetido às linhas de ação atiradas no campo interior da construção narrativa, a trama. Havendo a História por destino, o autor será o programador. O mesmo ocorre com os acontecimentos ficcionais. O que se busca, tanto num como no outro é coerência interna da narrativa em seu desempenho definitivo, global.

Todos os personagens sintéticos têm a sua individualidade, a sua dimensão psicológica, a sua expressão sociocultural. Tratar com eles é um prazer à parte. Tanto os personagens, como os acontecimentos, acham-se fortemente inseridos no contexto da realidade expressa, têm grande utilidade prática, reforçam as idéias, fazem o ponto e o contraponto nos diálogos, permitem avançar as linhas de ação. Por serem construídos com critérios, tornam-se afluentes da própria historiografia paulista do Vale Médio do Tietê, tornando-se convincentes. Assim como *a carreira dos bem-te-vis*, inserida no episódio da viagem a Sorocaba, por ocasião da feira de mueres e da Festa do Divino ou *a batalha dos liberais* em Venda Grande, onde desapareceu Theodoro Dias, ambos no romance **Candeias em Espelho D' Água**. Lembramos o difícil processo de aculturação de uma mestiça no interior do patriarcado paulista em **Ypié - Maria dos Anjos** e o casamento de Andreza com Felix Eloy durante uma expedição morçoneira na bacia platina em **As Águas do Adeus**.

Cabe ao ficcional a maior responsabilidade na infusão de vitalidade ao enredo. Conseqüentemente, à medida em que desencadeamos a emoção, transfigura-se a realidade pela manifestação da expressão artística e pela exteriorização das mil facetas da natureza humana.

É no ficcional que se conjugam as forças de distensão e relaxamento da leitura: os entreveros de Mariana Dias no

13. Pedro NAVA. *O Círio Perfeito*, in orelha: "O ato de escrever me desoprime, é mesmo uma liberação". Referia-se a liberação do poder criativo no ato da comunicação, ou seja nos seus romances.

15

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

14. Maria Tereza de FREITAS, *op. cit.* 50.

Beco da Quitanda em **Candeias em Espelho D' Água** ou dos saltimbancos no porto de Araraguaba em **Ypié - Maria dos Anjos**. Têm componentes de comédia, enquanto o épico e o trágico se revelam na fundação de Piracicaba em **Ypié - Maria dos Anjos** e na epidemia de febre amarela de São Paulo, em 1837, em **Candeias em Espelho D' Água**.

3. Aos Questionamentos Pertinentes

A questão de combinação dos princípios estruturais no interior da trama do Romance Histórico traz à oportunidade diversas questões de natureza polêmica.

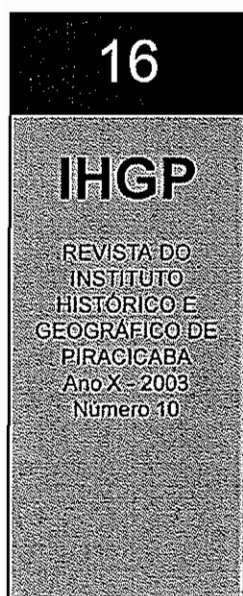
1. A apropriação do científico (a História) pela ficcionalização acompanhada de estilização (transfiguração artística) não levaria a uma produção literária de 2ª categoria, sem valor científico?
2. Falando do Romance Histórico qual seria o personagem principal numa trama desta natureza?
3. Até que ponto se pode tolerar a parceria do *real* com o *irreal* quando se pretende tentar mostrar como as coisas se passaram? O produto resultante não haveria de conferir ao Romance Histórico o estatuto de aventura romanesca?
4. A reconhecer a importância literária desta produção, como classificá-la? Um Romance híbrido ou uma nova forma de comunicar o conhecimento científico e seu subproduto, o saber histórico?

Considerações Propedêuticas

O jogo do Verídico e do Inverídico sustenta a dinâmica do processo criativo no Romance Histórico – ele se constitui na *chave* para se chegar à intimidade da estrutura narrativa e desvendar a sua verdadeira natureza¹⁴.

A primeira e a segunda questões poderiam sintetizar-se noutro questionamento de igual força: – *Ocorre de fato a ficcionalização da História nos romances desse gênero? Os casos particulares de Ypié - Maria dos Anjos, Candeias em Espelho D' Água e As Águas do Adeus seriam exemplos dessa distorção?*

Reconhecemos que o componente ficcional da trama do Romance Histórico dá o *tom e a cor à ação*, infundindo-lhe características originais. Daremos a resposta em partes:



Primeiro – Se o ficcional está presente, vazado do enredo na trama, ele não se apropria, não absorve o conteúdo histórico, nem prevalece sobre o mesmo. Porque a trama histórica é construída dentro da metodologia científica da História, ou seja, constrói-se, inteiramente documentada. Na sua exegese há todo o rigor do conhecimento científico vazado pelo historiador, da crônica à estória, do enredo à trama. Prova? A trama histórica de qualquer dos trabalhos citados se sustenta, isto é, sobrevive no processo histórico, independentemente da trama ficcional.

Segundo – Já foi lembrado que a História traça o destino dos personagens sintéticos e a trilha dos episódios ficcionais. A trama ficcional, por sua vez, não se sustenta fora do contexto. Logo, se constata um evidente fator de desequilíbrio na trama do Romance Histórico em favor da História (da verdade provável), o que é uma garantia contra a ficcionalização ou da prevalência do inverídico. Reduziremos a questão do ficcional a um impacto de outra natureza, o da estilização ou transfiguração artística que ocorre em todo o romance, e que, longe de invalidar, reforça a trama do Romance Histórico.

A Terceira Questão – Falou-se que a estrutura narrativa de um Romance Histórico é a fixadora de duas tramas, da histórica, construída cientificamente, e da irreal, construída ficcionalmente. A trama do Romance Histórico é o produto das operações mentais ocorridas no campo interno da consciência, mediante um processo de interações¹⁵. Inexistem separadamente a trama histórica e a trama ficcional – só existe uma única trama, a do Romance Histórico, dotada de natureza bastante original.

Não há por que especular com os personagens principais da trama histórica ou da trama ficcional. Os personagens que sobrevivem na trama têm expressão literária reconhecida mas não se hierarquizam numa escala de valores. O papel principal numa narrativa desta natureza cabe ao seu orquestrador, aquele que, havendo assumido uma postura de mestre, coordena o real e o irreal, vazados na trama em função do seu objetivo supremo, o de comunicar o conhecimento.

Narrar é comunicar uma experiência. A experiência comunicável do Romance Histórico é o saber histórico, intercambiado na solidão e na intimidade entre o narrador e o leitor.

15. Adam SCHAFF, *op. cit.*, p. 86-87.

17

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

16. Maria de Tereza de FREITAS, *op. cit.*, p. 50.

A Quarta e Última Questão – É uma proposta a considerar o Romance Histórico dentro do processo cognitivo, como um produto de consciência onde se processa o arranjo dos princípios ativos estruturais. Ali, a sua gênese, debaixo do estímulo organizador do autor em circunstâncias pessoais. Só a este cabe dar peso aos elementos constituintes da trama, uma vez que detém o dom de *recriar* e o princípio organizacional sobre a síntese (o produto). O Romance Histórico, terá, em última instância, a sua problematização em forma de tese para a qual o autor desenvolve as suas estratégias de demonstração da verdade; citamos o exemplo de Victor Hugo em *Les Misérables*. Se, quanto à dinâmica cognitiva, o produto sintético é indecomponível (como já vimos) a construção narrativa assume uma realidade distinta, inconfundível, original, como a denúncia da exclusão social na França pós revolucionária vivida por Jean Valjean, o personagem (sintético) central do romance.

Este produto singular se converte no mais acadêmico dos Romances, enquanto por sua natureza será um romance híbrido¹⁶.

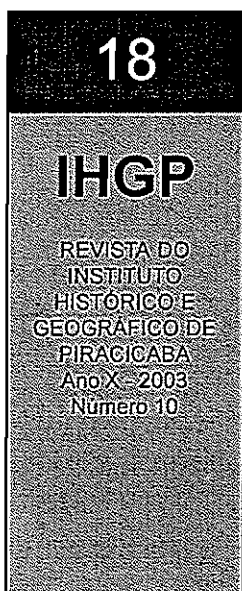
4. Considerações Complementares:

O Romance Histórico como um Híbrido Literário

Sendo manifestação literária, conquanto expressão artística da História e ficcional, é principalmente um híbrido porque contém os elementos combinados. Os princípios ativos estruturais provenientes do *real* (a construção científica da História) e os provenientes da liberdade criativa (a construção ficcional) respondem dialeticamente pela hibridação.

O futuro do Romance Histórico parece garantido na Civilização Ocidental quando se especula sobre as suas finalidades literárias. Mas, para que serviria na prática?

1. A experiência humana, para quem busca o sentido da Vida, tem uma dimensão histórica. Caberia ao Romance Histórico demonstrar o sentido da experiência histórica do homem, tanto no singular como no coletivo.
2. É pelo Romance Histórico que a comunicação do sentido dessa experiência perpassa ao leitor de maneira mais interessante (sedutora, garante Benjamin), não importando muito se ocorrer na manifestação de uma aventura



romanesca, ou de uma comédia da vida, ou de uma tragédia da própria condição humana.

O Romance Histórico como Prática do Conhecimento

Apraz-me avançar a reflexão um pouco além da categoria de um híbrido literário. Preferimos pensar que a verdadeira natureza do problema não se acha nos aspectos estruturais da narrativa, seja do conteúdo ou na forma da trama; claro, que reconhecemos a sua importância como manifestação literária. Mas, verdadeiramente, no universo do saber comunicado, cuja virtualidade global e práxis são manifestos ao leitor – o parceiro invisível do narrador.

Justamente porque, havendo-se estabelecido uma relação cognitiva Sujeito (elemento cogniscente) – Obra (objeto cognoscível) ela se revela de uma tal natureza solidária e coparticipativa que se faz propiciadora do desencadear das contradições dialéticas. O sentido do histórico da experiência humana, que o Romance Histórico oferece como produto original é tão somente o primeiro momento de uma nova sucessão de descobertas e construções, tanto na linha da própria historicidade como no *desenraizamento* da História das contradições.

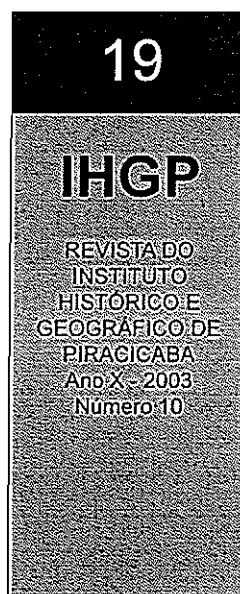
Na linha da historicidade propicia-se a produção seqüencial de que é exemplo a minha trilogia **Encontro das Águas**. Conquanto no interior das áreas limitadoras do saber (o romance), as novas sínteses culturais liberam-se, progressivamente, na amplitude sem barreiras epistemológicas das Ciências Humanas.

Collingwood gostava de dizer que a maneira como alguém escreve ou reflete sobre a História é sempre uma função da sua personalidade. Hayden White lembra ser verdadeira a forma recíproca¹⁷. Em sua visão sobre a Meta-História, afirma que em futuro, não muito distante, os historiadores terão o direito de conceituar a História com liberdade, perceber-lhe os conteúdos e construir as narrativas do processo histórico na modalidade da consciência que seja mais coerente com as suas aspirações morais e seus valores estéticos¹⁸.

Quanto a nós, deixamos de lado as especulações. Lembramos que o Romance Histórico não consiste apenas num formato original de expressar artisticamente a História

17. Hayden WHITE, *op. cit.*, p. 440.

18. *IBIDEM*, p. 441.



e a experiência humana, mas num modo de praticar o conhecimento e num veículo de saber; que deve ser reconhecido por suas verdades epistêmicas e assumir respeitabilidade no interior das Ciências Humanas. Sempre prevalecerão as virtudes do narrador nos campos da Inteligência, do saber e da expressão literária.

O que se Pretende Dizer quanto a Lançar Tiroteios para o Futuro?

Que na Literatura o Romance híbrido, na medida em que combina os princípios ativos estruturais da construção científica (históricos ou *reais*) e da construção ficcional (*ir-reais*, provenientes da liberdade criativa) é modelo consagrado. Mas tem que se aprimorar, buscando aclarar as verdades, jamais falseando conjunturas e repertórios de eventos, porque consiste numa prática de conhecimento interdisciplinar e numa forma de comunicar o Saber! Por enquanto o Romance Histórico é produto resultante de uma metodologia específica, que ainda não obteve o suficiente reconhecimento no interior das Ciências Humanas.

O que os aproxima? A solidariedade literária na concepção da realidade. O que os separa? A indefinição dos estatutos das Ciências Humanas no presente. As provocações do Romance Histórico são os mais profícuos tiroteios nesta trincheira epistemológica.

5. Por que Escrever Romance Histórico?

Primeiro

Vivendo o cotidiano do Magistério público de 1º e 2º graus, constatei, na prática, a eficácia do Romance Histórico na comunicação do saber, na mediação passado-presente, na operacionalização da memória e na intermediação disciplinar.

A falta de uma linha seqüencial voltada para os conteúdos programáticos inclinou-me a desenvolver os meus trabalhos na linha da historiografia paulista.

Segundo

Sempre me apraz levantar questionamentos a respeito das condições objetivas de vida no interior das socie-

20

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRAGIÇABA
Ano X - 2003
Número 10

dades do Vale Médio do Tietê, bem como das contradições inerentes ao processo político-institucional da Colônia, Império e República. Tenho buscado identificar as motivações inconscientes, as visões de mundo, as produções do imaginário coletivo, particularmente, quanto às festas consagradas ao Divino Espírito Santo ou às curas, benzimentos, à farmacopéia e à culinária. Também, com relação às formas de linguagem, particularmente o linguajar caipira e os dados culturais manifestos nos modos de ser, pensar, sentir e agir, próprios das antigas comunidades paulistas do Vale.

Terceiro

A motivação pessoal estimulava a empreender uma experiência nova na comunicação do Saber. Sou narradora por natureza. Este dom precede a minha formação na área do conhecimento científico. A maturidade contribuiu para o desenvolvimento daquele dom, paralelamente, aos caminhos diversos que percorri, como pesquisadora em arquivos ou *operária da memória* na produção de trabalhos monográficos.

Em certo momento, angustiaram-me a perplexidade e o desencanto frente à construção científica do Passado. Salvaram-me o prazer de escrever e o de buscar o conhecimento. Foi quando completei a passagem natural para o Romance Histórico. Prevalecendo o dom narrativo na interação com o pesquisador, ensaiei os meus primeiros passos na produção que me seduz, desde 1985, o Romance Histórico.

Quarto

Atualmente, procuro viabilizar a antiga aspiração de vazar enredo na História da Civilização Paulista do Vale Médio do Tietê, compreendida no corte cronológico 1723-1845. A ambicionada trama, lentamente, adquire concretude, objetivando-se nas partes da trilogia **Encontro das Águas** e finalmente, num quarto romance **Rosarinho (Maria do Rosário, 1845-1902)**.

A primeira experiência empreendida, **Candeias em Espelho D' Água (1777-1845)** foi bem sucedida. Os questionamentos lançados sobre o século XVIII acabaram se consubstanciando em **As Águas do Adeus (1723-1777)**,

21

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

e em **Ypié (Maria dos Anjos, 1723-1767)**. Os questionamentos lançados sobre a causa liberal no século XIX levarão à Abolição e à República, apresentadas em **Rosarinho (Maria do Rosário, 1845-1902)**. É a nossa proposta sobre o novo modo de reescrever a História.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Prática (Ensaíos Sobre a Literatura e História da Cultura)**. Trad. S. P. Rouanet, 2ª Ed., São Paulo, Brasiliense, 1986.
- BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade (Lembranças de Velhos)**. 2ª ed., São Paulo, T. Queiroz, 1983.
- CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. 3ª ed., São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1973.
- CHAUL, Marilena de Sousa. **Os Trabalhos da Memória in Apresentação do livro Memória e Sociedade, p. XIX a XXXII**.
- FREITAS, Maria Teresa. **Literatura e História**. 1ª ed., São Paulo, Atual Ed., 1986.
- LACAPRA, Dominick. **História e Romance**. Trad. N. Schapochinick In R.H. Revista de História nºs 2/3. Campinas, IFCH/UNICAMP, 1991.
- LEFREVE, Henri. **Lógica Formal/Lógica Dialética**. Trad. Carlos Coutinho, 3ª ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1983.
- NAVA, Pedro. **O Círio Perfeito**. 4ª edição, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1983.
- SCHAFF, Adam. **História e Verdade**. Trad. M.P. Duarte, 2ª ed., São Paulo, Martins Fontes, 1983.
- SOARES, Amora Antonio. **Teoria da Literatura**. São Paulo. Ed. Clássico-Científico, s/ data.
- TUFANO, Douglas. **Estudos de Literatura Brasileira**, 2ª ed., São Paulo. Ed. Moderna, 1981.
- VEYNE, Paul Marie. **Como se Escreve a História**. Trad. Baltar-Kneipp. Brasília, ed. Univ. Bras., 1982.
- WHITTE, Hayden. **Meta-História. A Imaginação Histórica do Século XIX**. Trad. José L. de Melo. São Paulo, EDUSP, 1992.

22

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10



DUAS FALHAS DE FLORIANO?

F. Pimentel-Gomes¹

Proclamada a República, no Rio de Janeiro, em 15 de novembro de 1889, foi derrubada a Monarquia e depositado o Imperador Pedro 2º. O movimento de rebeldia foi chefiado pelo Marechal Deodoro da Fonseca, que não era republicano. Mas os partidários da República conseguiram liderar a revolta e logo organizaram um Governo Provisório, chefiado por Deodoro. Esse governo convoca a eleição de Assembléia Constituinte que, além de elaborar a primeira Constituição Republicana, de 1891, elegeu como Presidente o Marechal Deodoro e, como seu Vice, o Marechal Floriano Vieira Peixoto. Com a renúncia de Deodoro, em 23 de novembro de 1891, passou Floriano a exercer a Presidência, direito que lhe cabia. E o fez até a posse como Presidente, de Prudente José de Moraes Barros, e, como Vice, de Manuel Vitorino, em 1894. Deodoro e Floriano eram alagoanos, Prudente era paulista de Itu, e Vitorino, baiano.

A época de 1889 (Proclamação da República) a 15 de novembro de 1894 (posse de Prudente, como Presidente) foi muito conturbada. Nela, coube a Floriano Peixoto papel importantíssimo. Sem a sua firmeza e dignidade talvez a baderna tivesse dominado o nosso Brasil. No entanto, é comum acusar Floriano Peixoto de duas falhas graves: a primeira, de não ter convocado eleições populares logo depois da renúncia de Deodoro, como mandava a Constituição, e ter, portanto, exercido, até o fim, o mandato de Deodoro, assinando como Vice-Presidente; e a segunda por não ter comparecido, para transmissão de cargo, à posse de Prudente de Moraes, como Presidente do Brasil, o primeiro eleito por eleição popular. São falhas muito comenta-

¹Ex-Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba.

23

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

das, mas pouco se fala sobre as justificativas delas. Tais justificativas são claramente expostas por um outro político brasileiro, republicano histórico e contemporâneo desses fatos. Tal político, pernambucano nascido no Recife e criado no Rio de Janeiro, foi José Joaquim de Campos da Costa Medeiros e Albuquerque, que justifica claramente as ações do Marechal de Ferro no seu livro autobiográfico **Quando Eu Era Vivo**.

Prudente de Moraes – diz Medeiros e Albuquerque – não tinha a simpatia dos militares, que conspiraram para dar a Floriano novo mandato, como Presidente da República. Combinaram que, ao entrar Floriano, seria aclamado e empossado como Presidente, no lugar de Prudente. Mas Floriano, ciente da conspiração, simplesmente não compareceu, de propósito. Na ausência dele, o plano fracassou e Prudente foi empossado, para ter um quadriênio difícil e conturbado, mas conquistado democraticamente em eleição popular. Tal justificativa evidentemente favorece e enobrece o Marechal de Ferro que, habilmente, evitou um Golpe de Estado na República ainda tão jovem no Brasil.

A outra falha tem justificativa ainda melhor. A falta de convocação de eleições, logo após a renúncia de Deodoro se deveu ao parágrafo 2º do 1º artigo das Disposições Transitórias da Constituição de 1891. Tal parágrafo declarava – diz Medeiros e Albuquerque – que o *Presidente* e o *Vice-Presidente* eleitos pelo Congresso (isto é, no caso, Deodoro e Floriano) ocupariam seus cargos durante o primeiro período constitucional, isto é, não atenderiam à exigência de convocação de novas eleições, do corpo permanente da Constituição. Com tal interpretação, apoiada por vários juristas, não foi aceita por Rui Barbosa, nem por treze generais, que protestaram, mas foi aprovada pelo Congresso e pelo Supremo Tribunal Federal, além de numerosos outros juristas, o que resolve perfeitamente o assunto em favor de Floriano, sem em nada prejudicar Prudente de Moraes.

BIBLIOGRAFIA

Medeiros e Albuquerque, J. J. - 1981. **Quando Eu Era Vivo**, 1867 a 1934. Record, Rio de Janeiro.

24

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10



O INTELLECTUAL NA AFIRMAÇÃO E DECLÍNIO DO BRASIL IMPÉRIO: BREVE REFLEXÃO

Vitor André de Souza¹

Pensar a história política de um país, tendo em vista os recentes avanços na historiografia e a sua conseqüente ampliação de horizontes temáticos, torna indispensável a análise do papel dos intelectuais nos vários momentos nacionais. Tal importância advém do fato de o exercício de *dominação* e a *resistência* a ela – resistência que também pressupõe uma concepção de poder – serem ponto chave da prática política; o processo de dominação não pode prescindir da tentativa de *construção* de um imaginário legitimador da idéia que se tenta fazer dominante. *Controlar o imaginário* faz parte das disputas pelo poder e das resistências a uma ordem que se contesta.²

Dessa forma, o presente artigo pretende iniciar uma breve reflexão *teórica* – breve devido ao espaço reservado a um artigo, não devido à vastidão do tema, e teórica porque baseada somente em obras já publicadas, o que, entretanto, não retirará, espero, os méritos deste trabalho – sobre alguns aspectos da atuação do intelectual brasileiro em um momento da história política do País: o século XIX, com a afirmação da Independência e posterior queda da ordem monárquica. É um momento em que a importância da atividade política do intelectual foi ressaltada, devido ao caráter de mudanças drásticas da realidade vivida, o que suscitou a necessidade de afirmação de novas ordens.

A Independência do Brasil em 1822 trouxe a premente necessidade de organização de uma ordem diversa em relação à antiga situação colonial. Somente reorganizar o corpo administrativo do Brasil não bastava; fazia-se imprescindível a construção de uma (nova) idéia de Pátria Brasileira,

1. Mestrando em História e Cultura Política na Universidade Estadual Paulista (Unesp), graduado em História pela Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep) e estagiário no Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba (IHGP).

2. A respeito da questão de produção e controle do saber como mecanismo de dominação, a melhor referência que temos é a obra de Foucault, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1989. A respeito da atuação do intelectual nas esferas do poder, consultar a discussão proposta por Bobbio, Norberto. *Os Intelectuais e o Poder*. São Paulo: Editora da Unesp, 1993.

25

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

3. Naxara, Márcia Capelari. *Sobre Campo e Cidade: em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX*. Campinas: IFCH/Unicamp, 1999 (Tese de Doutorado).

4. A respeito dessas representações pictóricas, sugiro a leitura de Schwarcz, Lília Moritz. *As Barbas do Imperador*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999; Souza, Lara Lis Carvalho. *Pátria Coroada*. São Paulo: Editora da Unesp, 1999. Na Europa do século XIX observamos um movimento semelhante de afirmação da autoridade através de representações simbólicas lideradas pelos intelectuais a serviço do Estado devido às mudanças pelas quais o continente passava dadas as revoluções e à entrada de novos agentes sociais na política. Cf: Hobsbawn, Eric e Ranger, Terence (orgs.). *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

que substituísse a anterior e indesejável condição de Colônia, *apêndice* de Portugal.

Nesse sentido, a intelectualidade brasileira esforçou-se no sentido de formular uma *identidade* para o Brasil independente. O povo brasileiro, considerado pelas elites que se encarregavam da condução dos rumos do novo país como algo *ainda não formado*, passou a ser pensado em oposição ao elemento português. A *origem* do que *viria a ser* o brasileiro estava, para esses homens, naquilo que mais caracterizava a nossa terra: a *natureza*.³

Assim, a sensibilidade romântica (que dominava a mentalidade artística e intelectual de um modo geral, até meados da década de 1870) tratou de pensar a formação do povo brasileiro a partir da união do homem com a natureza. Intelectuais como José de Alencar (que além de literato foi também político do Segundo Reinado brasileiro) e Gonçalves Dias apregoaram exaustivamente que o Brasil estaria formado quando o *homem branco* (considerado, no momento em questão, como o porta-voz da civilização) completasse a sua miscigenação com a *natureza*, magnânima e imponente no ideário romântico e abundante em terras do Novo Mundo. Como o *indígena* era uma figura extremamente próxima à natureza e visto pela intelectualidade branca como sendo *produto e parte integrante* dessa natureza tão festejada, a formação do Brasil dar-se-ia a partir da total integração do *branco* (civilizado) com o *indígena* (símbolo da natureza brasileira). Dessa união nasceria o *brasileiro*, um ser portador somente das características positivas dos dois grupos atuantes no processo de miscigenação.

Ao mesmo tempo em que os intelectuais se encarregavam de construir uma idéia que explicasse o futuro devir do homem brasileiro, dentro de uma idéia que esse grupo acreditava ser a verdadeira, a elite dirigente percebeu a necessidade de associar os nossos dois monarcas (um português e outro descendente direto) à terra brasileira. Foi nessa ocasião que tal necessidade fez aflorar uma infinidade de obras pictóricas retratando Pedro I, e posteriormente Pedro II, ligados às *coisas naturais* do Brasil: florestas, índios, animais, tudo o que mais caracterizava o Novo Mundo serviu como adereço à glorificação de Nossas Majestades, que, pelo bem da ordem que se tentava impor, foram pen-

26

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

sados como autênticos líderes brasileiros, novos homens de uma nova sociedade.⁴ Mesmo que as elites política e econômica do País tentassem adotar um estilo de vida europeu, fazia-se indispensável pensar a pátria brasileira (e sobretudo seus monarcas) como algo *distinto*, uma nação que surgia e começava a inserir-se no mundo civilizado.

Porém, se a classe intelectual foi, nos primórdios do Império Brasileiro, fundamental para a afirmação da nova ordem, nos anos finais do século XIX ela desempenhou papel não menos notável no processo de queda do regime monárquico e instauração da nova ordem republicana.

A crescente dinamização da sociedade a partir de meados do século, representada pela implementação das estradas de ferro, incipiente urbanização, crescimento e desenvolvimento de institutos de pesquisas (muitos inclusive desvinculados do âmbito estatal) deram novas feições ao País, que, apesar disso, insistia em manter-se fiel no que se refere à política e à economia, a mentalidades e práticas incoerentes com a nova realidade que prefigurava instituições como a escravidão (que se mantinha apesar do esforço de diversos agentes, inclusive o Imperador Pedro II, para aboli-la)⁵, Senado vitalício e eleições indiretas, que possibilitavam fraudes e caracterizavam a política como propriedade privada de senhores locais, criaram uma séria incompatibilidade entre a ordem monárquica e a dinamização inevitável do País.

Assim, centenas de intelectuais passaram a não encontrar mais espaço de atuação em uma estrutura arcaica. Jovens cérebros, formados às centenas em institutos de pesquisas patrocinados pela nova economia cafeeira e também nas faculdades públicas até então encarregadas de formar a elite política do País⁶, viam-se marginalizados por não encontrarem espaços de atuação. Além disso, as novas idéias que entravam no País vindas da Europa (positivismo e cientificismo sobretudo), somadas às que se produziam em nosso solo, geraram uma *contra-elite intelectual* inimiga das idéias até então dominantes, que engrossou as fileiras republicanas.

Os novos intelectuais – definidos pela historiografia como a *geração de 1870* – moveram um ataque feroz contra as elites pensantes que sustentavam a ordem

5. Sobre a incompatibilidade do escravismo com os ideais de uma pátria liberal e moderna, pensada para o Brasil desde a sua independência, preparo no momento um artigo a ser publicado em breve. Intitula-se, provisoriamente, *O Brasil Imperial: uma pátria liberal escravocrata*.

6. No momento, pesquiso o processo de formação da elite política do Brasil durante o primeiro e parte do Segundo Reinado.

27

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

monárquica. Definidos por esse novo grupo como *bacharéis da retórica*, inaptos a enxergar a real situação do País e impossibilitados de promover as reformas das quais o Brasil necessitava, os intelectuais que definiram a identidade brasileira até então, viram-se frente a frente com uma nova situação, para a qual mostraram-se incompatíveis. Ruíram junto com a velha ordem imperial – que, no entanto, deixou diversos vícios para a República.

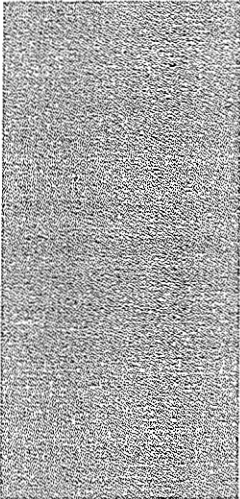
Uma nova ordem precisa de *novas idéias*. Os anos finais da Monarquia Brasileira (que, durante décadas, se preparou para fazer o Brasil emergir como um gigantesco Império Tropical) marcaram o declínio e a queda de uma mentalidade que não conseguiu se adequar a tempo a uma nova realidade. O (novo) país republicano emergiu baseado em pressupostos propagados por uma (nova) elite intelectual, que se esforçou em fazer dominar uma realidade diversa daquela que acabara de cair.

Mas isso é assunto para um outro artigo. Por enquanto, refletamos sobre os elementos apontados até aqui.

28

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10



CONSTRUINDO PARA O FUTURO: OS PRIMEIROS TEMPOS DO COLÉGIO PIRACICABANO

Marcelo Cachioni¹

Um grupo de progressistas, na maioria maçons, liderado pelos irmãos Manoel e Prudente de Moraes Barros, ambos advogados e políticos influentes na região, trabalhava pela libertação dos escravos, pela implantação da República e pela educação da juventude, isenta dos moldes católicos e monárquicos. Os irmãos Moraes Barros estabeleceram contato com imigrantes norte-americanos de Santa Bárbara D'Oeste, entre os quais estava o pastor metodista Rev. Junius Eastham Newman, cuja filha lecionava para uma das filhas do Dr. Prudente, em São Paulo. Surgiu então a idéia da criação em Piracicaba de uma escola moderna, nos moldes das escolas norte-americanas. A família Newman abriu uma escola, na qual lecionavam as duas filhas do Rev. Newman, mas por motivo de doença de uma delas, esse estabelecimento fechou as portas. Com o apoio político dos irmãos Moraes Barros, em 13 de Setembro de 1881, a missionária americana Martha Hite Watts abriu nova escola: O *Colégio Piracicabano*, com a matrícula de apenas uma aluna, pois o ano letivo já havia começado no início do ano. Os três professores dedicaram seus esforços a esta única aluna, até que, no ano seguinte, várias famílias aí também matricularam seus filhos (Mesquita, 1998). A escola foi instalada provisoriamente numa casa colonial, na Rua Prudente de Moraes, próxima à Praça da Matriz² (Cachioni, 2002).

O sistema educacional americano implantado por Miss Watts em Piracicaba foi utilizado como modelo na implantação do sistema escolar de ensino paulista, quando o Dr. Prudente de Moraes foi governador de São Paulo, juntamente com o modelo de ensino do Instituto Presbiteriano Mackenzie, de São Paulo (Cachioni, 2002).

1. Marcelo Cachioni é Arquiteto e Urbanista formado pela FAU PUCAMP em 1995, Especialista em Patrimônio Arquitetônico e Mestre em Urbanismo pelo PG FAU PUCAMP sob o tema 'Arquitetura Eclética na Cidade de Piracicaba', com orientação da Prof.^a Dra. Ivone Salgado. É o arquiteto responsável pelo projeto de restauro do Edifício Principal do Colégio Piracicabano. Atualmente é arquiteto da Secretaria Municipal de Planejamento de Piracicaba e é vice-presidente do CODEPAC representando o IHGP.

2. Também abriu uma pequena escola o casal de missionários americanos, James e Frances Koger, para atender às crianças vizinhas e pobres, que não podiam pagar pelos estudos (Kennedy, 1928).

29

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

3. É desconhecida no Brasil a existência de um profissional chamado W. Haussler. Provavelmente um erro de datilografia trocou um 'M', por um 'W', visto que os manuscritos originais do Rev. Kennedy foram posteriormente datilografados por sua filha, Prof.ª Eula Kennedy Long.

4. A Família Haussler é originária de Mingolsheim e Langenbruecken, duas pequenas cidades que faziam parte do Ducado de Baden, no momento, um estado da Alemanha. Há várias ortografias para o nome da família nos registros paroquiais: Heissler, Heussler, Heusler, Häusler e Häussler. A última ortografia apareceu primeiramente em 1813, mas somente foi usada regularmente na segunda metade do século XIX (<http://web.raex.com/~lbrausch/index.html>).

No ano de 1882 foi adquirido o lote de terreno em área localizada na Rua Boa Morte, entre as Ruas Ourives e Esperança (atuais Rangel Pestana e Dom Pedro II). Em 29 de julho do mesmo ano, a **Gazeta de Piracicaba** publicava que o missionário Rev. J. J. Ransom, chefe da missão metodista episcopal no Brasil, que havia fundado um colégio de instrução primária e secundária estava providenciando a construção de um edifício apropriado para este estabelecimento, no terreno para este fim comprado na Rua Boa Morte (Guerrini, 1970). No dia 16 de setembro de 1882, era feita a seguinte publicação do Colégio Piracicabano: *Tratando-se de construir nesta cidade, à rua da Boa Morte, terreno em frente à casa do sr. Martim Bonilha, um edifício para a instalação do Colégio Piracicabano, convida-se todos que quiserem tomá-lo por empreitada a examinar a planta em poder de James W. Koger, e a apresentar-lhe suas propostas até o dia 7 de outubro próximo, competindo a decisão final ao revmo. J. J. Ransom* (Guerrini, 1970 in Cachioni, 2002).

As obras de construção do Edifício Principal do Colégio Piracicabano foram iniciadas em 28/01/1883 e a pedra angular foi instalada em 8/02/1883, com cerimônia solene no Teatro Santo Estevão: *The construction of the build is let to Mr. W. Haussler for more than \$30,000. It will have two stories and sufficient accommodations for more than thirty boarders* (Kennedy, 1883). O texto não deixa claro se Haussler projetou ou somente construiu o edifício, pois segundo Kennedy (1883) a construção do prédio foi deixada para Mr. W. Haussler³; talvez este tenha vencido a concorrência publicada. O sobrenome Haussler⁴, de origem alemã, é citado por Loureiro (1981) juntamente com outros profissionais de destaque da época, mas certamente a referência é quanto ao arquiteto Antonio de Matheus Häussler: *Apareceram, então, os arquitetos que eram estrangeiros ou brasileiros formados fora do país. Entre outros, Maximiliano Hehl, Hausler, Domizziano Rossi, Victor Dubugras, Carlos Ekman, Otaviano Pereira Mendes e Francisco Ramos de Azevedo projetaram e construíram nos mais variados estilos: neoclássico, neogótico, neocolonial, normando, 'cottage', etc.* (Loureiro, 1981 in Cachioni, 2002).

O único arquiteto com atuação em São Paulo que conseguimos encontrar conhecido com o sobrenome

30

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

Haussler, na época, foi Antonio de Matheus, que projetou importantes obras nessa cidade. Antonio de Matheus Häussler, natural de Stuttgart, Alemanha, projetou a Residência do Conde Prates em São Paulo; a Residência Nothmann (s.d.) e residências para a família Paes de Barros, além de muitas outras não mais existentes. Projetou para Elias Chaves o Palácio de Campos Elíseos, (cujo nome atual foi adotado justamente para aproveitar as iniciais E. C. que o antigo proprietário tinha feito gravar sobre os vidros e paredes). Construído entre 1893 e 1899, foi terminado nos anos seguintes por Cláudio Rossi e Hermann von Puttkamer, e seguiu fielmente o projeto de Häussler⁵. (Salmoni & Debenedetti, 1981; Ficher, 1989; Naclério Homem, 1996 in Cachioni, 2002).

Haussler projetou também a Hospedaria dos Imigrantes (atual Memorial do Imigrante), entre 1886 e 1888, próxima à estação de trem do bairro do Brás em São Paulo. O edifício construído em alvenaria aparente é semelhante formalmente e em detalhes construtivos ao do Colégio Piracicabano, principalmente as janelas em arco pleno e frisos de alvenaria. Tinha capacidade para 1.200 pessoas e contava com lavanderia, cozinha, pavilhão de desinfecção de roupas e ambulatórios médico e dentário (Kamide, 1998). Haussler também projetou o antigo Mercado de São João em São Paulo em parceria com Victor Dubugras (Ficher, 1989 in Cachioni, 2002).

Em janeiro de 1884 as obras foram concluídas e inauguradas. O edifício oferecia inicialmente capacidade de hospedagem para 30 alunas internas (Barbanti, 1977). O Colégio Piracicabano foi construído e sustentado pelas mulheres metodistas norte-americanas, com o objetivo principal de promover a educação feminina no Brasil⁶. *Desde janeiro do corrente anno funciona este collegio no edificio proprio construido na rua da Boa Morte esquina da rua da Esperança. Este elegante edificio que todos os dias abre suas portas para receber as numerosas alumnas que o frequentam, faz honra a Piracicaba. Damos aqui uma descrição, embora ligeira, das suas accomodações: à frente, incluindo as asas mede 25 metros e excluindo-as - 12 metros e 50; a fundo da casa 17 metros, dito das asas - 10 metros, altura desde a rez-do-chão até o soalho do observatorio 18 metros. Repartimento: pavimento terreo - entrada corredor - 3 metros*

5. Era situado na Avenida Rio Branco, antiga Alameda dos Bambus, nº 47. A parte de carpintaria coube ao mestre alemão João Grundt, natural de Hamburgo (...) a maior parte dos materiais de construção e do acabamento veio do estrangeiro. O arquiteto Haussler trouxe consigo as cerâmicas e terracotas de ornamentação. Importaram-se telhas de ardósia e serralheria de bronze trabalhado dos Estados Unidos, maçanetas de porcelana de Sèvres, espelhos venezianos e lustres de cristal Baccarat (Salmoni & Debenedetti, 1981; Naclério Homem, 1996).

6. Por essa razão, até a década de 30 só havia internato para moças. A educação para meninos era em regime de externato. Somente em 1934 criou-se o internato masculino. O currículo do Colégio Piracicabano oferecia desde os primeiros anos um variado

31

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

elenco de disciplinas, estando muito à frente das escolas da época. Logo após a Proclamação da República, Prudente de Moraes foi nomeado governador do Estado de São Paulo e implantou a reforma do ensino público tendo como modelo o sistema de ensino do Colégio Piracicabano. Os anos se passaram e a escola metodista cresceu e evoluiu com a cidade para tornar-se um núcleo importante do desenvolvimento da região. Vários cursos foram criados durante a história do 'Piracicabano' visando atender às necessidades educacionais da região. Foi criado o Instituto Educacional Piracicabano que reunia inicialmente o Colégio e os primeiros Cursos Superiores, em 1964 e a Universidade Metodista de Piracicaba em 1975, atualmente, com cerca de 10.000 alunos (Mesquita, 1998).

de largura, a direita e a esquerda duas salas, uma de visitas e outra - escritório. Um corredor separa estas salas das de seis quartos iguais que medem 4 metros e setenta sobre 4 metros, sala de jantar no fundo, á esquerda com 9 metros de comprimento por 6 metros de largura, á direita duas salas para aulas medindo 4 metros e meio por 6 metros de largura. Primeiro andar: no centro um vasto salão para reunião das classes, á direita um dormitório e á esquerda duas boas salas, um corredor que separa e outro dormitório. No segundo andar há ainda um bom dormitório e vários quartos para criados. Em cima um excelente observatório tendo, além destes comodos, quarto para banho, despensa e cozinha espaçosa em compartimento separado. A área do soalho da casa inteira inclusive as paredes e interiores é de 918 m² contendo a casa toda, 33 janelas ou mais e a porta da entrada. A construção importou em 33:000\$000 mais ou menos, tendo sido lançada a primeira pedra no dia 8 de fevereiro do anno passado, perante numeroso concurso de povo" (Gazeta de Piracicaba, 1884 in Cachioni, 2002).

Em julho de 1886, na 2^o Conferência Anual Missionária da Igreja Metodista Episcopal do Sul no Brasil, presidida pelo Bispo Granbery (recém-chegado dos EUA) o Rev. Ransom relatou que o edifício do Colégio Piracicabano, pertencente à *Woman's Board of Missions*, estava avaliado em US\$ 19.000,00 (Cachioni, 2002).

O Edifício Principal do Colégio Piracicabano foi descrito pela sua fundadora e primeira diretora, Martha Watts: *A casa tem uma bela aparência quando vista do lado de fora. O edifício principal é alto e tem dois módulos de cada lado. No alto do edificio, bem no centro, há um observatório com telhado de zinco e grades de ferro de onde se desfruta uma bela vista de todos os lados só interrompida pelas colinas em torno (...) A porta da frente tem três degraus e é larga, e bonita, pintada em tom escuro verde-garrafa. O "hall" é espaçoso, com uma porta de cada lado. A da esquerda abre para uma pequena sala (...) A porta à direita dá para o escritório que é apenas outra sala de visitas, com cortinas de renda, tapete e móveis do mesmo tipo da outra. A única diferença é que esta tem uma escrivaninha e um cadeira. As paredes são menos decoradas que as da outra sala. Ao fundo existem três arcos que servem como linha divisória*

32

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

para uma pequena sala que tem uma porta, no fundo do "hall" e no qual há uma estante para a biblioteca da escola e uma estante de curiosidades colecionadas aqui (...) Caminhando para o fundo do 'hall' temos três portas. Uma abre-se para um quarto de hóspedes, a do meio para a sala de música que tem um piano e duas cadeiras. A terceira porta dá para a sala de alemão e gramática que tem um banco, uma cadeira, um quadro negro e dois mapas. Voltando para a entrada do 'hall' e virando à esquerda nós encontramos duas portas no final, ao fundo do 'hall'. Uma das portas é de vidro e dá para o jardim; a outra dá para a sala de jantar, no pavimento mais baixo do módulo direito. Esta sala é grande e bonita (...) De volta ao 'hall' e virando à direita, você se seguirá um pouco mais e, virando outra vez à direita, você encontrará duas portas, no final - uma de vidro que é saída para o jardim; e outra que dá para uma bela e clara sala de aula, no módulo esquerdo (...) Esta é a sala de Mlle Renotte. Nós passamos por uma porta e nos encaminhamos para uma sala de frente para a rua (...) Esta é a sala de D^a Maria Escobar, que foi minha primeira aluna. Agora, vamos para o andar de cima. A inclinação da escada é bem confortável e nós temos um patamar no meio dela. No topo há uma porta para o dormitório, agora ocupado; é um belo quarto com três janelas largas que nos fornecem um panorama agradável para os olhos. Este quarto corresponde ao tamanho de três quartos menores abaixo e há um outro do mesmo tamanho acima, formando três pavimentos ao fundo. Virando à esquerda encontraremos a porta da capela. (...) Essa sala é ampla, clara, arejada, com pé-direito alto e três imensas janelas. No módulo esquerdo, acima da sala de jantar, temos um dormitório ainda sem utilização definida. Por hora, estamos usando-o como sala de ginástica. No módulo direito, sobre as duas salas de aula, há dois belos quartos - o da frente, que dá para o lado do rio e do por do sol eu escolhi para mim; o outro, que é iluminado pelos primeiros raios do sol da manhã ou da lua e que tem uma bela vista de parte da cidade e das colinas ao fundo, eu reservei para as missionárias que estão chegando este ano. Meu quarto, eu compartilho com Mlle. Renotte, é confortavelmente mobiliado e tem belo toque de acabamento pelas cortinas suíças. O outro quarto usamos como sala de piano. O dormitório é

33

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

mobiliado com camas, lavatório e baús já que ainda não temos um guarda-roupa geral nem guarda-roupas pessoais, pois estamos aguardando o marceneiro. Em uma das pontas do 'hall' há uma escada para o 3º piso e no topo dela há uma outra para o 'observatório'. Quando nós tivermos equipamento para estudar astronomia nós teremos estudantes interessados, não somente na escola, mas também entre os amigos (...) A pintura é 'cru', cor da pele, e marrom claro o que dá uma combinação harmoniosa. As portas abrem-se ao meio, em duas folhas. As janelas são amplas, abrindo no centro e tendo seis quadros de vidro, ao todo; a parte de cima é separada da parte de baixo. Os pisos estão ruins, mas não foi falha do arquiteto, foi por pintar alguns e passar óleo em outros. Nós temos lâmpadas em quase todos os lugares necessários. Na frente há um belo jardim com um portão de ferro muito bonito, apoiado em pilares de tijolo, mas a cerca tem sido muito criticada por ser de arame apenas. (...) A cozinha é pequena e ainda não temos banheiros regulares nem privadas externas ainda. Uma passarela coberta liga a casa à cozinha perto da qual está o poço que fornece água boa, coisa incomum em Piracicaba (Watts, 1884 in Mesquita, 2001).

Segundo Barbanti (1977), todos os alunos se reúnem, no início dos trabalhos escolares, no grande salão de estudos que ocupava toda a frente do primeiro andar do prédio. As carteiras dos alunos eram de modelo e procedência americana, com assento para duas pessoas. Miss Martha ocupava uma mesa ao centro da sala ... depois, os alunos saíam em marcha para suas classes. Nesse mesmo salão eram ministradas as aulas de ginástica por uma das professoras americanas, que se utilizava de uma adaptação do sistema de ginástica sueca (Barbanti, 1977).

A Imprensa Ytuana de 30 de maio de 1888 publicou um artigo assinado com o pseudônimo Triunviro, descrevendo o funcionamento do Colégio: *dirigimo-nos ao gabinete de Physica, onde encontramos muitos aparelhos para o estudo desta sciencia e ouvimos algumas explicações da abalisada mestra ... (o Laboratório de química) onde a mesma senhora (Miss Watts) revelou seus largos conhecimentos sobre os corpos e suas propriedades, análise e composição ... (o pequeno museu), mas muito bem organizado,*

34

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

onde vimos galerias de productos naturaes e artificiaes, objectos para o delicioso e interminável estudo da parte da História Natural chamada botanica, além de esqueletos e craneos de animais próprios para o estudo da outra parte da História Natural chamada zoologia ... achamo-nos (...) primeiro no Kindergarten, onde também se achavão duas mui distintas mestras, cercadas de pequeninas crianças, desde a idade de quatro anos ministrando-lhes rudimentos de cousas, o que é muito interessante. Admiramos o talento de uma das mestras que, conhecendo profundamente essa matéria e as matemáticas, fez uma brilhante prelecção naquele momento: seguiu-se depois ahi mesmo um exercício que podemos chamar infantil e que serviu de recreio por alguns minutos para a criançada ... só temos que elogiar o jardim das crianças e o systema americano ahi adoptado, muito recomendável pela sua imensa vantagem (Imprensa Ytuana, 1888).

O Edifício Principal foi construído com características da arquitetura norte-americana com influência do neoclássico paladiano, comum na Grã-Bretanha e Estados Unidos. A execução em alvenaria aparente também é típica destes países, no século XIX (Cachioni, 2002).

A fachada principal original apresentava-se dividida em três corpos, sendo o central destacado dos laterais, em altura e comprimento. Com quatro pilastras da ordem dórica arrematando as três grandes janelas centrais em arco pleno no primeiro pavimento, se compunham diretamente com as três aberturas em arco abatido do pavimento térreo, a portada central e as janelas laterais. Os corpos laterais simétricos apresentavam na parte frontal duas janelas no térreo e duas no superior, com peças envidraçadas de abrir para dentro, e venezianas independentes. A dimensão do edifício só apresentava três janelas na fachada da Rua D. Pedro II, sendo os blocos restantes de construções posteriores. Arrematando os arcos plenos e abatidos das envasaduras é possível ainda observar o tratamento estético feito com os próprios tijolos da obra. O edifício apresenta, também, um beiral de pequenas proporções com tijolos trabalhados em diagonal. Possivelmente, tenha sido um dos primeiros edifícios cobertos com telhas francesas do tipo Marselha⁷ na cidade (Cachioni, 2002).

7. As telhas eram provenientes de duas olarias diferentes: Antoine Sacoman - Usine de La Plata Marseille S. Henry e JM - JPH Mouraille, Seon ST André Marseille)

35

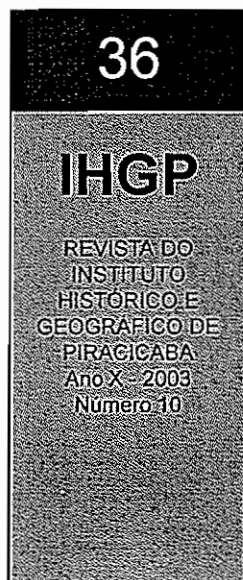
IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

A construção original muito se assemelha a outras edificações escolares protestantes, particularmente às presbiterianas no Brasil e especialmente às construções originais do Colégio Internacional de Campinas, do Colégio Culto à Ciência de Campinas ou do Instituto Mackenzie de São Paulo, projetados por Guilherme Krug. Essas edificações escolares foram construídas em alvenaria aparente, com fenestração em arcos de consola e beirais recortados com tijolos em diagonal, na maioria dos casos. Algumas diferenças estilísticas são percebidas, como as mansardas originais do Culto à Ciência e as rosáceas lobadas encontradas na escola campineira e também no Instituto Mackenzie, usadas por Guilherme Krug, já que Haussler trabalhou apenas com elementos do classicismo, como as pilastras da ordem dórica. Talvez a maior diferença seja o tipo de janela, já que nas escolas paulistanas citadas as janelas são de guilhotina, como na tradição anglo-americana (e até mesmo na colonial brasileira) e as do Colégio Piracicabano são do tipo de abrir, com duas folhas e bandeira. Por outro lado, o edifício mais antigo do Mackenzie, no bairro paulistano de Higienópolis, também foi construído com um observatório, espécie de varanda, no telhado (Cachioni, 2002).

Pouco tempo depois da construção, em 1892, foi construída uma varanda contínua de madeira, com pilares decorados à moda norte-americana do período colonial. A instalação da varanda foi necessária para fornecer sombra às salas e proteção das chuvas de verão às janelas, pois as missionárias americanas não se acostumaram à luz intensa que o sol tropical proporcionava. A porta e as janelas da fachada principal ficaram então protegidas pela varanda, enquanto que as laterais permaneceram expostas à luz. Em 1893, o edifício foi ampliado para a instalação do *Kindergarten* (Jardim da Infância) e ampliação do número de dormitórios. Algum tempo depois, em 1899, foi novamente ampliado com a construção de cozinha e outros serviços (Cachioni, 2002).

No *Methodist Review of Missions* de abril de 1895, Miss Martha Watts escreveu: *Estou contente por seus leitores poderem ver a imagem de nossa escola. Este é um bom, substancial prédio, e desde quando o pórtico foi anexado, é também confortável. Foi preciso proteger a fachada da claridade*



do sol, e também das chuvas de pedra e violentos ventos que ocorrem principalmente nesta direção. Há um 'L' no lado mais distante que não aparece na foto. Esse ponto, tem 50 pés de profundidade, e nos dá uma ótima sala para jardim da infância no térreo, e um arejado, bem iluminado dormitório no superior. As parreiras na cerca são roseiras, e quando florescem são 'uma coisa de bonitas'. Atrás da casa há um extenso parque para as crianças. À esquerda, como vocês podem observar na foto, há um jardim para pequenas frutas e vegetais. Atrás do jardim fica o pomar. Este produz para nós, laranjas, ameixas, goiabas, jabuticabas, pitangas e outras frutas nativas. Nossas bananas crescem na parte de trás do parque, e nossos figos, uvas, abacaxis, e morangos, no jardim. Na direita há um jardim florido, e o pátio em frente é coberto de grama. No outro lado do caminho há uma imensa árvore centenária. Tudo em volta fica sombreado. Perto das paredes e cercas há uma fileira de flores. A casa foi construída em 1883. Quando nós entramos, tínhamos sessenta e oito pupilas, o que foi um grande avanço no número que tínhamos em 1881. Desde então temos tido mais ou menos 120 atualmente. Nós temos uma grande e ótima escola agora (...) Nós temos envidado muitos esforços para elevar nossa escola ao mais alto padrão, como também desenvolver os melhores traços de caráter em nossas pupilas. Nós continuaremos sempre tendo em mente o único grande objetivo que é instruir para Cristo.

"Até este ano (1906), desde 1898, o edifício Principal fora ampliado três vezes. Como o Colégio continuava crescendo, obteve autorização para construir o segundo edifício (Alice Kuester - JP 13/09/1973). Em 12 de agosto de 1907 foi lançada a pedra angular do Anexo Martha Watts. Na construção do anexo, Miss Lilly Ann Stradley, Diretora do Colégio, empregou recursos particulares, inclusive a *legítima* que lhe coube da herança paterna. A inauguração do edifício que compreendia o Salão Nobre, salas de aula, biblioteca, sanitários, entre outros, ocorreu em 1914. No Salão Nobre foram instalados vitrais (em homenagem e gratidão dos ex-alunos e admiradores de Miss Watts) e carteiras americanas *Ajustable Ed. Waller*.

A partir de 1907, foi iniciada a construção de um edifício anexo ao Edifício Principal, para o Colégio Piracicabano, o Anexo Martha Watts ou *Martha Watts Annex*.

37

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

O lançamento da pedra fundamental, ocorrido em 26 de novembro de 1907, do Anexo Martha Watts foi noticiado pelo **Jornal de Piracicaba** e pela **Gazeta de Piracicaba**, conforme segue: *Realisou-se hontem, como fôra anunciado, o acto do lançamento da primeira pedra do novo edificio - anexo ao collegio, o qual terá o nome de Anexo-Watts, em homenagem a Miss Watts, distincta educadora, fundadora do importante estabelecimento de educação, ha mais de 26 annos existente em nossa terra. Revestiu-se da maior solemnidade a cerimonia, á qual assistiram innumerous cavalheiros e exmas. senhoras de nossa melhor sociedade. O edificio do collegio, adomado de folhagens, e ostentando os pavilhões de diferentes nações entre os quaes se viam, em destaque o nacional e o americano - apresentava aspecto garido como nos melhores dias festivos. Desde ás 8 horas da manhã começou a affluir povo, avisado e atthraido pelos sons alegres da banda de musica que se pôstou no local. Deu principio á cerimonia um hymno sacro, entoado pela sociedade coral da igreja methodista piracicabana, seguindo-se uma prece pelo ministro Dickie, invocando o auxilio do todo o Poderoso, que é luz e verdade, sobre a obra edificada, destinada á instrucção e á diffusão da luz e da verdade. Seguiu se com a palavra como orador official, o revd. Kennedy, que produziu um substancioso discurso em que citou apreciações, feitas por altos espíntos, da educação americana e dos serviços por ella prestados á mocidade brasileira. Emittiu conceitos do dr. Prudente de Moraes e do dr. Ruy Barbosa, de que ambos se manifestaram favoráveis á divulgacão dos princípios da moral evangelica, como meios de implantaçãõ da ordem na sociedade pela remodelaçãõ dos caracteres. Em seguida falou o sr. Pedro de Camargo, antigo alumno do collegio, e discorreu brilhantemente sobre a missãõ da mulher na sociedade, a quem incumbe transfundir na alma ductil da criança os primeiros sentimentos de amor ao bem e ao bello. Depois pelo sr. Henrique Brasiliense antigo professor do collegio foi feita a entrega a Miss Watts de um album em cujas paginas se inscreveram todos os seus admiradores. Offerta esta que foi logo agradecida, usando da palavra a respeitável senhora, que em termos de captivante familiaridade, palestrou, um momento, com os seus amigos daquelles bons tempos em que dirigiu o collegio*

38

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

nesta cidade. Fez emfim o histórico do collegio, por apontamentos da antiga directora, o sr. Prof. Adolpho Carvalho e por essas notas viemos a saber que o collegio se installou em edificio proprio em 1883, de fevereiro, sendo inaugurada a pedra fundamental em principios de 1881 (sic). Arrolados os objectos que devia conter a urna, a ser depositada, no angulo do edificio, foi esta fechada com os jornaes da terra, com uma biblia a mais antiga que possuiu a directora Miss Watts, com um livro de hymnos, algumas moedas do tempo da monarchia e outras republicanas e mais alguns objectos. Dahi se procedeu á cerimonia do lançamento da pedra. O dr. Manoel da Silveira Corrêa, presidente da camara, deu o braço a Miss Watts, que procedeu o cortejo em direcção ao local, previamente preparado. Ahi chegados consummou-se a cerimonia, usando da palavra o dr. Joaquim da Silveira Mello. Por fim ouviu-se o hymno nacional como remate a interessante festa que impressionou agradavelmente a toda assistencia. Eram 10 horas da manhã quando dissolveu-se a reunião (Gazeta de Piracicaba, 27/11/1907).

Praticamente um novo edificio, mas integrado ao original, ficou pronto em 1914 e recebeu o nome da fundadora do Colégio, falecida em 1909, nos EUA (Cachioni, 2002). O projeto do edificio apresentava originalmente um salão no primeiro pavimento e duas salas, de frente para a rua (diretoria e secretaria), no térreo, e mais duas salas, antes do Salão Nobre. Este, com palco e salas especificas (depósito, sala de pintura, escritório e sala de música) nos fundos, além da galeria executada em madeira. Na parede do palco há três grandes e significativos vitrais: no meio, em homenagem à fundadora do Colégio; e os laterais representam professores, no Brasil e nos EUA, com seus alunos, um globo, livros e as bandeiras dos dois países (Cachioni, 2002).

O edificio foi projetado em T, como anexo ao anterior. Executado originalmente em 2 pavimentos, sobre porão utilizável (apenas em parte), o Salão Nobre tinha pé direito duplo, com mezanino tipo galeria. O mezanino, executado em arcada, teve suas peças, de madeira trabalhada, importadas dos EUA. Na fachada, apresenta como características tipológicas predominantes, os elementos do neoclassicismo norte-americano em alvenaria aparente. Na fachada principal há uma portada com um mascarão envol-

39

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

8. No final da década de 1940, as janelas foram trocadas por vitrôs basculantes. Na década de 1970, todo o interior do edifício foi reformado, para a ampliação do salão. Todo o mezanino foi removido, as salas de aula foram demolidas e todas as janelas foram fechadas com alvenaria. A alteração foi bastante drástica e descaracterizou completamente seu interior.

9. A informação sobre o parapeiro das treliças e peças decorativas é inédita e descoberta através de pesquisas do edifício da Igreja Metodista Central de Piracicaba.

vido em rocalhas, que arremata uma porta de duas folhas em madeira com almofadas. O destaque da fachada principal é o grupo de quatro colunas engastadas da ordem coríntia, que se compõem com o entablamento e o frontão. Em intercolúnio, há uma abertura por pavimento. No pavimento térreo as janelas são do tipo paladiano, e as aberturas do primeiro pavimento são em verga reta arrematada por bossagem à inglesa, em relevo⁸. A fenestração do bloco intermediário entre o Edifício Principal e o Salão Nobre não é simétrica nem rebatida, com as janelas variando em largura conforme o uso destinado às salas (Cachioni, 2002).

Em 1914, após o término da construção do Anexo Martha Watts, o arquiteto George Krug propôs a reforma da fachada do Edifício Principal de modo que combinasse estilisticamente com o anexo. As varandas de madeira foram retiradas e as treliças e elementos decorativos foram colocados posteriormente no templo da Igreja Metodista Central, onde estão atualmente⁹. Após a reforma, passou a contar com um pórtico de entrada, com 4 colunas da ordem coríntia arrematadas por uma platibanda com um pequeno frontão. Na janela central foi construída uma pequena varanda balaustrada de alvenaria. A nova fachada apresenta elementos da arquitetura republicana, do período após a Guerra da Secessão, dos EUA (Cachioni, 2002).

O engenheiro arquiteto George Krug, que projetou o Anexo Martha Watts e reformou a fachada do Edifício Principal do Colégio Piracicabano, era filho de Wilhelm (Guilherme) Gustav Heinrich Krug (que construiu a segunda Câmara e Cadeia de Piracicaba), imigrante alemão radicado em Campinas em 1852. Em 1856, ou por volta dessa data, foi para os Estados Unidos estudar, casou-se com Amelia Catarina Baley Krug e lá tiveram seus filhos. Em 1875 a família Krug voltou para Campinas, onde Guilherme Krug passou a trabalhar como construtor. Devido à epidemia de Febre Amarela que assolou Campinas, a família mudou-se para São Paulo (Ficher, 1989 *in* Cachioni, 2002).

George Krug se diplomou arquiteto nos Estados Unidos, pelo *Institute of Fine Arts* da Universidade da Pensilvânia na Filadélfia, antes de 1899. Voltando a São Paulo, associou-se ao seu pai na firma Guilherme Krug & Filho. Provavelmente pelos laços com a Igreja Presbiteriana em São Paulo, constru-



íram o Hospital Samaritano, na Rua Conselheiro Brotero, no início da fase inicial do loteamento do Bairro de Higienópolis. No mesmo bairro, no final da década de 1890, construíram um *Chalet* para T. G. Baumgardner, na Av. Higienópolis 22, um *Chalet* para uso próprio e duas residências para Martinho Burchard, que era um dos loteadores, uma na Av. Higienópolis, 20 e outra na Rua Aracajú (Ficher, 1989 in Cachioni, 2002).

Pai e filho participaram da Exposição de *Saint Louis*, EUA em 1904, onde segundo Ficher (1989) provavelmente obtiveram medalha de prata com o projeto dos escritórios e armazéns do Engenho Victória da E. Johnston & Co. em São Carlos, no estilo *Queen Anne*, ainda que simplificado (Ficher, 1989 in Cachioni, 2002).

De 1899 a 1902, George Krug foi professor das cadeiras de *Arquitetura* e *Construção* do curso de engenheiro civil da escola de Engenharia do *Mackenzie College*, em São Paulo. Foi também fiscal da Universidade de Nova Iorque no Mackenzie durante muitos anos. Em setembro de 1904 foi nomeado professor substituto interino da 4ª Seção de Artes da Escola Politécnica de São Paulo e, em outubro de 1906, foi efetivado no cargo. Em abril de 1915 assumiu interinamente as cadeiras do 3º ano do curso de engenheiro-arquiteto em *Composição Geral 2ª Parte* e *História da Arquitetura*, tendo sido nomeado catedrático em setembro de 1916, na Escola Politécnica (Ficher, 1989 in Cachioni, 2002).

Após a morte do pai, em 1907, George Krug manteve a firma. Por volta de 1910, associou-se ao seu projetista, Antonio Garcia Moya na firma Krug, Moya & Cia, onde também trabalhava seu sobrinho Guilherme Malfatti (irmão de Anita Malfatti). Após o seu falecimento, foi substituído por seu irmão engenheiro, Arthur Gillum Krug (Fresno, 1863 - São Paulo, 1938), que trabalhou na Cia. Paulista. Quando este se retirou, a firma passou a se denominar Moya & Malfatti. George Krug trabalhou no escritório de Ramos de Azevedo, tendo sido um de seus inúmeros colaboradores (Ficher, 1989 in Cachioni, 2002).

Em Piracicaba, projetou e construiu o Anexo Martha Watts de 1907 a 1914, podendo ser identificado em foto do lançamento da pedra fundamental do edifício. Também há um recibo por ele assinado no Museu da instituição que confirma sua autoria e participação na obra (Cachioni, 2002).

41

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

Em 1916 sucedeu Maximiliano Hehl na direção da construção da Catedral da Sé de São Paulo. Foi membro da Sociedade dos Arquitetos de São Paulo, fundada em 1911, onde participou da Comissão de estatutos e foi também um dos fundadores do Instituto de Engenharia de São Paulo (Ficher, 1989 *in* Cachioni, 2002).

George Krug era tio e padrinho de Anita Malfatti (São Paulo, 1889 - São Paulo, 1964), filha de sua irmã Eleonora Elisabeth Krug Malfatti com o arquiteto Samuel Malfatti, para a qual financiou os estudos em pintura em Berlim e Nova Iorque (Ficher, 1989 *in* Cachioni, 2002).

Em 1929 a *Trinity Church* foi reformada, sendo adaptada para laboratórios e salas de aula, passando a se denominar Edifício Trinity. Dois anos depois, em 1931, nas comemorações do cinquentenário do Colégio Piracicabano foi construído o obelisco entre os edifícios 'Principal' e o 'Anexo Martha Watts', com a placa de bronze onde se lê *Ciência e Virtude* e a tocha simbólica do saber, com o lema *Fazei o bem por amor ao bem*.

Em 1943 o Edifício Principal foi mais uma vez ampliado, com o acabamento do 2º pavimento, onde se encontrava o observatório. As salas de aula foram reformadas e mais de 80 janelas foram substituídas por vitrôs basculantes. Quatro anos após, em 1947, sob a direção do Prof. Josaphat Araújo Lopes, foi construído o segundo pavimento no Edifício Trinity.

No dia 27 de setembro de 1955 foi iniciada a construção do Edifício Prudente de Moraes, destinado ao curso primário, inaugurado em 16 de novembro do mesmo ano. No ano seguinte, 1956, foi construído o edifício de três pavimentos e subsolo, destinado ao internato feminino, inaugurado em 1957. Segundo Jair de Araújo Lopes, o prédio foi planejado por Miss Irene Hesselgesser, diretora do Colégio. Em 1960, este edifício passou a se denominar Rosalie S. Brown.

Em 1965 o Edifício Trinity foi demolido e foi iniciada a construção do Edifício Centenários, cujo nome foi dado em homenagem ao Centenário do Metodismo no Brasil e ao Bicentenário da cidade de Piracicaba, que ocorreram em 1967, data da inauguração.

42

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

BIBLIOGRAFIA

- BARBANTI, Maria Lucia S. H. **Escolas Americanas de confissão protestante na Província de São Paulo: Um estudo de suas origens.** Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1977.
- CACHIONI, Marcelo. **Arquitetura Eclética na Cidade de Piracicaba.** Dissertação de Mestrado sob orientação da Prof^a Dra. Ivone Salgado. Campinas: PPG FAU PUCCAMP, 2002.
- FICHER*, Sylvia. **Ensino e profissão: o curso de engenheiro arquiteto da Escola Politécnica de São Paulo.** Tese de doutorado. 2v. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 1989.
- GAZETA de Piracicaba. **Collegio Piracicabano.** Piracicaba, 11/06/1884.
- GAZETA de Piracicaba. **Collegio Piracicabano.** Piracicaba, quarta-feira, 27/11/1907.
- GUERRINI, Leandro. **História de Piracicaba em Quadrinhos.** 2 volumes. Piracicaba: IHGP, 1970.
- IMPrensa Ytuana, 1888.
- LOPES, Jair de A. **Anotações sobre o Edifício Principal.** Piracicaba: Manuscrito, s/d.
- LOUREIRO, Maria Amélia S. **Evolução da Casa Paulistana e Arquitetura de Ramos de Azevedo.** São Paulo: Voz do Oeste. Secretaria de estado da Cultura, 1981.
- KENNEDY, James L. **History of the College.** In: **Woman's Missionary Advocate.** EUA: abril de 1883.

* Nota do IHGP - Estranha a grafia Ficher para sobrenome, que provavelmente seria Fischer, em Alemão, ou Fisher, em Inglês. No entanto, esta grafia, segundo o autor do artigo, é a usada no livro citado.

43

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

CONTEXTO CULTURAL E DESENVOLVIMENTO CONCEITUAL

Maria Dulce Bandiera Bergamin¹

1. A autora é Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo.

RESUMO: Relato de pesquisa sobre o desenvolvimento intelectual na infância, sob o ponto de vista da formação de conceitos. A observação do desempenho infantil, na faixa etária de seis a dez anos, baseou-se na técnica do desenho. Dois grupos de cinquenta crianças de origem social distinta foram solicitados a desenhar duas figuras femininas, uma de pessoa rica, e a outra de pessoa pobre. A análise dos desenhos revelou que ambos os grupos utilizaram os mesmos critérios para diferenciar as duas figuras, observando-se em um deles uma polarização da atitude relativa às figuras representadas. Os resultados obtidos levaram à conclusão da existência de um processo de estruturação interna da experiência infantil relativa ao contexto sócio-cultural, como sugeriram os trabalhos dos autores Jean Piaget e Pierre Bourdieu.

PALAVRAS-CHAVE: amostra, classe social, construção estrutural, contexto sócio-cultural, esquema de ação, estrutura interna, *habitus*.

44

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

1. INTRODUÇÃO

Para qualquer período histórico considerado, o estudo da vida intelectual e consciente dos homens revela que as transformações que ela sofreu têm correlação com transformações ocorridas em outros setores da vida social. Verifica-se hoje que a história da sociedade global é melhor compreendida quando relacionada com o estudo significativo dos problemas que se colocaram aos homens, em cada época histórica. A própria estrutura desses problemas sofre transformações características, reveladoras do

processo histórico como um todo. Por essa razão afirma L. Goldmann (1973) que para toda época particular o problema da história e a história do problema são dois conceitos estreitamente ligados.

Essa visão aborda o processo histórico em sua relação com os problemas humanos em geral, e particularmente com os problemas da atividade intelectual do ser humano. Encara esses dois planos como um único processo de construção estrutural, cujo dinamismo se revela pelas contradições internas do objeto de estudo, e também pelas contradições entre esse objeto e a estrutura mais ampla que o abrange.

Tais proposições oferecem um contexto teórico apropriado para a pesquisa psicossociológica, isto é, para o estudo da Psicologia Social, que se define como o estudo do comportamento do indivíduo no meio social. A partir deste enfoque surge o reconhecimento de que todo fenômeno psicossocial tem uma conotação histórica, levando alguns autores a afirmar que a Psicologia Social como ciência *interessa-se pela experiência humana em sua dimensão histórica e cultural*.

Algumas considerações sobre o objeto desta ciência tornarão mais clara a proposição acima. O mundo social é um mundo significativo. Na interação que estabelece com os seus semelhantes o ser humano mantém com eles relações dotadas de um sentido que deriva exatamente do seu caráter social. Isso ocorre porque as interações sociais, sendo reciprocamente referidas, geram expectativas de comportamento e assumem conexões de sentido que se explicam no contexto de cada sociedade.

Em outras palavras, no meio social o comportamento humano se processa em um plano significativo. Neste plano as ações individuais possuem um valor simbólico coerente com o sistema de valores aceito pelo grupo. Os dados que este trabalho apresenta constituem uma demonstração desse fato.

No meio social o comportamento individual deixa de se referir apenas a objetos para incluir uma referência a outras pessoas, e é na relação que estabelece com seus semelhantes que o indivíduo se torna propriamente humano. O ambiente dos outros e os frutos do seu trabalho

45

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

tornam-se a região de forças dentro da qual a pessoa existe e se movimenta, descobrindo a realidade de si mesma e do trabalho, da arte e do pensamento, que adquirem significados específicos.

Afirma Berger (1978), que a sociedade pré-define para nós o *mecanismo simbólico fundamental com o qual apreendemos o mundo, ordenamos nossa experiência e interpretamos nossa própria existência* (p. 132). Desse modo, a visão de mundo que orienta o comportamento do indivíduo, a sua interpretação da realidade que o cerca, e todo o padrão de comportamento que o caracteriza como membro de um grupo social são influenciados pelo contexto sócio-cultural em que ele vive e se desenvolve. Sua própria existência se define nos termos oferecidos por esse contexto.

O presente trabalho constitui uma tentativa de verificação empírica dessas proposições teóricas, no âmbito do desenvolvimento psicológico infantil. Como parte de um projeto visando ao estudo do desenvolvimento de conceitos sociais na infância, pretendeu-se aqui verificar como se constrói o conceito de classe social. Tal investigação exigia a elaboração de uma metodologia apropriada, da qual se relata a primeira fase.

2 . A PESQUISA

A partir de observações casualmente efetuadas em trabalho anterior (Bergamin, 1982) realizou-se, com o objetivo acima descrito, um levantamento sistemático de dados sobre o comportamento infantil. Foi utilizada a técnica do desenho, aplicada a duas amostras de crianças de seis a dez anos de idade.

Os sujeitos

A primeira amostra consistiu em um grupo homogêneo de 50 crianças que freqüentavam uma única escola de primeiro grau em um bairro urbano da cidade de Piracicaba, SP. Esta amostra será aqui chamada de homogênea. A outra amostra, referida como diversificada, contou com outras 50 crianças, que freqüentavam cinco diferentes escolas de primeiro grau da mesma cidade, localizadas em diversos bairros urbanos. A partir da informação sobre a

46

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

profissão ou ocupação do pai constatou-se que as crianças da amostra homogênea enquadravam-se nos segmentos sociais baixo ou médio-baixo, sendo as da amostra diversificada provenientes dos segmentos médio ou médio-alto. Portanto, os dois grupos de crianças eram diversos, quanto à origem social.

Procedimento

A técnica do desenho foi utilizada solicitando-se aos Sujeitos que desenhassem uma mulher rica e uma mulher pobre. Um estudo piloto havia indicado que a figura feminina poderia levar a resultados mais esclarecedores que a masculina ou a infantil, por oferecer maiores possibilidades de diferenciação e escolha aos Sujeitos. Todas as crianças foram individualmente entrevistadas pela autora na escola que freqüentavam, com a anuência dos respectivos diretores e professores. Era-lhes oferecido o material necessário para desenhar (lápis preto e papel) solicitando-se então que desenhassem duas figuras femininas, uma representando uma mulher rica e a outra uma mulher pobre. Variou-se sistematicamente a ordem dos desenhos entre as crianças. Os desenhos assim obtidos foram qualitativamente analisados, comparando-se os resultados das duas amostras.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como esperado, a análise dos desenhos revelou grande variabilidade na sua qualidade. Observou-se também que as crianças dos dois grupos utilizaram critérios semelhantes para diferenciar as duas figuras desenhadas, com pequena variação de freqüência no uso desses critérios, entre as duas amostras.

Os critérios utilizados foram os seguintes: 1. O *tamanho* das figuras desenhadas. 2. O *entorno* em que elas foram colocadas, que podia ser *físico*, apresentando por exemplo o céu e nuvens, ou *social*, incluindo outras figuras humanas ou objetos socialmente relevantes, como casas ou carros. 3. O *vestuário* das duas figuras. 4. Os *adornos* que elas usavam. 5. Um *fator psicológico*, tal como lágrimas no rosto da mulher pobre, um sorriso no rosto da rica, comentado pela criança, ou referências verbais espontâneas aos estados de humor das figuras desenha-

47

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

das, como tristeza ou alegria. Portanto, o fator psicológico pode incluir tanto componentes cognitivos como emocionais.

O tamanho das figuras como fator diferenciador foi muito freqüente em todos os níveis de idade, sendo a figura da mulher rica maior que a da pobre na quase totalidade dos desenhos. Interrogadas sobre as razões dessa diferença, as crianças explicavam que **a rica é maior porque é rica**, ou que **a pobre é menor porque é pobre**. Na faixa dos seis anos este foi o principal fator utilizado. Nas demais faixas este critério não foi utilizado isoladamente, sendo sempre acompanhado de pelo menos um dos demais.

Verifica-se que nas faixas etárias observadas as crianças tenderam a fazer desenhos relativamente completos, expressando com clareza os diversos critérios conhecidos por elas como capazes de diferenciar as categorias sociais representadas. Apesar da simplicidade do raciocínio empregado para explicar a diferença de tamanho, foi possível observar certo empenho em criar representações significativas, socialmente definidoras das categorias sociais.

Um interessante fenômeno encontrado em muitos desenhos, que confirma essa observação, foi a acentuação da diferença entre as figuras, através do emprego de muitos detalhes específicos. Esta característica, presente na amostra diversificada, sugere uma espécie de polarização da atitude das crianças em relação às categorias sociais representadas, como se para essas crianças a mulher rica fosse **muito rica**, e a mulher pobre **muito pobre**. Este trabalho não oferece dados que permitam explorar esta hipótese, porém pode-se explicitá-la com alguns exemplos, extraídos da amostra diversificada.

Adriana, de 10 anos de idade, desenhou a mulher rica portando saia rodada, blusa estampada, pulseira no braço, laço de fita no cabelo, cinto com fivela na cintura, calçando sapatos e segurando flores na mão. A mulher pobre, desenhada ao lado da rica, tinha menor estatura, usava roupas muito simples, remendadas e sem nenhum enfeite, estava descalça, com os cabelos despenteados, e tinha feridas nos braços.

Enquanto desenhava, Adriana fez alguns comentários espontâneos. Desenhando a mulher rica: *ela pode comprar coisas*. Desenhando a pobre: *ninguém gosta dela, nin-*

guém respeita. Quando ela vai trabalhar ninguém lhe dá emprego porque ela é suja.

O desenho de Douglas, de 9,1 anos de idade, exemplifica o uso do *entorno social*: desenhou um grande carro ao lado da mulher rica (esta, bem penteada, usava colar com pingente e sapatos de salto alto). Ao lado da pobre, que tinha lágrimas nos olhos (*fator psicológico emocional*) Douglas desenhou uma boneca caída.

Também Flávio (10,5 anos de idade) criou o *entorno*, além de usar o *tamanho*, o *vestuário* e *adornos*, e introduzir o *fator psicológico (cognitivo)* para enfatizar a diferença entre as duas figuras: desenhou a mulher rica (maquiada, com sapatos de salto alto, elegantemente vestida, usando colar e pulseira, e portando sacolas da Mesbla) em pé ao lado de um grande carro, dizendo: *onde andaré meu motorista? A mulher pobre, pobremente desenhada, estava diante de uma pastelaria, dizendo: Estou com tanta fome!*

Os resultados fornecidos pelos desenhos obtidos nesta pesquisa são consistentes com o conceito de *habitus*, criado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu (1972), que o define como um sistema de disposições duráveis, que integra toda a experiência passada e funciona como uma matriz de percepções, avaliações e ações. Afirma o autor que, através dessa matriz, a experiência é estruturada ao nível do funcionamento individual e social, tanto pelo processo de escolarização ou educação formal, como pelos contatos informais que permeiam toda a vida do indivíduo. Além disso, explica o autor, paralelamente ao mercado de bens materiais, que corresponde a uma ordem econômica, existe na sociedade todo um sistema de relações de produção e consumo de bens simbólicos, ao nível cultural. Os dados obtidos nesta pesquisa foram coerentes com as idéias desse autor, na medida em que demonstram a utilização, pelas crianças observadas, de critérios simbólicos como os apresentados. Confirmam também suas idéias referentes à importância do vestuário e do adorno, como bens de consumo relevantes pelo seu rendimento simbólico, na função de diferenciação entre os grupos sociais (Cf. Garavello, 1982).

A relativa uniformidade, com que os Sujeitos da pesquisa aqui apresentada cumpriram a tarefa proposta, indi-

49

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRAGICABA
Ano X - 2003
Número 10

ca a existência de uma estruturação interna que os levou a produzir desenhos como os descritos. Essa estruturação interna é responsável pelos esquemas de ação (inferidos a partir dos critérios utilizados pelas crianças), que levam os membros de um grupo social a apresentar soluções semelhantes para diferentes problemas. Tais esquemas de ação correspondem ao *habitus* descrito pelo autor, sendo responsáveis pelas características comuns entre os desenhos de cada amostra, e pela sua diferenciação entre ambas, como ocorreu nos casos de polarização. Na medida em que a participação em determinado grupo social contribui para a formação do *habitus*, crianças de diferentes segmentos sociais se tornam portadoras de *habitus* diversos, que levam a diferentes padrões de comportamento. Foi o que se observou nos resultados desta pesquisa.

É importante frisar que o conceito sociológico de *habitus* constitui o correlato teórico do *schema*, ou esquema de ação, proposto por Jean Piaget no âmbito da Psicologia. Este fator pode ser responsável pela polarização observada entre as crianças da amostra diversificada, e ausente entre aquelas da amostra homogênea.

A riqueza de detalhes socialmente significativos nos desenhos da amostra diversificada, assim como a sua relativa pobreza nos desenhos da amostra homogênea, revela uma diferença marcante entre os dois grupos, no que se refere ao modo de reação das respectivas crianças aos segmentos sociais. Essa diferença resulta do processo de estruturação da experiência individual, estruturação esta que se faz no contexto sócio-cultural em que elas vivem, isto é, no contato com grupos e com todo um sistema de valores e significados definidores do sentido pessoal, em cada situação vivida.

Nesse contexto sócio-cultural define-se o sentido da vida do indivíduo e do grupo, que constrói a História.

4. CONCLUSÃO

O material de pesquisa aqui apresentado oferece base suficiente para se inferir a existência de uma estruturação interna que levou as crianças, ao produzir os desenhos, a elaborar suas ações de modo significativo, criando situações dotadas de um sentido que provém da

50

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

sua experiência pessoal, no contexto sócio-cultural em que atuam. Essa estruturação interna corresponde ao processo de desenvolvimento conceitual infantil e resulta na formação dos *esquemas de ação* descritos por Jean Piaget, ou ainda do *habitus*, conceito sociológico criado por Pierre Bourdieu.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERGAMIN, M. D. B. *A Psicogênese da Noção de Relação Social*, Tese de Livre - Docência, Esc. Sup. de Agricultura Luiz de Queiroz, Piracicaba, SP, 1982.
- BERGER, P. *Perspectivas Sociológicas*, Petrópolis, Editora Vozes, 1978.
- BERGER, P. e T. LUCKMANN, *A Construção Social da Realidade*, Petrópolis, Editora Vozes, 1976.
- BOURDIEU, P. *Esquisse d'une Théorie de la Pratique*, Genève, Librairie Droz, 1972.
- GARAVELLO, M. E. P. E. *Representações e Práticas de Consumo no Meio Rural*, Dissertação de Mestrado, E. S. A. Luiz de Queiroz, Piracicaba, SP, 1982.
- GOLDMANN, L. *Crítica e Dogmatismo na Sociedade Moderna*, Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1973.
- PERRET- CLERMONT, A. N. *A Construção da Inteligência pela Interação Social*, Lisboa, Soccultur, 1978.
- PIAGET, J. *A Formação do Símbolo na Criança*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1975.

51

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

O REAL VELHO E ALGUMAS OUTRAS UNIDADES ANTIGAS/ USADAS NO BRASIL

F. Pimentel-Gomes ¹

1. Ex- Presidente do
IHGP.

O REAL

É antiga unidade monetária de Portugal e do Brasil. Com este significado, o plural de *real* era *réis*. Foi substituído pelo **cruzeiro**, equivalente a *mil réis*, em 01 de novembro de 1942. A quantia de 1500 réis, por exemplo, se escrevia 1\$500, a de 600.000 réis era escrita como 600\$000. Quando se ia além de um milhão de réis, entrava em ação o *conto de réis*, com a palavra **conto** significando **milhão**. Assim *doze contos de réis*, isto é doze milhões de réis, se escreviam como 12:000\$000 e se lia: *doze contos de réis*. A quantia de 25:200\$000 se lia: *25 contos e duzentos mil réis*. O real, que vinha do Brasil Império, valia muito pouco no começo do século 20. Uma entrada de cinema, em 1931, valia de mil a três mil réis, em geral, isto é, de 1\$000 a 3\$000. A meia entrada, na matinê de Domingo, era vendida por 500 réis, isto é, \$500. Professores de ginásio estadual ganhavam um conto de réis por mês, isto é, 1:000\$000, o que era um bom salário. Em Piracicaba, comprava-se uma casa por 8 a 20 contos de réis.

Quando surgiu o **cruzeiro**, em 01 de novembro de 1942, valia ele mil réis, e se escrevia como Cr\$ 1,00. Com isto, passou o conto de réis a valer 1.000 cruzeiros, isto é: Cr\$1.000,00. Perdurou o cruzeiro até 12.02.1967, quando se instituiu o cruzeiro novo. Este passou a chamar-se cruzado (Cz\$), a partir 26.02.1986. Mas nova mudança ocorreu em 16.01.1989, quando surgiu o *cruzado novo* (NCz\$), equivalente a mil cruzados. O cruzado novo foi sucedido pelo real (R\$) em 01.07.1994, agora com o plural reais (e não réis).

52

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

O PALMO, A BRAÇA, A LÉGUA E O ALQUEIRE

São unidades antigas, anteriores à criação do Sistema Métrico Decimal, originado na França no fim do século 18 (aproximadamente em 1790) e adotado no Brasil Império, no governo de Pedro II. Estabeleceram-se então equivalentes aproximados das unidades antigas em função das novas, tornadas obrigatórias. Considerou-se então o palmo como equivalente a 0,22m (22 centímetros), logo a braça, correspondente a 10 palmos, ficou valendo 2,20m, e a légua (3.000 braças) se admitiu ter 6.600 metros. Mas também se usou légua de 6.000m = 6 km, além da légua francesa de 4.000m = 4 km.

Para áreas, usaram-se várias unidades, geralmente derivadas da braça. As mais importantes ainda em uso são o alqueire paulista, de 100 braças x 50 braças, e o alqueire geométrico ou mineiro, de 100 braças x 100 braças. Tendo em vista o valor da braça, fixado em 2,20m, o alqueire paulista tem $24.200 \text{ m}^2 = 2,42$ hectares. Já o alqueire mineiro é o dobro, tem 48.400 m^2 ou 4,84 hectares. O alqueire paulista era dividido em 4 quartas ou quartéis, de 6050 m^2 , ou 16 celamins (ou salamins), de $1512,5 \text{ m}^2$ cada um.

Mas o alqueire (palavra de origem árabe) era também unidade de medida volumétrica de cereais, que se considerava mais ou menos equivalente a 36 litros, isto é, cerca de 40 litros, quantidade de milho suficiente para plantar, do modo usual de então, um alqueire paulista de solo. Daí o costume de, em geral, considerar o alqueire paulista equivalente a 40 litros ou seja, tomar o litro também como unidade de área, que valia $24.200/40 = 605 \text{ m}^2$. Em tais condições o alqueire geométrico ou mineiro seria de 80 litros (o dobro), isto é, de $48.400 \text{ m}^2 = 4,84$ hectares.

O ARRÁTEL, A ARROBA E A MILHA

O arrátel (palavra de origem árabe) ou libra é unidade de peso, que se usou na Europa e no Brasil, e que, afinal, se considerou equivalente a 459 gramas. A arroba correspondia a 32 arráteis, isto é, 14,7 kg, mais ou menos, mas finalmente se aceitou como sinônimo de 15 kg. Como tal, continua a ser usada, principalmente no comércio da carne bovina, com o nome de *arroba métrica*.

A milha, de origem romana, representava o comprimento de mil passos humanos (duplos). Como medida

53

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

itinerante, que se usa em alguns países, teve seu valor fixado em 1609m. Mas há também a milha marítima, usada em navegação, equivalente ao comprimento de um minuto de grau medido sobre qualquer meridiano terrestre. Seu valor foi fixado como equivalente a 1852 metros. Conclui-se, pois que, tal como o metro, a milha marítima tem seu valor oriundo das dimensões superficiais do planeta em que vivemos.

54

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10



CONSTITUIÇÃO (Piracicaba) e o Processo de Urbanização (1767-1822)

Ligia Nerina Rocha Duarte¹

Este trabalho se propõe a contar a história da formação urbana da cidade da Piracicaba, desde seu primeiro núcleo, estabelecendo uma relação com as políticas de Portugal para a formação das cidades brasileiras até o ano de 1822, quando temos o primeiro traçado da cidade de Piracicaba.

As cidades no Brasil colônia foram implantadas e tiveram seu crescimento ou desaparecimento de acordo com as políticas que emanavam de Portugal, leia-se a existência da relação colonizador-colonizado.

Em um primeiro momento, logo após a descoberta, Portugal preocupou-se em estabelecer núcleos colonizadores na orla marítima para garantir a posse das terras e estabelecer uma política de defesa da costa.

O interesse da Coroa Portuguesa estava centralizado na Índia, onde o comércio de especiarias já estava estabelecido.

As cidades portuguesas fora da Europa apresentavam características que reproduziam as cidades de Portugal. *A construção da cidadela ou do núcleo urbano primitivo no cume de um monte era uma característica fundamental das cidades portuguesas... a maior parte das cidades portuguesas localizadas na costa estavam organizadas em dois níveis, a cidade alta e a cidade baixa, com funções e características bem distintas: a cidade alta, sede do poder civil e religioso, e a cidade baixa, local onde se desenvolviam as atividades marítimas e comerciais.* (Teixeira, Valla, p. 216)

O maior interesse pelo Brasil passa a acontecer quando, com a crise econômica da Coroa, perdem-se as feitorias e o comércio das Índias; então as ações voltam-se para o Brasil.

1. Arquiteta urbanista.
Mestranda em Urbanismo
PUC.

55

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

O comércio do Brasil, representado anteriormente apenas pelo pau-brasil, passa a se desenvolver, é feito investimento na agricultura da cana-de-açúcar, retaguarda rural dos mercados urbanos europeus.

A mudança da política comercial portuguesa traz mudanças também na importância das cidades da colônia, que passam a desempenhar novos papéis, além da garantia da ocupação.

Entre 1532 e 1650 foram fundadas 37 novas vilas e cidades no Brasil, das quais apenas sete foram fundadas diretamente pela Coroa portuguesa: Salvador da Bahia de todos os Santos, São Sebastião do Rio de Janeiro, Filipéia de Nossa Senhora das Neves, São Luís do Maranhão, Nossa Senhora da Assunção do Cabo Frio, Nossa Senhora de Belém e Olinda, que foi elevada a cidade. As cidades promovidas diretamente pela Coroa eram cidades de maior dimensão, planejadas e construídas por arquitetos e engenheiros militares enviados de Portugal, adaptando a maior parte delas planos regulares.

Entre estas cidades, chamadas de Cidades Reais, e subordinadas ao governo central, encontram-se Salvador da Bahia e Rio de Janeiro, fundadas na segunda metade do século XVI, e Belém e São Luís do Maranhão, do século XVII. Nestes casos, traçados urbanos regulares inspirados nos ideais urbanos renascentistas cumpriam da forma mais adequada os objetivos políticos de controle do território e de afirmação do poder real que estavam por detrás da fundação dessas cidades. (Teixeira, Valla, p.218)

Durante o desenvolvimento da cana-de-açúcar a vida urbana inicialmente intermitente firma-se e torna-se constante, fazendo com que as cidades tenham maior crescimento. Os senhores de engenho eram donos de suas culturas, do modo de produção de açúcar (o engenho) e muitas vezes do transporte (os navios).

Entre 1624 e 1630, os holandeses invadem a Bahia e o Recife; em 1654 são expulsos pelos portugueses, que desencadeiam ações para melhor proteger a colônia, reconhecendo sua fonte de riqueza. Passam a sobretaxar o açúcar produzido no Brasil, apenas os portugueses natos poderiam transportar o açúcar; passam a exercer maior controle sobre as câmaras municipais, é criada a companhia

56

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

de monopólio do comércio, criam-se as tropas de milícia, incrementando-se a vida urbana.

Em 1690 descobre-se ouro nos sertões antes inexplorados, o que trouxe nova mudança na forma de ocupação das terras.

Ao longo do século XVII com o objetivo de encontrar outras frentes de atividade econômica para a colônia, a Coroa havia estimulado os habitantes das vilas do interior, pouco vinculados ao setor açucareiro especialmente os da região de São Paulo, a procurar depósitos de ouro e pedras preciosas. Os resultados positivos, de maior envergadura, começaram a aparecer nos últimos anos do século XVII (1693) na região de Minas Gerais, seguindo-se os achados de Mato Grosso (1718) e Goiás (1726). O desenvolvimento da mineração provocou uma alteração nas relações internas da colônia, bem como nas relações desta com Portugal e também nas de Portugal com as demais potências européias (Reis, Goulart, p.40).

As relações de Portugal com o Brasil e os países europeus marcaram nova fase, a imigração de portugueses para o Brasil deu-se em grande escala. Alguns autores citam a cifra de 300.000 a 800.000 que para aqui vieram quando a população de Portugal, na época, era de 2.000.000 de habitantes. Com o aumento da população a vida das cidades brasileiras se intensifica e novas vilas e cidades são fundadas.

As cidades que, no início da colonização, eram fundadas em sítios escolhidos para melhor assegurar a posse da nova colônia, agora aparecem onde está o ouro e as vilas ao seu redor são para assegurar a vida das principais cidades.

No Brasil de então já existiam homens que haviam apreendido a arte de traçar as cidades, a praça central com edifícios públicos e religiosos. É o início das cidades.

A cidade setecentista é assim uma cidade regular, com estrutura de base geométrica, a maior parte das vezes ortogonal, racionalmente planejada na sua estrutura global. Contrariamente ao que se passava na maior parte das cidades fundadas em períodos anteriores, a praça deixa de se situar marginalmente no traçado urbano ou no encontro de diferentes malhas da cidade, correspondentes a sucessivas unidades de crescimento.

A estrutura formal da praça já não vai resultar na progressiva regularização, realizada ao longo dos séculos, do

57

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

espaço que havia sido eleito para a implantação dos principais edifícios institucionais da cidade. Pelo contrário, nos traçados urbanos setecentistas a praça é pensada de início como o centro da cidade, em termos simbólicos, funcionais e também espaciais. A praça adota de raiz uma forma regular e localiza-se no centro da malha urbana. (Teixeira, Valla p.256)

Em julho de 1750 falece Dom João V, ascendendo ao trono Dom José I, que nomeia como seu primeiro ministro Sebastião José de Carvalho e Melo, Marquês de Pombal, nas mãos de quem é entregue o controle da política da nação.

O marquês de Pombal foi influenciado fortemente pelas filosofias intelectualistas da época e assumiu as suas responsabilidades administrativas com aquele zelo reformista tão característico dos defensores setecentistas do iluminismo (Delson, p.49).

Para Pombal, a autoridade real deveria ser ampliada pelo aumento do número de vilas no interior e pela integração num programa que procurasse aproveitar ao máximo as potencialidades dos territórios até então inexplorados. Os índios, antes desprezados, agora deveriam ser integrados no programa de construção de vilas, passando a fazer parte da sociedade brasileira.

A formação de novas vilas também aglutinava os aventureiros. Uma das finalidades era o controle da produção de ouro e pedras preciosas, extraídos das minas, para evitar a evasão desordenada dessa riquezas.

Em 4 abril de 1754 uma lei previa ser *muito conveniente se argumentar a povoação nestes domínios*. A Carta Régia de 3 de março de 1765 mandava fundar povoações e vilas nas aldeias de Porto Seguro, e a de 10 de outubro de 1769 reforçava a ordem. Assim, através de Cartas Régias, várias cidades foram fundadas, e também muitas vilas nos caminhos que ligavam as cidades produtoras de ouro, para dar suporte aos viajantes que transportavam o metal precioso.

Assim, durante a administração de Marquês de Pombal, houve um plano de colonialismo cultural no qual se incluía uma política de urbanização, abrangendo aspetos gerais de estruturação da rede detalhadamente.

As cartas aos governadores, ao determinarem a criação de novas vilas, fixavam de maneira clara as normas para sua edificação, visando o atendimento aos padrões tipicamen-

te portugueses, incluindo até mesmo a escolha dos nomes para as localidades e os de suas ruas e praças, que deveriam repetir os de vilas e cidades de Portugal. (Goulart, p.52).

Enquanto em Porto Seguro eram os ouvidores que tratavam do projeto, em São Paulo o próprio governador, D. Luís Antônio de Souza Botelho Mourão, o Morgado de Mateus, teve essa incumbência, auxiliado por seu Ajudante de Ordens e Ouvidores das Comarcas de São Paulo e Paranaguá. Ao saber da existência da ordem de criação de vilas, o Morgado de Mateus mandara logo congregar vadios para servir de povoadores. Durante o ano de 1767 D. Luís Antônio empenhou-se vivamente em criar essas novas povoações principalmente para congregar os índios... (Flexor, 1998, p.3)

Havia muitas dificuldades para a criação dos novos núcleos, como a distribuição desigual dos índios, a qualidade dos povoadores, a falta de sacerdotes, de oficiais mecânicos, de instrumentos de trabalho, a falta de alimentos e sementes, os materiais de construção pouco duráveis, dificuldades administrativas e de jurisdição, corrupções, revoltas, condições adversas e epidemias.

Ao se iniciar o século XVII, o território das então capitânicas de Santo Amaro e São Vicente, que depois seriam reunidas para formação da Capitania de São Paulo, apresentavam apenas cinco vilas, uma no planalto, São Paulo (1554) e quatro no litoral a saber: São Vicente (1532), Santos (1545), Itanhaém (1561) e Cananéia (1600). Nos 100 anos seguintes foram criadas 11 vilas nesse território, em contraste com apenas uma, fundada no longo período seguinte, entre 1701 e 1776. A esse conjunto devemos acrescentar as vilas de Paranaguá (1653) e Curitiba (1693), no território do atual Estado do Paraná, que até meados do século XX fez parte da Capitania e depois Província de São Paulo... No território correspondente ao atual Estado de São Paulo, foram fundadas no século XVII as vilas de Mogi das Cruzes (1611), Santana do Parnaíba (1625), São Sebastião (1636), Ubatuba (1637), Taubaté (1645), Jacareí (1653), Jundiá (1655), Guaratinguetá (1657), Itu (1657), Sorocaba (1661) e Iguape (1665) (Goulart Filho, p.555).

A concessão de terras em sesmos (grandes extensões de terras) vinda da Idade Média quando os senhores

59

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

feudais buscavam avidamente voluntários para colonizarem os seus territórios. Às novas comunidades assim formadas, o soberano concedia cartas, e um sesmeiro distribuía terra aos recém-chegados. (Delson, 1979, p.10).

No Brasil o sistema de sesmarias foi amplamente utilizado. A prática de sesmarias institucionalizou o fenômeno do latifúndio. Muitas das terras das sesmarias foram ampliadas pelo usucapião, ou direito de posse efetiva. Os funcionários do governo permaneciam nas cidades litorâneas, longe demais para intervir decisivamente nessa flagrante quebra da autoridade... Nessas condições, o sertão atuava como um poderoso imã para aventureiros e habitantes das populosas comunidades litorâneas sedentos de terras (Delson, 1979, p.11).

Em São Paulo a penetração do sertão e a criação das vilas também se deram através das concessões das sesmarias, limitadas por lei de 1695, que as restringia a uma extensão de quatro léguas de comprimento por légua de largura; dois anos depois outra lei restringindo ainda mais as sesmarias é promulgada pela coroa sendo agora três léguas por uma légua prescrevendo ainda que entre uma concessão e outra se deveria deixar uma área de uma légua quadrada sem ocupação.

A delimitação das sesmarias reservava à Coroa o direito de via de acesso, no caso de ocupação total das terras e, principalmente, o acesso a futuras zonas auríferas ainda não descobertas.

Foi nesse cenário de exploração do sertão para a exploração do ouro e pedras preciosas, criando-se caminhos entre principais cidades, que, em abril de 1718 as minas de ouro de Cuiabá foram descobertas pelos desbravadores paulistas Pascoal Moreira Cabral, Antonio Pires de Campos, Domingos Rodrigues do Prado, Aleixo Garcia, Fernando Dias Falcão, os irmãos Lourenço Leme e João Leme da Silva, João Antunes Maciel e Antonio Antunes Maciel... Divulgada a notícia pelo povoado, foi tal o movimento que causou nos ânimos que, das Minas Gerais, Rio de Janeiro e de toda Capitania de São Paulo se abalaram muitos, deixando casas, fazendas, mulheres e filhos, botando-se para es-

60

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

tes descobertos como se fora a terra da Promissão ou o Paraíso em que Deus pôs nossos primeiros pais.

Entretanto, no ano de 1720, fizeram viagem para essas minas algumas pessoas divididas em diversos comboios, subindo o rio Anhanduí, atravessando o Vacaria, descendo pelo Mateterí, e deste pelo Paraguai acima. Padeceram grandes destroços, perdições de canoas nas cachoeiras por falta de pilotos e práticos, que ainda então não havia, mortandade por falta de mantimentos, doenças, comidas das onças, e outras muitas misérias... Por aí segue a narrativa de José Barbosa de Sá, relatando novas desgraças, pois as monções desde logo passaram a ser assaltadas pelo gentio. Com incrível fúria, os Paiaguás, Caiapós e Guaicurus destroçavam inteiramente as expedições, matando quantos delas faziam parte.

A fim de evitar os perigos dessa difícilíssima viagem pelos rios e, principalmente, os ataques dos índios e as ameaças das febres palustres, o capitão-general Rodrigo César de Menezes mandava lançar, em 23 de novembro de 1721, um bando convocando as pessoas *com préstimo e inteligência, para empreenderem e conseguirem* "abrir *o caminho pelo sertão para as novas minas de Cuiabá, para ficar mais fácil a todos o irem e virem com cavalos e cargas com mais comodidade de que até então experimentam pelo rio.*

Em 19 de janeiro de 1722, o capitão-general concedia ao sargento-mor Manoel Gonçalves de Aguiar, Manoel Godinho de Lara, Sebastião Fernandes do Rego e mais sócios provisão para abrirem o caminho por terra para as novas minas de Cuiabá.

Todavia, não levaram a cabo a incumbência. Encarregou-se então Luiz Pedroso de Barros de construir essa estrada, e pelos anos de 1723 a 1725 abriu o caminho de São Paulo até o rio Paraná...Esse primitivo caminho de Cuiabá atravessava o rio Piracicaba e o fazia exatamente pelo ponto que ainda hoje é considerado o porto da cidade. Fica logo abaixo das corredeiras do salto e é o ponto do qual se disse: *um baixio arenoso que dava perfeitamente vau durante o tempo invernososo* (Neme, 1974, 38 a 40).

Piracicaba teve seu primeiro povoador, Pedro de Moraes Cavalcanti, que, mesmo antes da descoberta do ouro em Cuiabá, pedia uma sesmaria, como conta Neme (1974)

61

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

através da citação de Azevedo Marques em Apontamentos Históricos. Essa foi a primeira sesmaria concedida em Piracicaba, pelo capitão-mor Manuel Peixoto da Motta, a 15 de novembro de 1693, e se acha registrada no livro 11 de sesmarias antigas do Cartório da Tesouraria da Fazenda de São Paulo. A primeira povoação de Piracicaba carrega histórias, como a de que os capitães-mores de Itu e Porto Feliz mandavam para Piracicaba, em degredo, seus súditos que lhes caíam em desgraço, *faziam-no embarcar em Porto Feliz, descer o rio Tietê até a foz do Piracicaba, subir por este e largá-lo em Piracicaba então denominado Sertão* (Neme, p. 34).

O próprio Neme contesta essa possibilidade visto que os homens daquela época eram destemidos e desbravavam sertões em mais longas distâncias, portanto Piracicaba não se aplicava ao degredo. Diz Neme *Ora, mesmo pelo caminho dos rios, se já não existisse o do sertão, feito por Felipe Cardoso havia mais de meio século, que chega a nos parecer de extrema infantilidade houvesse alguém imaginado tal história. Mormente atendendo para o arrojo dos homens daquela época, em que as bandeiras atingiam as margens do Pacífico e do Amazonas e escalavam a cordilheira do Peru. Sem dizer ainda que a metade do percurso, pelos rios, tanto para os degredados como para seus transportadores, seria feita rio abaixo, com a maior facilidade para aqueles que quisessem retornar a sua morada, o que fariam, em alguns dias, sem grande esforço* (Neme, p. 35).

Descarta-se a possibilidade de Piracicaba ser usada como degredo, mas não a de que teve um início de povoamento em 1693 e também que este não teve êxito e fora abandonado. Sendo assim, a construção do Picadão do Mato Grosso é atribuída a Luiz Pedroso de Barros, feito por terra para as Minas de Cuiabá o chamado *caminho do sertão*, como já citado.

Os primeiros posseiros e sesmeiros buscaram se estabelecer nos pontos estratégicos do recém-criado caminho entre Itu e o porto do Rio Piracicaba, com a intenção de fazer bons negócios com o produto das roças destinado ao abastecimento das regiões mineradoras de Mato Grosso. Logo viram suas expectativas frustradas pois, já em 1726, o mesmo governador, Dom Rodrigo César Meneses, da capitania, interditou o caminho, obrigando o trânsito somente

pelos rios, para evitar os desvios da lavra do ouro. Ainda que o rio Piracicaba oferecesse a possibilidade de transporte via conexão com o Tietê, isso não foi um estímulo suficiente para a fixação do povoamento, que viveu em decadência até 1767 (Terci, 2001, p.20).

Em consequência disso, Piracicaba tornou-se excelente ponto de refúgio para os perseguidos, já então numerosos, no desassossego iniciado em São Paulo pelo capitão-general nomeado em substituição a Rodrigo César de Menezes (Neme, p. 41).

Antonio Caldeira da Silva Pimentel exerceu a governança da Capitania de 15 de agosto de 1727 a 14 de agosto de 1732. Foi durante o governo de Caldeira Pimentel que os Paiaguás, na embocadura do rio Jaguari, atacaram uma flotilha de canoas chefiada pelo ouvidor Antonio Alves Lanhes Peixoto, que, com 100 homens, conduzia cerca de 80 arrobas de ouro, dos quintos. A expedição foi completamente destroçada, morrendo muitos dos tripulantes, inclusive o ouvidor, salvando-se apenas 17 homens à custa de esforços inauditos.

Finalmente, depois desses cinco anos de tão infeliz governo, atendendo aos paulistas que *cansados de aturar as impertinências do procônsul plebeu, pediram, expressamente a El-Rei que lhes desse um governador fidalgo*, a Corte nomeava em substituição a Caldeira Pimentel o Conde Sarzedas, Antonio Luiz de Távora (Neme, p.43,44,45).

O novo governador, vítima das febres intermitentes, falece a 29 de agosto de 1737; em seu lugar é nomeado D. Luiz de Mascarenhas.

Foram anos de desinteresse quando Piracicaba pouco prosperou.

A revitalização do sertão de Piracicaba somente ocorrerá em 1766 quando Morgado de Mateus, por contingência da guerra na fronteira, haverá de intentar a fundação de diversas povoações estratégicas nas conhecidas *bocas de sertão* da capitania (Perecin, 1994, p. 22).

Assim, para revitalizar os povoados e defender o território dos índios e dos paraguaios, falar desse governador é falar da colônia de Iguatemi e da fundação de Piracicaba.

Pode-se dizer que, a rigor, a criação da povoação de Piracicaba se deve exclusivamente ao regime de intenso mi-

63

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

litarismo inaugurado na Capitania por D. Luiz Antonio de Souza Mourão, o ilustre Morgado de Mateus (Neme, p. 50).

A falta de informações sobre a atividade povoadora naquele sertão do Piracicaba, durante os anos compreendidos entre 1733 a 1766, é sintomática de que ainda a região se mantinha a retaguarda do movimento monçoneiro, seja para Cuiabá seja para o forte-presídio de Iguatemi, estabelecido na fronteira paraguaia, destinado às operações militares no sudoeste, a partir de 1767 (Perecin, 1994, p.22).

A lógica colonial ligava o desenvolvimento das comunidades à circulação de trânsito ao longo das estradas e dos caminhos, particularmente, ao abastecimento das zonas mineradoras. Felipe Cardoso apostou alto no porto e paragem de Piracicaba. Em 1760, cansado, desiludido e arruinado na sua empresa, nada mais lhe restava que honrar os seus compromissos em cartório, transferindo a posse da sesmaria de Piracicaba ao sobrinho por causa de uma dívida de 'uns duzentos e poucos mil réis (Perecin, 1994, p.23).

A sesmaria então passa a pertencer a Francisco Cardoso de Campos, entre 1760 à 1767, um povoado arruinado pela falta da visita das canoas cuiabanas e as expedições sertanistas.

Não houve nem manifestação de Francisco Cardoso de Campos para defender seus direitos de posse quando Mourão mandou lançar o Bando na Vila de Itu, em novembro de 1766, comunicando a sua intenção de assentar uma povoação em Piracicaba.

Residindo em Araritaguaba, Freguesia de Itu e ponto monçoneiro, era notório que Antônio Correa Barbosa, armador naquele mesmíssimo ponto, se achava nomeado, desde julho de 1766, Diretor Povoador da Nova Povoação de Piracicaba (Perecin, 1994, p.23).

Temos, portanto, Piracicaba estabelecida como povoação em 1767, e como Freguesia em 1774.

Formalizada a povoação de Piracicaba em 01/08/1767, na margem direita do rio, junto ao velho porto, entrando sob efeito derogatório os direitos de Francisco Cardoso de Campos, naquela época. Ficava preservado o seu legítimo direito sobre a margem esquerda do rio Piracicaba, fato que se comprovou em 1784, quando se pretendeu transladar a comunidade. A escritura de compra e venda, passada no Cartório de Itu sobre a mesma légua em quadra da sua res-

64

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

tante propriedade na margem esquerda não deixa dúvidas. O capitão Antonio Correa Barbosa comprou e pagou à vista, pelo valor de oitenta mil réis, o chão para onde se trasladou a Freguesia de Santo Antônio de Piracicaba (Perecin, 1994, p.23).

Superando dessa forma a economia de subsistência (barcos e viveres) – das regiões militares ou mineradoras. O traslado da comunidade para a margem esquerda do rio Piracicaba - em direção à Rua do Porto – começa a atrair os proprietários de terras e engenhos de açúcar de Itu, cujas terras já começavam a cansar. Foi assim que Piracicaba entrou no ciclo açucareiro paulista, compondo com Sorocaba, Mogi Guaçu e Jundiá o *quadilátero do açúcar*, que englobava, ainda, as áreas canavieiras de Campinas e Itu. Foi essa a gênese do seu perfil açucareiro, e foi assim que Piracicaba deixou de ser boca de sertão e passou a área de expansão da fronteira agrícola, o que provocou aumento da produção açucareira, possibilidades de exportação para o mercado internacional e crescimento populacional (Terci, 2001, p.21).

Vitoriosa a revolução dos engenhos sobre os monjolos, as novas condições de vida em Piracicaba coincidiram com a crise geral do colonialismo português, obsoletizando diante das economias industriais em expansão. O liberalismo trazia no seu bojo uma justificação mais racional das coisas do mundo e da sociedade. A ocorrência do fenômeno em todo Vale Médio do Tietê não isenta Piracicaba dos envolvimento ideológicos e políticos (Perecin, 1992, p.4).

Piracicaba elevada a Freguesia, pertencia tanto a Itu como a Araritaguaba que em 1797 foi elevada a categoria de Vila com o nome de Porto Feliz. Piracicaba Freguesia teve seus limites demarcados em duas partes, sob jurisdição de Itu e outra sob a de Porto Feliz.

Em 1791 o capitão- povoador Antonio Correa Barbosa falece, deixando Piracicaba em turbulência causada pela dupla dependência de jurisdições de Itu e Porto Feliz.

Em 1816 as duas autoridades principais da Freguesia de Santo Antônio de Piracicaba, o Vigário Padre Manoel Joaquim de Amaral Gourgel e o Comandante de Ordenanças, Capitão Domingos Soares de Barros passaram a representar os interesses progressistas. Estes, em 1816, diri-

65

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

giram-se às autoridades da Coroa argumentando sobre o progresso de Piracicaba e, em nome de suas prioridades, solicitaram a criação de Vila (Perecin, 1992, p.7).

Vários documentos justificam a reivindicação da fundação da Vila, entre eles o que diz sobre as potencialidades como podemos ler em artigo de Marly Perecin para a revista nº2 do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, ... *a fertilidade dos terrenos era impressionante, por serem os solos do massapé roxo ou mame, muito apropriados para a produção agrícola. Os mesmos eram responsáveis pelo afluxo de novos proprietários e pelo crescimento da produção açucareira.*

Dos 18 engenhos levantados, 14 eram de açúcar e 4 eram de aguardente. Doze engenhos se achavam em fase de construção, sabendo-se que sobrava capacidade para muito mais.

Fora a profusão de mantimentos, contavam-se 22 fazendas de criar, o que parecia notável, pois a memória dos cinco anos anteriores dava apenas uma fazenda para criar e poucos engenhos.

As outras razões para se criar a Vila vinha da grande distância para se chegar a Porto Feliz (12 léguas) e Itu (14 léguas) mas fundamentação básica referia-se na falta de justiça que Piracicaba sofria com a inconveniência de duas jurisdições às vezes com atrações conflitantes.

O pedido de 1816 só veio a ser atendido em 1822 quando o ouvidor de Itu, João de Medeiros Gomes, transportou-se para esta povoação e no dia 10 de agosto de 1822 erigiu em Vila com a denominação de Vila Nova da Constituição ... No mesmo dia, com assistência de grande parte da nobreza e povo da nova Vila, o ouvidor mandou levantar o Pelourinho como sinal de jurisdição, alçada em respeito à justiça, dando por essa ocasião vivas à Alteza real, às cortes e à Constituição, como consta do auto, que se lavrou e foi assinado pelo ouvidor, vigário e outras pessoas (Neme, 197, p.157)

O recenseamento de 1822 fornece o quadro econômico-social do município: contavam-se na Vila 306 fogos, dos quais registram-se 132 agricultores, 32 senhores de engenho, 20 artesãos, 10 negociantes, 14 profissionais rurais, 43 jornais, 3 esmoleres e oito sem declaração de ofi-

66

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

cio. A população livre compunha-se de 1398 indivíduos, sendo 985 brancos, 40 caboclos, 367 pardos e 6 negros, contabilizando-se ainda 956 escravos, somando ao todo 2430 habitantes (Terci, 2001, p.23).

Somente em 10 de agosto de 1822 as autoridades administrativas de Itu procederam à demarcação do rossió e levantamento do pelourinho; tal intervalo deveu-se aos conflitos surgidos entre os herdeiros do sargento-mor Carlos Bartolomeu de Arruda e o Conselho da Câmara na demarcação do rossió.

A Vila Nova da Constituição (Piracicaba) estava circunscrita entre o rio Piracicaba e o córrego do Itapeva. Esse marco inicial teve como referência, além dos dois rios a antiga Estrada de Itu, que era a via de ligação entre Itu e Mato Grosso. Assim: no caminho de Itu a Mato Grosso, no topo da colina que medeia entre o Piracicaba e o Itapeva, traçou o Ituano, (arruador responsável pelo alinhamento da Vila) uma quadra com quarenta e seis braças cada lado, franqueada por quatro vias da mesma largura com cinco braças, chamando de travessas as que seguiam a direção da estrada de Itu, e de rua as perpendiculares à mesma (Terci, 2001, p.28).

A Vila da Constituição recuperou seu antigo nome em 1877 por instância do então vereador Prudente de Moraes, dando origem ao município que hoje ainda guarda na cana-de-açúcar e nos engenhos seu potencial econômico. Iniciada na margem direita, hoje Piracicaba desenvolve-se igualmente nas duas margens, preservando a rua da praia (hoje do Porto) como local turístico onde todos ainda se admiram da beleza do rio Piracicaba, hoje tão sofrido com as conseqüências do desenvolvimento urbano da região, que se beneficia de suas águas.

O peixe já não é tão farto, mas ainda atrai grande número de pessoas que fazem da pesca seu lazer, ou dela tira sua alimentação; da madeira famosa para confecção de barcos, infelizmente nada sobrou, mas guarda algumas pequenas matas ciliares que a cana não conseguiu derrubar.

É esta Piracicaba que hoje tenta-se nortear para que resgate seu rio e cresça com equilíbrio entre população e natureza.

67

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

Concluindo

Este olhar que lançamos através da História coloca a fundação da cidade de Piracicaba, no panorama da política colonial para a criação de núcleos que se tornaram cidades que ajudamos a construir, por esta em particular nos apaixonamos e queremos torná-la a melhor entre todas. Para isso talvez o resgate do rio, das matas que foram os grandes motivos de sua fundação neste local, delineie nossas ações e então tenhamos a Piracicaba que sonhamos tanto.

BIBLIOGRAFIA

DELSON, Roberta Marx – *Novas Vilas para o Brasil-Colônia* – 1979. Ed. Alva-ciord.

GUERRINI, Leandro – *História de Piracicaba em Quadrinhos* – 1970- imprensa oficial do município de Piracicaba.

FLEXOR, Maria Helena Ochi – *As Vilas Pombalinas do Século XVIII: Estratégias de Povoamento*. In V Seminário de História da Cidade e do Urbanismo.

MARX, Murillo – *Cidade no Brasil Terra de Quem?* – Nobel, 1991

NEME, Mario – *História da Fundação de Piracicaba* – 1974- Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba.

PERECIN, Marly Theresinha Germano – *Ypié (Maria dos Anjos) 1723/1767 – 1992*, Prefeitura Municipal de Piracicaba.

_____ *A freguesia de Santo Antônio de Piracicaba diante dos primeiros confrontos entre colonialistas e progressistas (1816)* in- Revista nº 2 do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba.

_____ *Piracicaba Boca do Sertão, o porto, a paragem, a sesmaria, a povoação. (1723/1767)*- in Revista nº 3 – IHGP

_____ *Piracicaba nos anais do Morgado de Mateus*- in revista nº 4- IHGP

GOULART, Nestor Reis Filho- *Vilas Paulistas do século XVIII*

_____ *Notas sobre o Urbanismo no Brasil Primeira Parte: Período Colonial* – cadernos de pesquisa do Lap-08- FAU-USP

TEIXEIRA, Manuel C. & Valla Mararida – *O Urbanismo Português Séculos XIII-XVIII Portugal-Brasil* – Livros Horizonte

TORRES, Maria Celestina Teixeira Mendes – *Aspectos da Evolução da Propriedade rural em Piracicaba no Tempo do Império-1975*- Academia Piracicabana de Letras.

TERCI, Eliana Tadeu- *Liberalismo e Conservadorismo na Urbanização da Piracicaba Antiga (1767/1900)* –in *Desenvolvimento de Piracicaba , História e Perspectivas*- 2001- UNIMEP.

68

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X – 2003
Número 10



POESIA PIRACICABANA É DESTAQUE NA ITÁLIA

Elias Salum¹

Nada mais grato a esta revista, que o Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba tem a honra e o prazer de oferecer à sociedade noivacolinense, do que registrar fatos e pessoas que imprimem sua marca cultural, histórica, artística e beletrística no cenário, não só local, mas, podemos dizer, de alcance nacional e às vezes, internacional.

É o que ocorre, com feliz freqüência, com membros desta instituição, integrada por privilegiados cérebros, quando, ciosos de dignificá-la ou enaltecer sua pátria, partem para outras plagas e para lá levam o produto de sua especial capacidade, artística, social, cultural, cívica, histórica, levando a outros povos e a outras sociedades o que de melhor, em saber e arte, Piracicaba e conseqüentemente o Brasil, guarda no relicário de suas realizações no campo da Arte, da Literatura, da Ciência, da História, de todos os campos onde florescem o amor e a dedicação à cultura universal.

Um dos últimos acontecimentos que marcaram a presença de membro do IHG de Piracicaba, ocorreu recentemente, nos meses de agosto e setembro, quando o nosso companheiro Lino Vitti – guindado pela Academia Piracicabana de Letras a “príncipe da poesia piracicabana” – alcançou importante e feliz classificação em Concurso lítero-plástico, levado a efeito pela *Accademia Internazionale Il Convivio*, da cidade de *Castiglione di Sicilia* (CT) Itália, referente a Poesia, Conto, Edição de Livro e Escultura. Para sua satisfação, para gáudio deste Instituto, da poesia, arte e letras piracicabanas, e, porque não, das letras nacionais, o conterrâneo Lino Vitti, beirando a cobiçada idade de 84

¹ Sócio titular do IHGP.

69

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

anos, poeta de destaque na imprensa de Piracicaba, autor de nada menos do que sete livros editados, sobre Poesia e Contos, obteve honroso segundo lugar, em Poesia, com o soneto Despedida (transcrito ao final deste trabalho) e teve classificado como finalista o seu último Livro de Poesias e Contos **Antes Que as Estrelas Brilhem**, premiado que foi, como contribuição às letras e às artes com edição especial da Secretaria Municipal da Ação Cultural na administração José Machado.

QUEM É O POETA

Não seria completa esta bela notícia sobre um dos mais estimados membros do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, não registrássemos aqui, embora resumidamente, quem é o poeta Lino Vitti, que galgou distâncias e venceu imenso número de concorrentes para levar o nome de Piracicaba e de sua arte e poesia a terras d'além-mar.

Lino Vitti nasceu em 8-2-1920, alfabetizou-se no hoje Grupo Escolar Dr. Samuel de Castro Neves, a seu tempo Escolas Reunidas de Santana. O estabelecimento ficava, a bem dizer, parede-meia com a sua moradia, bastando alguns passos para adentrar a sala de aula. Teve grandes professoras, que lhe inculcaram o amor às letras, que mais tarde serviriam para abrir-lhe a florida estrada da Poesia, em que caminha ainda aos quase 84 anos de idade. A adolescência, depois de iniciá-la de enxada na mão, colhendo café, apanhando algodão, quebrando milho, queimando coivaras, passou-a entre as paredes austeras e estudiosas do seminário religioso Colégio Santa Cruz, dos padres Estigmatinos, em Rio Claro, onde recebeu alta e valiosa preparação estudantil, dedicando-se principalmente às línguas, à literatura, à redação, aprendendo o Latim, o Francês, o Italiano, o Grego e, com especial carinho, o Português. Poesia, só às escondidas, recebendo, de um professor externo, as primeiras noções da arte poética.

O príncipe da poesia piracicabana, ao que sabemos, agradece sempre a cultura, em todos os sentidos, recebida dos religiosos estigmatinos, pois foi ela que lhe ofereceu condições para ingressar na vida e lhe propiciou meios reais para adentrar no jornalismo, no funcionalismo público (é aposentado como Diretor da Secretaria da Câmara de

70

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

Vereadores de Piracicaba) e navegar sem receios pelo mundo encantado da Poesia, da Literatura, da Imprensa, para a qual ainda colabora, sendo inclusive aposentado como redator do Jornal de Piracicaba, onde foi amigo e colega de Fortunato Losso Netto, que o incentivou na arte poética e lhe ensinou a trama dos artigos e da polêmica dos editoriais.

Consta de seu *Curriculum Vitae*: Nascido em 8/2/1920; bairro piracicabano Santana, de origem trentino-tirolês, casado com a professora Dorayrthes Silber Schmidt, pai de sete filhos; exerceu atividades rurais como lavrador, cargos públicos municipais, magistério particular, e seus estudos os fez na escola primária do bairro onde nasceu, curso ginásial em colégio religioso, sendo diplomado como Contador pela Escola de Contabilidade Cristóvão Colombo de Piracicaba; sua vida religiosa o tem como católico, apostólico, romano, tomou parte em congregações da Igreja e exerceu cargo de organista na Igreja de São Benedito.

Merece parágrafo à parte sua vida literária, como segue: membro da Academia Piracicabana de Letras, que o elegeu *príncipe da poesia piracicabana*; integra o Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba; foi agraciado com a **Medalha de Mérito Cultural Prof. Olênio de Arruda Veiga**, pela Secretaria Municipal da Ação Cultural, detém o título de *Cidadão Saltinhense* pela autoria do Hino da cidade de Saltinho, adotado oficialmente, com música do Maestro Vicente Gimenes.

LIVROS

Lino Vitti é autor dos seguintes livros, de poesias e contos: *Abre-te, Sésamo*, 1959; *Alma Desnuda*, 1988; *A Piracicaba, minha Terra*, poema contando algumas páginas da história de Piracicaba, 1991; *Sinfonia Poética*, de parceria com o poeta frade, frei Timóteo de Porangaba; *Plantando Contos, Colhendo Rimas*, 1992; *Sonetos Mais Amados*, 1996; *Antes que as Estrelas Brilhem*, 2001.

O Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, ao ensejo destas linhas, não poderia deixar de participar também da satisfação que cerca a personalidade de seu eminente membro Lino Vitti, por conquista tão brilhante e importante lá nas gloriosas terras de Dante Alighieri, por isso faz com todo o prazer e empenho este registro, para que

71

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

fique em página de ouro a memória de um de seus mais cultos membros, ao qual, com honra, deixa aqui o louvor que lhe é dado merecer, pois é próprio da História de um povo, e de modo especial, um povo como o de Piracicaba, dignificar com o quanto lhe é dado fazer os seus associados e a cultura de uma terra, onde a Poesia floresce e como que se encarna como glória ímpar e feliz.

Soneto classificado como segundo prêmio de Poesia no *Concurso Internazionale Il Convivio*, Itália, 2003 :

DESPEDIDA

Quando a vida entardece e um sol pobre e enfermiço
diz adeuses ao sonho e aos encantos do amor,
eu me ponho a chorar (Chorar por causa disso?)
porque as sombras já vêm, põe-se em fuga o calor.

Onde está tudo quanto, envolvido em feitiço,
foi um tesouro imenso espargindo luzor?
O passado interrogo e as saudades atijo...
Tudo em vão...Tudo em vão...Vem da noite o pavor!

Tarde minha, que vens, frigidamente triste,
és suponho, e talvez, gesto de despedida,
um anseio final que ainda em mim persiste...

Eu sei que levas junto, inteira, a minha vida,
és doloroso adeus a que ninguém resiste,
és despedida , sim... Então adeus, querida !

72

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

PIRACICABA NOS ANAIS DA CIÊNCIA

Theo Germano Perecin¹

Foi realizado em nossa cidade o 3º Congresso Paulista de Infectologia neste mês de agosto. O evento incluiu o 7º Congresso Médico de Piracicaba, sendo apoiado pelas principais entidades médicas, Prefeitura e empresas particulares.

O Congresso constituiu uma atividade inédita em Piracicaba, considerando a importância a nível estadual e nacional.

Reuniram-se importantes autoridades da área médica representando as principais universidades do País.

Temas atuais foram debatidos e trabalhos expostos. Cerca de mil congressistas compareceram, quase duzentos eram infectologistas.

Todos os cursos, conferências, mesas redondas e simpósios satélites foram realizados no Engenho Central.

Foram abordados diversos temas relacionados à AIDS, hepatites, infecções fúngicas e bacterianas. Também houve destaques para doenças parasitárias e tuberculose. O Congresso alertou ainda para as doenças emergentes e reemergentes como Leishmaniose, febre maculosa e doenças facilitadas pela maior capacidade de locomoção de populações de diferentes regiões do País e do mundo.

Assuntos como infecções hospitalares, resistência a antibióticos, imunizações, perspectivas para novos tratamentos estenderam-se por vários cursos.

Também outras especialidades participaram, como a terapia intensiva, ginecologia, cardiologia, neurologia, nutrição, farmacologia, fisioterapia e enfermagem.

Portanto, é digno de se registrar na história científica em Piracicaba este Congresso que se caracterizou como o

1. Médico neurologista.

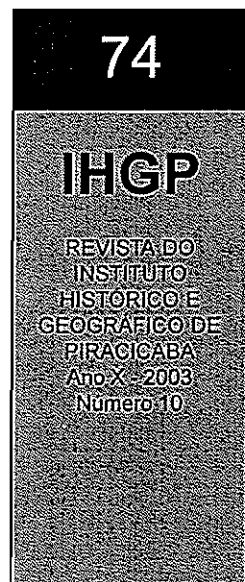
73

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

mais importante da área médica jamais realizado em nossa cidade. É oportuno destacar que mesmo em cidades que possuem faculdades de Medicina, ou aquelas tradicionalmente turísticas, não tiveram ainda oportunidade de sediar evento tão expressivo na Medicina brasileira.

Esta foi mais uma amostra da tradição acadêmica de Piracicaba que tanto contribui para a ciência e desenvolvimento do País e é justo destacar a iniciativa incansável e de Extraordinária competência do Dr. Hamilton Bonilha de Moraes, ilustre infectologista de Piracicaba.





RUA DO PORTO OU DA PRAIA – A GRANDE BATALHA

Hugo Pedro Carradore¹

Em 1766, o capitão – geral de São Paulo, D. Luiz Antônio de Souza Mourão, encarregou Antônio Corrêa Barbosa de fundar uma povoação no encontro do rio Piracicaba com o Tietê, noventa quilômetros de onde se encontra a nossa cidade, com o objetivo de facilitar o contato com a vila militar de Iguatemy. O fundador como bom brasileiro, resolveu fundar a povoação por aqui mesmo, onde já havia um pequeno núcleo populacional!

RESUMO: Em 31 de outubro de 1821, a Freguesia de Piracicaba é transformada em vila, recebendo o nome de Vila Nova da Constituição. Desde a mudança da povoação da margem direita para a esquerda do rio, a hoje Rua do Porto era chamada de Rua da Praia.

A matéria procura mostrar o litígio entre o Tenente-Coronel Teobaldo da Fonseca e Souza e os povoadores na ocupação da margem do rio. Também, além da história da Rua do Porto, traços da memória da Casa do Povoador.

PALAVRAS-CHAVE: Piracicaba séculos XVIII e XIX – Povoamento – Rua da Praia – Demanda – Casa do Povoador – Turismo.

O Rio, através do Salto, é o cordão umbilical que deu origem ao nome e alimentou Piracicaba. O sítio junto ao Salto, habitado por bugres e caboclos, era a base das rotas bandeiristas aos Campos de Araraquara.

Quando, em 1726, o ituano Felipe Cardoso recebeu a carta de sesmaria nos sertões de Piracicaba, encontra-

1. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais. Membro Titular e Ex-Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba.

75

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

2. Doação de sesmaria a Felipe Cardoso no porto do rio Piracicaba – 26 de junho de 1726.

3. Na margem esquerda, a rua marginal ao rio era chamada Rua da Praia. O atual nome: Rua do Porto, se fixou em definitivo em razão de um porto à margem esquerda, usado pela navegação fluvial, isso no ano de 1874.

mos no documento as expressões *Porto de Piracicaba* e *no porto do dito rio*:

(...) e porque estava vaga muita parte da terra no Porto de Piracicaba e ele suplicante queria situar-se no porto do dito rio(...). (...)hei por bem conceder em nome de sua Majestade, que Deus guarde por carta de data de terra de sesmaria ao dito Felipe Cardoso da vila de Itu no porto de Piracicaba uma légua de terra de largo de testada mais para baixo, e mais para cima ficando o porto no meio e uma légua de comprido para o sertão, com os rumos e confrontações que o suplicante declara.²

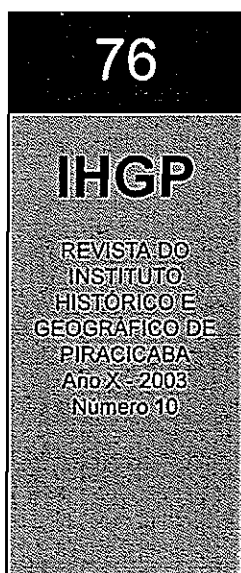
Assim, podemos concluir que: as margens do Piracicaba vizinhas ao salto eram sobejamente freqüentadas muito antes de 1º de agosto de 1767, data oficial da fundação de Piracicaba, por Antônio Correa Barbosa, na margem direita.

Em 6 de fevereiro de 1784, o Capitão General Francisco da Cunha Menezes recebeu um abaixo-assinado encabeçado pelo Capitão-Diretor Antônio Corrêa Barbosa e pelo vigário Frei Thomé de Jesus pedindo a mudança da povoação da margem direita do rio para o lado fronteiro, a margem esquerda. Com a autorização, no dia 31 de julho do mesmo ano oficializou-se a mudança, quando o mestre entalhador delineou um pátio de 46 braças (101,20m, aproximadamente) em quadra, para que fosse edificada a igreja matriz, no mesmo local onde hoje está a praça José Bonifácio.

Com a mudança para a margem esquerda do rio, lentamente os povoadores se concentraram à orla das águas, formando a Rua da Praia³, e tendo como porta de entrada o Largo dos Pescadores. Somente, paulatinamente o poviléu começou a escalar a rampa do *Picadão*, hoje rua Moraes Barros.

A data de 31 de outubro de 1821 marca a transformação da Freguesia de Piracicaba em vila, com o nome de Vila Nova da Constituição, em reverência à Constituição Portuguesa, então recém-promulgada.

Nos levantamentos feitos pelo prof. Guilherme Vitti, a primeira planta da vila data de 1822. A Rua da Praia está situada com sete casas: *Da cerca ao portão adiante nomeado tem só cento e sessenta e cinco braças e tudo cheio de casas.*



Esses primeiros moradores da Rua da Praia eram pescadores, no tempo tarefa rendosa. Uma cerca e um portão limitavam a área pública. O portão dava entrada às terras do Tenente Coronel Teobaldo da Fonseca e Souza, que não permitia o trânsito pela margem do rio, argumentando danos na sua cultura.

Tão logo, após a instalação da Câmara de Vereadores em 1822, as autoridades civis e principalmente os camarários iniciaram uma demanda com o autoritário sesmeiro, no sentido da liberação da passagem com a retirada da porteira. Fruto da teimosia de Teobaldo da Fonseca e Souza, a Câmara resolveu tomar medida enérgica. Em 23 de julho de 1823, os vereadores oficiaram-lhe *para o termo de 24 horas tirar a porteira da Rua da Praia (ata da Câmara)*. Nada adiantou, a dita porteira permaneceu no mesmo lugar ainda por quatro anos.

Em 13 de maio de 1823 houve pesada pancadaria na Rua da Praia, entre os escravos e empregados do Tenente-Coronel Teobaldo e os de Manuel Dias Ribeiro, que obtivera na Câmara uma data de terra na área de litígio, compreendida na demarcação do rossio.

O Tenente-Coronel Teobaldo, após aceder, em 1822, com a demarcação do rossio, por ocasião da elevação de Piracicaba em vila, que lhe espoliara braças de terra, decidiu voltar atrás e, com um bando de escravos destruiu uma casa em construção, de Dias Ribeiro. Houve revide e o caso deu *muito pano para manga*, pois o Governo Provincial ajuizou em favor do Tenente-Coronel, com o que a edilidade discordou.

Na ata da Câmara de 22 de outubro de 1825, estão registrados os nomes de Policarpo Antônio e João Rodrigues de Ataíde, requerendo lotes na Rua da Praia, para ali afirmarem residência.

A resolução da demanda só aconteceu através da esfera superior, em 1826, quando chegou à Câmara em 8 de novembro, a confirmação da sentença. A decisão, contudo, ainda não foi acatada pelo teimoso Coronel Teobaldo, na conjectura da proteção de seus direitos.

Em dezembro de 1827, o Meritíssimo Ouvidor da Comarca de Itu determinou a retirada definitiva da cerca e da porteira. Mais uma vez o sesmeiro não admitiu a derrota, através de uma petição ao Ouvidor, rebelando-se contra a Câmara, na qual afirmava que *sua propriedade foi invadida*

77

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

por uma gentilha revolucionária e inimiga da ordem(...) que a Câmara era sua inimiga pessoal, procurando prejudicá-lo, com a concessão de datas em suas terras, quando dentro da vila havia terrenos vazios solicitando ao Ouvidor que lhe fizesse justiça, no que foi contestado pela Câmara em sua petição ser ele um homem de péssima índole e furioso procedimento e por isso é que tanto tem vexado a Vossa Senhoria com imensos requerimentos, caluniando injustamente a esta Câmara.

Como se vê, o trânsito pela Rua da Praia nesses idos já era significativo. É de 1823 que se tem a primeira informação documental sobre a primeira ponte ligando as margens do rio Piracicaba: a Câmara concede ao Alferes Manuel Joaquim Pinto de Arruda autorização para o levantamento de uma cerca, logo acima da ponte, na margem esquerda do Piracicaba, de modo a deixar terreno suficiente para que não viesse a dita cerca a impedir a boa saída da dita ponte. Ao que se prevê, a ponte localizava-se na altura da hoje rua Prudente de Moraes, onde o rio é mais estreito.

Ainda pelas Atas da Câmara (16 de fevereiro de 1831) consta a aprovação do termo da Vila (Perímetro) para a cobrança de imposto (Predial) onde se inclui a Rua da Praia (dita do Porto) da casa de Manuel de Jesus até a casa de Maria Joaquina.

Há uma curiosa correspondência de autoria do Padre Francisco de Assis Pinto de Castro (professor de latim e francês em 1856, nessa cidade de Piracicaba), na qual, em uma das cartas datada em 1858, descreve e desenha os principais edifícios de Vila Nova da Constituição havidos na época.

Quando o padre descreve os prédios de sobrados cita, entre outros, o existente na Rua da Praia:

Sobrados - o do Sr. Rocha, do Sr. Morato, o do Sr. Torquato, o da Senhora dona Hermelinda, professora de primeiras letras, o do Sr. Braz, o do Sr. Henrique Alemão, e um outro cujo nome não sei, na Rua da Praia.

Este último só pode ser a chamada Casa do Povoador que aparece no volume VII do Arquivo Pitoresco de Lisboa.

A história da Casa do Povoador, localizada na Avenida Beira Rio, nome dado a uma parte da antiga Rua da Praia, merece esclarecimento. Ela tem arquitetura do século XIX e possivelmente foi Casa de Sal (entreposto). A primeira notícia concreta que se tem da casa data de 1850.

78

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

Na história documentada de Piracicaba, não há qualquer referência de que tenha sido edificada pelo, ou para, o Capitão Povoador Antônio Correa Barbosa. A casa do Povoador é um *mito* que se perpetuou pelo *ouvi dizer*⁴.

Contudo, a Casa do Povoador, a mais antiga edificação dos primeiros tempos de Piracicaba, é o maior e o mais expressivo símbolo histórico de nossa Terra.

A Casa da Alfândega, que, até há trinta anos, podia ser delineada por suas ruínas, era mais antiga que a chamada *Casa do Povoador*. Porém, nada sobrou dessa edificação para mostrar outra parte da história da Rua do Porto.

Atualmente todo o conjunto da Avenida Beira Rio encontra-se vinculado ao Processo de Tombamento e transformou-se em ponto turístico.

Nos finais de semana o movimento é muito grande nos restaurantes, petiscarias e bares. Grande é o número de turistas que vêm à Rua do Porto para saborear o prato típico ribeirinho: o pintado na brasa.

Não são apenas o salto, a ponte pênsil, a Casa do Povoador, o Largo dos Pescadores, a Irmandade do Divino, a Casa do Turismo, a paisagem, que são marcas de atração e enlevo da antiga Rua da Praia. Não podemos nos esquecer de que a Rua do Porto está se transformando em um centro de artesanato. Lá se instalaram inúmeros artifices, destacando-se a Casa do Artesão com a venda e exposição de artesanato.

É na Rua do Porto que acontecem os movimentos artísticos-culturais-folclóricos e religiosos, com destaque para a Festa do Divino Espírito Santo.

BIBLIOGRAFIA

Atas da Câmara de Piracicaba.

CARRADORE, Hugo Pedro. *Retrato das Tradições Piracicabanas*, 2ª ed. . Revista e ampliada. Edição IHGP, Piracicaba, 1989.

GUERRINI, Leandro. *História de Piracicaba em Quadrinhos*, vol. 1º. Edição do IHGP. Piracicaba. 1970.

NEME, Mário A. *Piracicaba Documentário*, Tipografia Paulista, 1936.

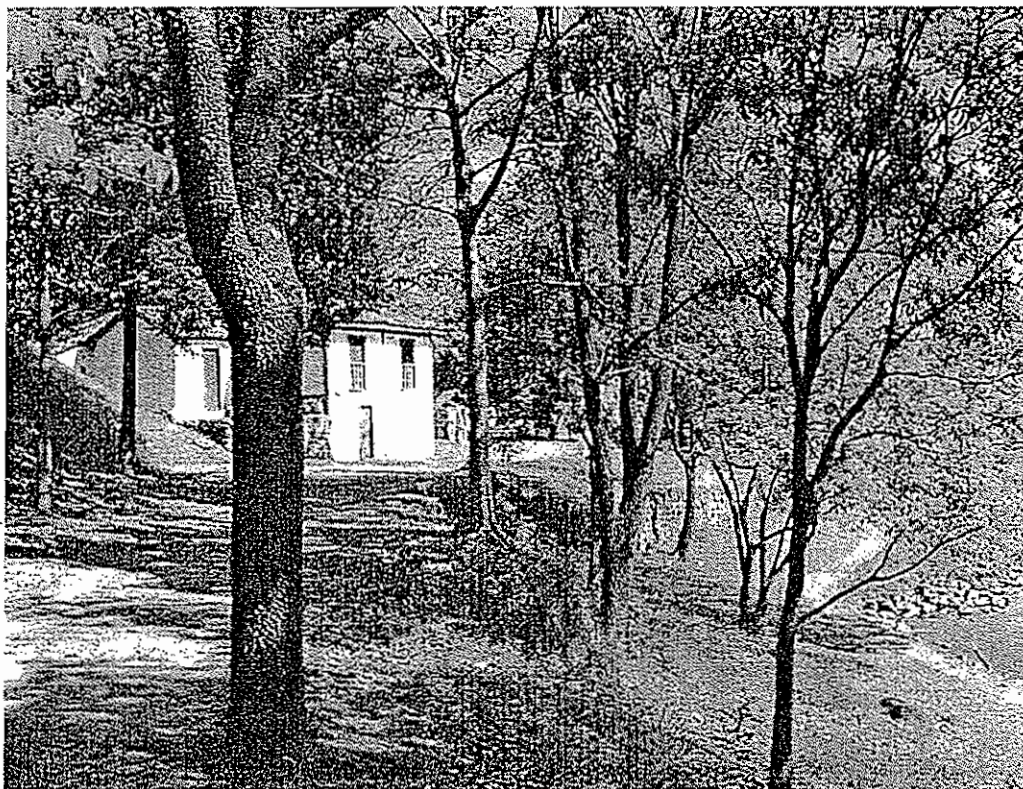
_____. *História da Fundação de Piracicaba*, 2ª ed.. Edição IHGP. Piracicaba, 1974.

4. Em 08 de março de 1970, o Secretário de Cultura do Estado, Orlando Zancaner, nos termos do artigo 1º do Decreto-Lei nº 149, de 15 de agosto de 1969, decretou o tombamento da Casa do Povoador como monumento histórico do Estado de São Paulo. Essa resolução foi publicada no Diário Oficial de 10 de março de 1970.

79

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10



A Chamada Casa do Povoador, na Rua da Praia, hoje Rua do Porto, em Piracicaba.

80

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

MEMÓRIAS DA ESCRAVIDÃO O PODER PATRIARCAL

Hugo Pedro Carradore¹

Pela sua autoridade o amo e senhor dirige tudo e a todos, e todos se submetiam ao seu arbítrio e caprichos.

Personalização da sociedade agrária brasileira estava fundada no poder econômico, determinado pelo latifúndio e pela escravaria.

Em **Raízes do Brasil**, Sérgio Buarque de Holanda diz:

Nos domínios rurais, é o tipo de família organizada segundo as normas clássicas do velho direito-canônico, mantidas na Península Ibérica através de inúmeras gerações, que prevalece como base e centro de toda a organização. Os escravos das plantações e das casas, e não somente escravos, como os agregados, dilatam o círculo familiar e com ele, a autoridade imensa do pater familias. Esse núcleo bem característico, em que tudo se comporta como o seu modelo da antigüidade, em que a própria palavra família, derivada de famulus, se acha estreitamente vinculada à idéia de escravidão, e em que mesmo os filhos são apenas os membros livres do vasto corpo, inteiramente subordinado ao patriarca, ...²

Tal poder do *pater familias* tinha um conteúdo pessoal e um conteúdo patrimonial. No seu latifúndio, distante das autoridades constituídas, o poder do Senhor tornou-se potencialmente sem limites - senhores da vida e da morte!

Artur Ramos reproduz um depoimento feito por Anselmo da Fonseca em 1871: – ... *no Rio Grande do Sul costumam os senhores fazer atar os punhos dos escravos por meio de cordas e traves horizontais, mais altas do que a cabeça, de modo que fiquem os membros superiores dirigidos para cima, e sobre os corpos, inteiramente nus, untar mel ou salmoura afim de que miríades de insetos, como moscas, vespas, etc., os venham ferretear e pungir*³. Esse suplicio levava o escravo à morte.

1. Ex-Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, membro fundador da Academia Paulistana da História.

2. Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, São Paulo, 1948.

3. Artur Ramos, *Castigos de Escravos*, *Revista do Arquivo Municipal*, vol. XLVII, São Paulo.

81

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

4. Negrinho do Pastoreio - Tradição popular da zona pastoril do Rio Grande do Sul. Um moleque, escravo de um rico estancieiro, perdeu a tropilha de cavalos baios que estavam sob sua guarda. O amo mandou espancá-lo e atirá-lo dentro de um formigueiro, onde o negrinho faleceu. O fato reapareceu como lenda: à noite seu fantasma montando um baio conduz uma tropilha invisível, mas reconhecível pelo ruído do trotar dos cavalos. Afilhado de Nossa Senhora, ele tem o poder de fazer reaparecer os objetos perdidos, a quem lhe oferece velas. Sua área de projeção alcançou todo o Sudeste Brasileiro. Pelo fenômeno da migração das populações, encontramos esse mito religioso em vários pontos do País.

5. Bernardo Vieira de Mello, militar, natural de Muribeca (PE), nasceu na segunda metade do século XVII. Chefou uma

Da prática sádica desses senhores surgiu a lenda do **Negrinho do Pastoreio**, que foi mandado surrar barbaramente pelo amo, e, ainda sangrando, foi atirado semiconsciente em um formigueiro, onde faleceu após horrível sofrimento⁴.

Nessa esfera, muitos senhores tiranos não hesitaram em exercer o *ius vitae et necis* do direito romano, ou seja, o direito de vida e morte sobre as pessoas que estavam sob sua dependência consultando o *consilium domesticum*, tal como fez Bernardo Vieira de Mello⁵.

Desconfiado de que sua nora cometera adultério, reuniu um conselho de família, e condenou-a à morte, mandando incontente que fosse cumprida a sentença. Apesar da divulgação do crime, feita pelo próprio Bernardo Vieira de Mello, a justiça não tomou qualquer providência.

Em torno do poder patriarcal gravitavam os agregados, que, ao lado da família, gozavam do favoritismo do senhor.

A figura do agregado, na sociedade escravocrata brasileira, não deve ser confundida com os vassallos do regime feudal europeu. Estes, tinham status e função qualificada, o agregado era simplesmente um homem livre, branco ou mestiço, que por favoritismo se juntava ao senhor em busca de proteção e benefícios, e que retribuía o teto e a mesa rendendo-lhe lealdade e submissão, prestando-lhe alguns serviços: acompanhando-o e zelando pela sua segurança, exercendo a função de capataz e feitor, quando não, auxiliando-o na administração dos bens. Porém, na maioria das vezes, o agregado não passava de um parasita sem qualquer encargo, provendo sua sobrevivência e segurança graças à arte de bajulação. Manter ao redor de si tal *clientela* e ostentar uma vida de luxo, era forma de exibir o poder e firmar um **status** aristocrático.

A casa grande era o centro vital da propriedade rural, residência do senhor patriarcal, uma enorme e robusta edificação de arquitetura simples, mas imponente, destacando-se na paisagem agrícola. Complementada pela senzala e pela capela foi o símbolo de todo o sistema econômico, social e político, como define Gilberto Freyre: *de produção (a monocultura latifundiária); de trabalho (a escravidão); de transporte (o carro de boi, o bangüê, a rede, o cavalo);*

82

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

de religião (o catolicismo de família, com capelão subordinado ao pater famílias, culto dos mortos, etc.); de vida sexual e de família (o patriarcalismo polígamo); da higiene do corpo e da casa (a touceira de bananeira, o banho de rio, o banho de gamela, o banho de assento, o lava-pés); de política (o compadrismo). Foi ainda fortaleza, banco, cemitério, hospedaria, escola, santa casa de misericórdia, amparando os velhos e as viúvas, recolhendo órfãos⁶.

Já no fim do século XVI os engenhos formavam a imagem de uma povoação com suas numerosas edificações. Além da casa-grande, a senzala e o engenho propriamente dito, havia os depósitos para armazenar a cana cortada, a casa das caldeiras, as casas de purgar, o palanque para o mestre de açúcar, a carpintaria (o açúcar era exportado em caixas de madeira fabricadas no próprio engenho).

Como se vê, a pirâmide social é bem simples: a base formada pela massa escrava, no ápice o senhor, entre dois extremos se colocavam todos os demais, subordinados à vontade do senhor.

As raízes do comportamento moral e social da família brasileira estão plantadas na estrutura patriarcal das casas-grandes: a vida doméstica, a educação dos meninos e das meninas, a religiosidade, o comportamento sexual... *nas casas grandes foi até hoje onde melhor se exprimiu o caráter brasileiro, a nossa continuidade social*. Diz o mestre Gilberto Freyre⁷

Com o desenvolvimento urbano e com a reeuropeização do Brasil imperial, o sobrado manteve as bases do regime patriarcal-escravocrata.

O terço e o punhal eram dois elementos indispensáveis aos habitantes das vilas e das cidades - o elevado sentimento de religiosidade e o zelo pela honra: *Ninguém anda sem o seu rosário na mão, o seu Santo Antônio sobre o bucho. Ninguém ouve tocar o Angelus, em casa ou na rua, sem que logo não ponha os joelhos, contritamente em terra, em compensação, porém, o baiano, precavido e desconfiado, não transpõe a soleira de sua casa, sem um punhal à cava, a pistola ao bolso e a espada, das mais compridas à ilharga esquerda*⁸.

A honra predominava sobre a religião. As esposas pecadoras sofriam a justiça do punhal.

expedição armada contra o Quilombo de Palmares; depois reprimiu os índios rebelados em Araroba. Governou o Rio Grande do Norte (1695-1701). De volta a Pernambuco, lutou contra os mascates. Preso, foi remetido para Lisboa, onde morreu na prisão de Limoeiro.

6. Gilberto Freyre, *Casa-Grande e Senzala*, Rio, 1964.

7. Gilberto Freyre, ob., cit.

8. Heitor Muniz, *Brasil de Hontem*, Rio, 1928.

83

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

9. Hermann Burmeister, *Reise nach Brasilien, Durch die Provinzen von Rio de Janeiro und Minas Gerais*, Berlim, 1852.

10. Heitor Muniz, op., cit.

11. Heitor Muniz, op., cit.

Impunemente, a esposa adúltera era assassinada pelo marido. Frezier, registrou na Bahia, em 1713, nada menos de trinta uxoricídios. *Ferozes maridos! Terríveis pais!* – diz o cronista.

Os pais em geral eram mais humanos que os maridos: descoberta a perda da virgindade da filha, não podendo remediar o caso com um matrimônio frente ao altar, expulsavam-na de casa para que se prostituíssem. Alguns pais, antes disso, entregavam a filha pecadora ao apetite sexual de um de seus escravos. Passavam então a ser públicas cortesãs, à disposição de brancos e negros.

Uma leve desconfiança, ou a simples suspeita de um namoro não conveniente ao patriarca, era motivo para a internação das donzelas nos conventos. Hermann Burmeister, um alemão que esteve no Brasil, escreveu *que muitos brasileiros internam suas mulheres sem plausível razão, durante anos, num claustro, simplesmente a fim de viverem tanto mais a seu gosto na sua casa com uma amante. A lei presta auxílio a este abuso; quem quer se livrar da própria esposa, vai à polícia e faz levá-la ao convento pelos funcionários, desde que pague o custo de suas despesas*⁹.

Dom Manuel de Santa Inês, arcebispo diocesano, escreveu escandalizado sobre as freiras de Santa Clara: *O seu toucador é nimamente descomposto e indecente, as religiosas, por lhes deixar descobertas grande parte da cabeça e todo o pescoço. Os seus hábitos e mantos reprehensiveis pelas caudas, pelas fitas de cor, que na dos hábitos prendem, pelas aberturas destes, anteriores e posteriores e pelas mangas de extraordinária largura. Isso é tudo? Não. As freiras ostentam um luxo nababesco. Têm objetos de ouro, de prata, de diamantes que valem verdadeiras fortunas... Por baixo de seus hábitos vestem camisas bordadas com mangas compridas e saias finíssimas e calçam meias de seda ligando-as comumente com fivelas de ouro cravejadas de diamantes...*¹⁰.

Em suas *Cartas*, escritas em 1802, Luiz dos Santos Vilhena denuncia que: – *reinava uma desordenada paixão sexual, de forma a se lhe afigurar que para a sua correção não bastar todo rigor da justiça*¹¹.

84

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10



MEU TEMPO EM PIRACICABA

Jayme Rosenthal

Nasci aos 20 de julho de 1940 em Barretos, e, em 1941, mudamos para Piracicaba. Filho de Pedro e Anna Rosenthal, tive a felicidade de conviver com meus irmãos, Elias, Ester, Rosa, Paulina e Mendel.

Sou do tempo do Hotel do Lago, onde nos hospedamos quando chegamos a esta cidade, ao lado da farmácia do Frota, na Rua São José, esquina da Praça, tendo, de um lado, o Teatro Santo Estêvão e do outro, a fábrica de gelo do Jorge Maluf, em frente ao Cine Broadway.

Sou do tempo em que, na Rua da Boa Morte, 1676, onde moramos até o ano de 1947, brincávamos na calçada, de cabra cega, morto, pulávamos amarelinha, aos olhos de nossos pais que se sentavam em frente das casas ao anoitecer, no maior bate-papo com os vizinhos, e, de meia em meia hora, passava o bonde que ia da rua XV de Novembro até a estação da Paulista, limite da cidade neste bairro.

Também os outros limites de nossa cidade, eram: a estação de trem da Vila Rezende, a Escola de Agronomia, fim da linha dos bondes, e, da rua do Porto até o Cemitério da Saudade.

Sou do tempo de médicos competentes como Dr. Francisco Toledo, Dr. Lula, Samuel de Castro Neves e muitos outros, da chegada do primeiro bispo a Piracicaba, Dom Ernesto de Paula, com cortejo descendo da estação da paulista, pela rua da Boa Morte, até a Catedral, do fim da guerra, quando meu pai, Pedro Rosenthal tirou o gasogênio de um Ford 29 e o transformou para gasolina, do João Ferreira, o maior doador de sangue de Piracicaba e região, do Lico da farmácia Neves, armazém do Simionato, sapa-

85

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

taria do Arzola, padaria Central, da vidraçaria do pai do Samuel Pfromm Neto, Benedito Glicério Teixeira, advogado provisionado ou seja, rábula, conhecedor de leis que tinha autorização para advogar, todos na rua Boa Morte.

Sou do tempo em que meu pai e o conde de Lara Campos, proprietário da chácara onde hoje é o Clube de Campo de Piracicaba, tinham os cavalos mais bonitos, arreios impecáveis, charretes sofisticadas, e o encontro era sempre na Selaria Record, na esquina do mercado. No largo do mercado, todas as madrugadas a partir das 4,00 horas, chegavam os sitiantes com seus cavalos e carroças, para vender frutas e verduras que produziam em suas terras.

Sou do tempo do Grupo Escolar Barão do Rio Branco, onde minha professora, Zélia de Azevedo, esposa do famoso contador de piadas, Bráulio Azevedo, pagava para os alunos fazerem tabuada, Nini Zangelmi, Lourdes Diehl, e muitas outras, comandadas pelo diretor Aparício Madureira.

Sou do tempo em que, aos domingos de manhã, no auditório lotado da PRD6 – Radio Difusora de Piracicaba, tinha, às 10,00 horas, cururu com Pedro Chiquito, Nhô Serra, Zico Moreira, Parafuso e outros. Em seguida, um programa infantil de calouros, onde os pais levavam seus filhos a cantar, revelando novos talentos piracicabanos.

Sou do tempo do Sud Mennucci, dos famosos professores João e Arquimedes Dutra, Lino Sansígolo, Antonelo de Moraes, Maria Celestina Teixeira Mendes Torres, Benedito de Andrade, Demóstenes Santos Corrêa, e muitos outros.

Sou do tempo do Colégio Piracicabano, com o diretor Armando Penaforte de Amorim, dos professores Josaphat de Araújo Lopes, João Monteiro, Miss Pamela Mac Fadden, maestro Germano Benencase e outros.

Sou do tempo em que o trem era nosso meio de transporte mais eficiente para chegar a São Paulo, e Atilio Gianetti inaugurou uma linha rodoviária com peruas Ford 1947, carroceria de madeira, para São Paulo. Levava até sete passageiros. Para a viagem, todos usavam guarda-pó, pois a estrada era de terra. Posteriormente apareceram os ônibus importados.

• Sou do tempo do Hotel Central, casa Edson, Tabacaria Tupã, Bar Comercial, Leteria Brasileira, Restaurante A Baiana, Bar do Tanaka, Bar Nova Aurora, Banco Inco,

86

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X – 2003
Número 10

Renner, Cantina do Vicentão, Bomboniére do Passarela, Sorveteria do Pinki, com seus inigualáveis sorvetes de uvaia, todos na praça. No Cine São José, aos domingos à tarde, passavam 03 filmes a saber: Johnny Mac Brown, ou Charles Starret, ou Durango Kid, depois o seriado de Nioka ou Flash Gordon e finalmente uma comédia com os Anjos da Cara Suja ou o Gordo e o Magro. Durante o filme, o Éldio Rolim passava com uma cesta gritando: baleiro, olha as balas, amendoim, goma, chicletes.

Sou do tempo do Hotel dos Viajantes, na esquina do mercado, casa Nova York, casa do Norte, Casa Inglesa, casa Nely, A Nacional, posto São Paulo, mercearia Pingüim, Casa Polacow, Casa Rosenthal e muitas outras, na rua Governador Pedro de Toledo.

Sou do tempo em que Agostinho Martini Neto entregava doces deliciosos de bar em bar, com sua *Ramona Chevrolet 1928*, do namoro de Nino e Lígia Gobbin, cujo casamento tem 52 anos, do Curtinho (pai do João Pauli) e Pedro Sallum, que jogavam futebol pelo **Palmeirinha**, da Cidade Alta.

Sou do tempo das peladas no largo da Sorocabana, atual terminal de ônibus, onde, todas as noites, eu, Neder, Sallum, Usberti, Moretti, Regitano, Dondeli e muitos outros, jogávamos futebol no escuro. Só tinha uma lâmpada para iluminar nosso campo de paralelepípedo.

Sou do tempo das serenatas, acompanhando Cobrinha, Airton Nascimento, Pedro Alexandrino e muitos outros, pela madrugada a dentro, sendo sempre bem recebidos pelos familiares dos homenageados. Podíamos andar com liberdade e segurança noite a dentro, não existiam bandidos e, de quando em quando, cruzávamos com os cavalarianos da Polícia Militar, que guardavam a cidade. Também aos sábados, a partir das 20,00 horas, em frente ao Cine São José, na casa do Tufi Elias, pai de Cecílio Elias Neto, formávamos uma platéia na calçada para ouvir os músicos amadores de Piracicaba que lá se reuniam.

Sou do tempo do **footing** no jardim, onde os homens andavam de um lado e as mulheres do outro, trocando olhares, sorrisos e flertes, e, às 21h30 horas, o jardim se esvaíava, pois as moças direitas tinham que chegar em casa antes das 22 horas.

87

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

Sou do tempo em que Piracicaba só tinha um Juiz de Direito, Dr. Celso Galdino Fraga, e um Delegado de Polícia, Dr. Andreas Aranha Schmidt, que, junto com o Prefeito e o Bispo, eram as pessoas mais importantes da cidade. Depois vinham os gerentes de banco. Também os motoristas de praça, Paulo Granato, Pedro Bella, Benedito Sérgio, Módolo, Boralli e outros, eram importantes por terem os carros mais bonitos da cidade. Naquele tempo, quem tinha carro bonito era importante e, se fosse fazer empréstimo bancário, não precisava avalista.

Sou do tempo em que o piscoso rio Piracicaba, na época da piracema, nos oferecia um espetáculo colorido, com dourados, pintados, jaús, piracanjovas, mandis, pulando, tentando vencer a correnteza do salto. Quando queríamos comer peixe, o Garcia, na rua do Porto, tinha as maiores variedades, todos do rio Piracicaba.

Sou do tempo em que a economia de Piracicaba era sustentada por quatro grandes indústrias, Engenho Central, Fabrica Boyes, Dedini e Monte Alegre, e, nos dias de pagamento, meu pai, Pedro Rosenthal, proprietário da casa Rosenthal, que vendia móveis e roupas feitas, entregava-me cartões para cobrança, pois o crediário naquela época era de absoluta confiança. O cliente não assinava nada e o slogan de *com dinheiro ou sem dinheiro Rosenthal é companheiro*, é lembrado até hoje, pois meu pai foi um dos introdutores de vendas a prestação nesta cidade.

Sou do tempo em que Walter Hahn, Branca Leite Marcondes e colaboradores inauguraram o Lar Betel, para assistir idosos desamparados. Meu pai fornecia móveis para a entidade, e, por força do destino, acabei colaborando e presidindo o Lar Betel por muitos anos.

Sou do tempo de jornalistas, professores, escritores, poetas, cientistas, artistas e benfeitores, capacitados como o Dr. Losso Neto, Sebastião Ferraz, Leandro Guerrini, Flávio Toledo Piza, Cecílio Elias Neto, Marina Tricânico, José Benedito de Camargo, Salvador de Toledo Piza, Walter Radâmes Accorsi, Nair Arantes de Carvalho, Antônio Romano, Alberto Thomazi, Eugênio Nardin e muitos outros.

Sou do tempo dos prefeitos Samuel de Castro Neves, Luiz Dias Gonzaga, Luciano Guidotti, que lutavam pela nossa cidade por amor à terra, sem influência de partidos

88

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

políticos, e os vereadores, não remunerados, trabalhavam para o desenvolvimento de nossa cidade e bem-estar da população.

Sou do tempo do glorioso XV de Novembro, na panela de pressão da rua Regente Feijó: Ari, Elias, Idiarte, Cardoso, Strauss e Adolfinho, Demaria, Sato, Picolino, Gatão e Rabeca, do basquete do XV, Vlamir, Pecente, Mané, Paula Mota, Nascimento, Buck, José Carlos e muitos outros.

Sou do tempo da Escola de Comércio Cristóvão Colombo, onde recebi o diploma de Técnico em Contabilidade, do Prof. Antônio Ítalo Zanin, sendo seu braço direito, Ângelo Bertoco, e o corpo docente, professores Fioravante, Frederico Blaauw, Aurélio Scalise, Acácio Oliveira, Antônio Romero e muitos outros.

Sou do tempo das corridas de automóveis nas ruas e avenidas de nossa cidade, das quais participei várias vezes, ganhando posições e troféus.

Sou do tempo do início da Faculdade de Direito de Piracicaba, hoje Unimep, sendo a minha turma a que colou grau em 1975, a primeira a ter reconhecimento federal. Minhas homenagens aos professores que nos encaminharam ao mundo jurídico, pois muitos viajavam à noite, de suas cidades, onde eram juizes, promotores, procuradores e professores de outras faculdades.

Hoje, estou no tempo de minha esposa, Célia, dos meus filhos, Daniel, Marcelo e Celita, minha nora, Bianca, minha irmã Dra. Laurisa Cortellazzi, tempo de José Machado, Antônio Oswaldo Storel, Esther Sylvestre da Rocha, tempo de Thame, Roberto Morais e João Hermann, tempo do Dr. Luiz Henrique Zago, Drs. Hamid, Mauro, Xavier, Cláudio do Prado Amaral, tempo de Joacir Curi e Evaldo Vicente, tempo de Ercilio Denny, Antônio Lara, Marcelo Batuíra, Antonietta Rosalina, Marcelo Rosenthal, safra nova, atualizada, que forma um novo tempo, alicerçados pelo meu tempo vivido.

A todos os nomes citados e aos que deixei de citar, que viveram no meu tempo, meu respeito, admiração e agradecimento por fazerem parte de minha vida.

Com certeza, 61 anos de vida em Piracicaba e por Piracicaba, deram-me créditos para hoje ser um *cidadão piracicabano*, que acredita na paz, no amor e na fraternidade.

89

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

OS MONGES E OS MANUSCRITOS DO MAR MORTO

Fernando Ferraz de Arruda¹

1. Sócio Titular do IHGP.

É muito conhecida a vida dos monges ou essênios na Ásia, na região do Mar Morto.

Eles eram religiosos que realizavam seus encontros no deserto, nas proximidades do Mar Morto.

A região do Mar Morto era curiosa e interessante, porque continha muitas grutas e próximo dela ficava Qumran, onde os beduínos encontrariam outras grutas. Toda essa região caiu em poder dos romanos na guerra com os judeus (ano 150 depois de Cristo). Na Segunda metade do século XX, os beduínos descobriram algumas grutas. Nelas encontraram rolos manuscritos de muito valor.

Logo depois, os arqueólogos, que não paravam de cavar, descobriram o mosteiro e o cemitério da região com mil túmulos extremamente simples.

Um dos textos foi adquirido por 250.000 dólares e está na Universidade Hebraica de Jerusalém. E ainda há mais e é sobre eles que os especialistas estão pesquisando, com muito interesse.

Devido à importância deles, recorreram a cientistas da Universidade de Chicago para a determinação de suas idades através do método de carbono 14, aplicado ao tecido de linho com o qual os bons monges providencialmente os envolveram.

E tanto os físicos atômicos dos Estados Unidos como os hebraicólogos de Israel chegaram à mesma conclusão: os mais recentes pergaminhos de Qumran foram escritos mais de 100 anos antes de Cristo.

A constatação mais impressionante é de que, entre os rolos, estava a Bíblia, ou, mais precisamente, o Antigo

90

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

Testamento, com todos os livros escritos na língua hebraica. Apenas não foi encontrado o Livro de Ester.

O Livro do Profeta Isaías, por exemplo, está manuscrito em 17 folhas de pergaminho, cada folha com 26 cm de altura por 7,15m (sete metros e quinze centímetros) de comprimento. Toda esta área recoberta com linda caligrafia em hebraico!

O mesmo acontece com o Pentateuco, com os livros dos Salmos, de Jeremias, de Oséias, de Amós, de Miquéias, de Zacarias, de Malaquias, etc.

Os livros de todos os profetas já estavam escritos um século antes de Jesus Cristo nascer.

Admirável é que o texto bíblico conhecido um século antes de Cristo coincide com o texto bíblico conhecido vinte séculos depois de Cristo. O que está impresso hoje, estava escrito um século antes de o Messias nascer.

Nesse ponto reside a contribuição decisiva da ciência arqueológica para o Cristianismo e para a Humanidade.

Tudo o que foi dito de Jesus Cristo no Antigo Testamento foi realmente predito e não introduzido por piedosos copistas e modificado por escriturólogos cristãos. Quando o profeta Miquéias profetisa que o Messias nasceria na cidade X, a cidade nomeada por ele foi, realmente, Belém e não outra que teria sido substituída por Belém em cópias e fatos posteriores ao nascimento do Mestre. O mesmo acontece com cada fato anunciado e ocorrido com Jesus.

Os documentos de Qumran ou manuscritos do Mar Morto como também são chamados, trouxeram esta confirmação para nós cristãos.

Hoje sabemos pelas Ciências, que o relato *A Paixão de Cristo* segundo Isaías, foi profética e inspirada, porque a lemos e a tocamos nos manuscritos do Mar Morto.

BIBLIOGRAFIA

João Mohana, *O Mundo e Eu*, 1978 - 7ª edição.

91

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

PEREGRINAÇÕES E LUGARES SAGRADOS

João Luís Franchi¹

"... sou caipira Pirapora nossa, Senhora de Aparecida, ilumina a mina escura e funda o trem da minha vida... me disseram porém, que eu viesse aqui, pra pedir de romaria prece e paz nos desaventos, como eu não sei rezar, só queria olhar olhar, seu olhar, seu olhar... Renato Teixeira em "Romaria."

1. Licenciado em Geografia pela Unesp (Rio Claro). E-mail: jlfanchi@bol.com.br

Resumo: O estudo da organização do espaço geográfico também passa pela influência das religiões, principalmente através das manifestações das peregrinações a lugares sagrados, porções especiais da complexa rede de fluxos e intercâmbios que compõem o espaço geográfico.

Palavras-chave: Geografia; espaço geográfico e lugares sagrados; peregrinações.

Antes de entrarmos definitivamente no tema das peregrinações, façamos um pequeno resumo das relações entre cidades e religiões para entendermos o fenômeno das peregrinações, que existe desde os primeiros agrupamentos humanos, e que ganha novas formas neste século XXI.

A localização das cidades depende frequentemente de sua função original, que normalmente se relaciona com a defesa, com o comércio, com o transporte, com os recursos locais, com a administração e também com a religião. Uma cidade também pode ser multifuncional, dependendo dos fluxos que possui com outras cidades e com a região em que está inserida, ou ainda ter sua função original e principal modificada pela própria evolução dos acontecimentos históricos, econômicos ou sociais.

As religiões são quase tão antigas e universais quanto as próprias culturas humanas e podem interferir no local onde se instalam. O contato dos primeiros grupos humanos com a natureza e seus fenômenos só poderia ser explicado por um sistema de crenças que foi se aperfeiçoando, nascendo aí as bases de muitas religiões. A natureza e o sagrado estavam intimamente ligados. O que hoje denomina-

92

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

mos de características ou atributos geográficos eram outra instrumentos de crença e fé de muitos povos através dos milênios. Os sistemas de crença e as tradições de adoração são comuns a quase todas as sociedades desde os tempos imemoriais. Independentemente da diversidade cultural, esses sistemas e tradições compartilham muitos elementos comuns, envolvendo a fé em seres espirituais, não humanos, que podem influenciar eventos nessa vida.

Rituais e regras de comportamento geralmente são mantidos por especialistas religiosos, que agem como guardiões da tradição.

Em muitos casos, a fé e a política estavam intimamente ligadas, surgindo formas de governos, como os teocráticos, como foi o Egito antigo, o Reino de Israel na época de Davi e Salomão, ou ainda o Irã dos aitolás ou a própria Arábia Saudita, governada pela família Said.

A religião é partícipe – os membros praticantes de uma sociedade religiosa ajudam a perpetuar as tradições sagradas através da frequência aos serviços religiosos nas igrejas, mesquitas, sinagogas ou templos da comunidade. Para um indivíduo, uma religião oferece uma explicação da realidade e um modelo para direcionar as decisões de sua vida (Encarta, 1999).

A influência da religião também é significativa no contexto global. As diferenças religiosas sobre os costumes, recursos e questões políticas são comuns e ao longo da história surgiram diversos conflitos, seja entre as grandes religiões, como as cruzadas dos séculos XI, XII e XIII, onde cristãos e turcos muçulmanos se enfrentariam pelo território denominado de Terra Santa, na Palestina, seja dentro da própria religião, como os conflitos políticos-religiosos entre católicos e protestantes na Irlanda do Norte. Muitas fronteiras e limites refletem as diferenças religiosas quanto as divisões políticas.

As religiões possuem diversas formas, que vão das grandes instituições estabelecidas que ultrapassam fronteiras nacionais a sistemas de crenças locais restritos a grupos étnicos específicos em pequenos enclaves.

A importância da religião em todo o mundo permite aos geógrafos estudarem como as religiões variam e como são distribuídas de uma região para outra. As religiões influenciam na paisagem de muitas formas, direcionando pa-

93

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

drões de povoamento, estilos arquitetônicos e as atividades diárias como agricultura e culinária (Encarta, 1999).

Portanto, as religiões também influenciam na elaboração de espaços geográficos, daí a importância da Geografia.

Os geógrafos também estão interessados na distribuição das religiões como uma maneira de estudar como surgiram e se difundiram, bem como um meio de obter dados estatísticos sobre as crenças religiosas da população de um país.

As atividades humanas, tais como a evangelização, a migração, a peregrinação e o comércio podem fazer com que as religiões tenham uma distribuição muito fluida.

Talvez o aspecto mais interessante da geografia da religião seja o estudo dos lugares sagrados e suas relações com as peregrinações. Certas localidades são vistas como sagradas porque estão associadas a importantes eventos religiosos ou por causa de suas peculiares características geográficas que em tempos passados, fizeram surgir uma crença: *Bodh Gaya*, na Índia, adquiriu um significado sagrado pois seria o lugar onde Buda teve sua iluminação. O *Monte Kailas*, no Tibete Ocidental é considerado importante porque em suas encostas nascem quatro dos maiores rios da Ásia Meridional. Na Península do Sinai, o *Monte Gebel-Katehrina* (2637 metros de altitude) seria o local onde Deus pronunciou a Moisés os Dez Mandamentos. Na fronteira da Turquia com a Armênia, ergue-se o *Monte Ararat* (5137 metros de altitude), local designado pelo Velho Testamento como sendo onde Noé aportou após o dilúvio. Na Grécia, o *Monte Olimpo* (2917 metros de altitude) era sagrado para os gregos. No Japão, o *Monte Fuji* (3777 metros de altitude) é venerado pelos japoneses (Encarta, 1999).

Já em Fátima (Portugal), Lourdes (França), Medjugorie (Bósnia), Guadalupe (México) são locais de peregrinação católicas, devido a devoção à Virgem Maria nessas localidades. Além dessas, Roma, Assis, Pádua, Lenciano são locais de peregrinação localizados na Itália, além do Vaticano, sede do catolicismo.

Coletivamente, os locais, caminhos e relações espaciais com alguma relação com o sagrado formam o que pode ser chamado de geografia dos lugares sagrados, onde esses lugares são incluídos com um significado específico derivado das crenças dessa religião em particular.

94

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

Em muitas culturas, particularidades geográficas como montanhas ou cadeias de montanhas, rios, fontes, cavernas, encostas, lagos, mares e florestas revestem-se de atributos espirituais que dão caráter geográfico e único aos chamados lugares espirituais, sinal de contato entre o humano e o divino.

As atitudes religiosas em relação à morte também afetam a paisagem – santuários, tumbas e arvoredos são estabelecidos de acordo com as tradições. São exemplos o Taj Mahal, as pirâmides do Egito e o exército de soldados de argila de Lian, na China.

Para pessoas de várias crenças, o próprio ato de viajar para locais sagrados com o objetivo de observar uma tradição religiosa já é por excelência uma experiência místico-religiosa. O caminho, metáfora da vida terrestre, inicia-se já com uma transformação pessoal visível através de uma série de rituais que culminam no momento da chegada. Ali, finalizada a meta, o peregrino renasce convertendo-se num novo homem (Vitarelli, 1999).

A peregrinação é um caminho ritual empreendido individual ou coletivamente com a finalidade de buscar a purificação, a perfeição ou a salvação. Nessa experiência religiosa, estabelece-se uma série de vínculos: enlaça-se um lugar profano com o mundo superior, a um caminhante individual com uma comunidade, e o peregrino de carne e osso como que renasce purificado pelo cumprimento de seu empenho. Essas relações diferenciam a peregrinação, sendo imprescindíveis um lugar, um caminho percorrido e um objetivo sagrado (Vitarelli, 1999).

Como diz a sabedoria popular, *aos lugares sagrados nada debes levar além do teu corpo; dos lugares sagrados nada podeis tirar além do teu corpo.*

A cada ano, milhões de pessoas fazem peregrinações religiosas para locais sagrados em todo o mundo. Entre as grandes peregrinações podemos citar Meca, Medina e Karbala (Arábia Saudita), Kumbh Mela (Índia), Jerusalém , Santiago de Compostela, Czestochowa, Fátima e Lourdes. No Brasil, podemos citar o Círio de Nazaré, Aparecida do Norte, Goiás Velho, Bom Jesus da Lapa, Bom Jesus do Matosinho, Nossa Senhora dos Navegantes, Senhor dos Navegantes, Juazeiro do Norte, Pirapora do Bom

95

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X – 2003
Número 10.

Jesus. As peregrinações estão muitas vezes associadas a festas populares, que atraem e encantam participantes e admiradores, envolvendo gentes de todas as classes sociais, interligando muitas vezes o sagrado e o profano.

Essas manifestações, se na prática não resolvem conflitos e desigualdes sociais, contudo, expressam uma face da coletividade que se superpõe a essas diferenças (Castro).

No interior de São Paulo, a peregrinação a Pirapora do Bom Jesus levava grandes multidões àquela localidade, geralmente à pé ou carregando cruzes pelos caminhos, sendo sua origem no século XVIII. Com o advento das rodovias e o processo de asfaltamento de antigas estradas, essa tradição diminuiu; contudo, ainda é possível ver romeiros carregando cruzes ou simplesmente caminhando centenas de quilômetros, seja para pagar uma promessa, seja para agradecer aos dons recebidos.

No Vale do Paraíba, a devoção à Nossa Senhora da Conceição Aparecida – Padroeira do Brasil, leva à pequena Aparecida, cerca de 7 milhões de pessoas todos os anos, transformando o Santuário Nacional no maior centro de peregrinação mariano do mundo (D'Ambrósio, 2001).

O culto ao Senhor Bom Jesus, trazido pelos portugueses no século XVI, também deu caráter especial a cidades como Pirapora do Bom Jesus, Bom Jesus dos Perdões e até Bom Jesus da Lapa, às margens do Rio São Francisco, na Bahia, com sua história, cheia de misticismo, relacionada com o Frei Francisco Soledade, o eremita que viveu na gruta e iniciou o culto ao Bom Jesus (www.Valedosaofrancisco.com.br).

O sertanejo, de um modo geral, tem por tendência sacralizar coisas, edificações e lugares. São lugares sagrados os cemitérios, os locais onde ocorrem fatos extraordinários, igrejas. As chamadas oradas são comumente erguidas nas margens de estradas onde ocorreram acidentes. Na sua fé religiosa, os sertanejos consideram sagrados os cruzeiros e, nesse caso, quanto mais antigos, mais místicos.

As peregrinações ligadas a carismas de religiosos já falecidos leva multidões a Juazeiro do Norte, na Chapada do Araripe, no Ceará, onde romeiros lembram o Padre Cícero; em Tambaú, no interior paulista, peregrinos visitam a terra do Padre Donizete, a quem se atribuem muitos mila-

gres. Mesmo em Canudos, destruída por tropas federais durante a República Velha, ainda a memória de Antonio Conselheiro leva romeiros à região.

Em muitas cidades do Interior do Brasil, há locais de peregrinação a túmulos de pessoas carismáticas, como antigos escravos, crianças, religiosos e jovens que durante a vida passaram por provações e dificuldades, e às quais se atribuem milagres e curas. São conhecidos por *santos populares*. Podemos citar: a *Moça de Branco*, em Rio Claro, SP, ou *Menina Izildinha*, em Monte Alto; no Vale do Paraíba, podemos citar *Santa Perna*, *Mania Peregrina* (São José dos Campos), *Santa Cabeça* (Cachoeira Paulista), *Menina Janaína* (Jacareí), *Menina Danielle* (Taubaté), *Menina Santa* (Caçapava), *Padre Vitor* (Aparecida) e *Sá Marinha* (Cunha), porém, esse tipo de peregrinação é mais regionalizado (Folha de S. Paulo, 2002).

As peregrinações exercem grande influencia sobre as comunidade que alojam os locais sagrados, que se esforçam para acomodar grande número de visitantes, sendo que nem sempre a acomodação, alimentação, transporte e segurança são oferecidos de maneira satisfatória para a grande multidão de peregrinos.

Atualmente, em alguns lugares, os serviços disponíveis aos peregrinos estão se sofisticando. Em Aparecida, onde se localiza o Santuário Nacional, já funcionam *shopping-center*, parques temáticos, estacionamentos, além da expansão da rede hoteleira.

As religiões originárias do sincretismo religioso brasileiro também possuem as suas peregrinações; uma das mais conhecidas é a lavagem da escadaria da Igreja do Senhor do Bonfim, em Salvador, e as oferendas a Iemanjá, que ocorrem no litoral brasileiro, em muitos pontos.

Há também as peregrinações ligadas a grupos místicos e esotéricos que têm na possibilidade de contato com seres de outros mundos ou dimensões, locais específicos de visitação como Machu Picchu (Peru), Stonehenge (Reino Unido), Mnajdra (Malta), São Tomé das Letras e algumas comunidades do planalto central, no Brasil.

A topofilia – o amor e o sentimento pelos lugares, particularmente aqueles originários de nossa terra natal, também se refletem nesses lugares sagrados, exercendo

97

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

um movimento pendular de populações que os procuram como forma de manifestar a sua espiritualidade.

Do modelo em pequena escala de uma estrutura religiosa às grandes redes comerciais em torno dos locais de peregrinação, passando pelos vastos territórios atribuídos ao trabalho de antigos ancestrais, a religião tem profundo efeito sobre a paisagem e sobre a nossa percepção do lugar da humanidade no mundo (Encarta, 1999).

O próprio turismo, fonte de renda e lucros que caracterizam nossa sociedade atual, teve sua história contada desde o início, segundo Vitarelli na Grécia antiga, com a peregrinação ao Oráculo de Apolo, em Delfos, desde o século VIII A.C.

O turismo é um negócio que movimenta anualmente mais de US\$ 3,5 trilhões, segundo a Organização Mundial do Turismo. Dentro desse setor, o turismo religioso movimenta cerca de 3% do turismo no planeta. O turismo religioso, porém, é diferente do convencional, pois quem viaja aos lugares sagrados não quer só passear e trazer lembranças para casa – quer, antes de mais nada, encontrar-se com os símbolos máximos de sua religião.

Assim, dentro das modernas relações entre a religião e o turismo, surgiram, recentemente no Brasil, sob a chancela da Igreja Católica, duas trilhas de peregrinação que interligam importantes lugares sagrados, agora acrescidos de caráter não só místico-religioso, mas também, ecológico.

A maior trilha, denominada Caminho da Fé, uma versão brasileira do Caminho de Santiago de Compostela, possui 415 quilômetros em sua extensão total, ligando Aparecida a Tambaú - terra do Padre Donizete, passando por várias cidades do Sul de Minas Gerais.

A segunda trilha, denominada de Caminho do Sol, um pouco menor, possui 209 quilômetros, partindo de Santana do Parnaíba, cidade histórica na Região Metropolitana de São Paulo, passando por Pirapora do Bom Jesus, Itu, **Piracicaba**, até atingir Águas de São Pedro, onde se localiza um altar dedicado a Santiago de Compostela, o primeiro construído fora da Europa (Folha de S. Paulo, 2002).

Uma terceira trilha, em projeto, seria um percurso de 105 quilômetros, que refaz o itinerário percorrido pelo Padre José de Anchieta, no Espírito Santo, ligando Vitória à atual Anchieta (Folha de S.Paulo, 2002).

98

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10

Ao contrário da Europa, onde castelos medievais se sucedem através dos caminhos, em nossas trilhas ou caminhos pode-se ver e hospedar-se em muitas fazendas do século XIX, que testemunharam o esplendor da cultura cafeeira; além disso, o contato com áreas de mata atlântica de escassa população, principalmente no Caminho da Fé, torna a peregrinação um atrativo a mais, até para aqueles que não possuem tanta fé assim.

Finalizando, as peregrinações aos lugares sagrados pode ser caracterizada como um fenômeno antigo e mundial, variando em diferentes escalas, desde a global, com os abastados peregrinos que seguem até Santiago de Compostela, passando por uma escala nacional, com a maioria dos peregrinos de um dia só, que vão até Aparecida.

Os lugares sagrados parecem ter sempre um local no imaginário humano, em todos os povos, em todas as sociedades e classes sociais. Mesmo com o fenômeno de mundialização, que presenciamos, além das tecnologias de transporte de altíssima qualidade em alguns países, o homem ainda busca o seu caminho no planeta, na busca incessante e contínua para responder àquela clássica indagação: "para onde vou ?"... os lugares sagrados parecem responder a essa indagação !

BIBLIOGRAFIA

- Atlas Mundial Microsoft Encarta – versão multimídia, 1995-1999.
- CASTRO, Maria Laura Viveiros. **Superproduções populares**. Sem data.
- D'AMBRÓSIO, Oscar. **Milagres da santa de casa** in *Jornal da Unesp*, ano XVI, no. 161, pp. 06-07, 2001.
- D'AMBRÓSIO, Oscar. **Os santos de casa** in *Jornal da Unesp*, ano XV, no. 140, pp. 08-09, 1999.
- FOLHA DE S. PAULO. **Santos populares atraem fiéis**. *Cadeno Campinas*, pp. C 12, edição 29.12.2002, São Paulo, SP.
- FOLHA DE S. PAULO. **Andar com fé**. *Cadeno Campinas*, pp. C1-C5, edição 22.12.2002, São Paulo, SP.
- VITARELLI, Flávio **Turismo Religioso: jubileu do Senhor Bom Jesus de Matosinhos – Congonhas do Campo, MG**. Monografia. Universidade Federal de Ouro Preto, 1999.

99

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10



O Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba (IHGP) Inicia Nova Fase de Funcionamento

Fundado em 1967, o IHGP hoje reúne importante acervo bibliográfico de livros e periódicos, nas áreas de História e Geografia, especialmente no que se refere a Piracicaba e região. Tem coleções numerosas do Jornal de Piracicaba, da Gazeta de Piracicaba, da Tribuna, Diário, Democrata, Província e de outros jornais, revistas e almanaques, alguns de grande interesse e valor histórico. Publica a Revista IHGP, com publicação que já atinge dez volumes.

Todas essas informações vinham sendo, porém, pouco aproveitadas, por não existirem facilidades para consultas. Mas a atual Diretoria do IHGP, chefiada pelo seu Presidente Haldumont Nobre Ferraz e diretores, está tomando providências oportunas e necessárias para favorecer o uso de todo esse acervo, tendo como diferencial uma Central de Pesquisas e Consultas, inclusive com planos de informatização de todas as obras e periódicos, trazendo maior agilidade e comodidade aos pesquisadores e consultores da Central.

Para ter acesso a todas essas importantes informações, o usuário deverá cadastrar-se no Instituto, cuja sede tem por endereço a Rua do Rosário, 871, Piracicaba – SP. Maiores informações pelo telefone (19) 3434 8811.

101

IHGP

REVISTA DO
INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE
PIRACICABA
Ano X - 2003
Número 10